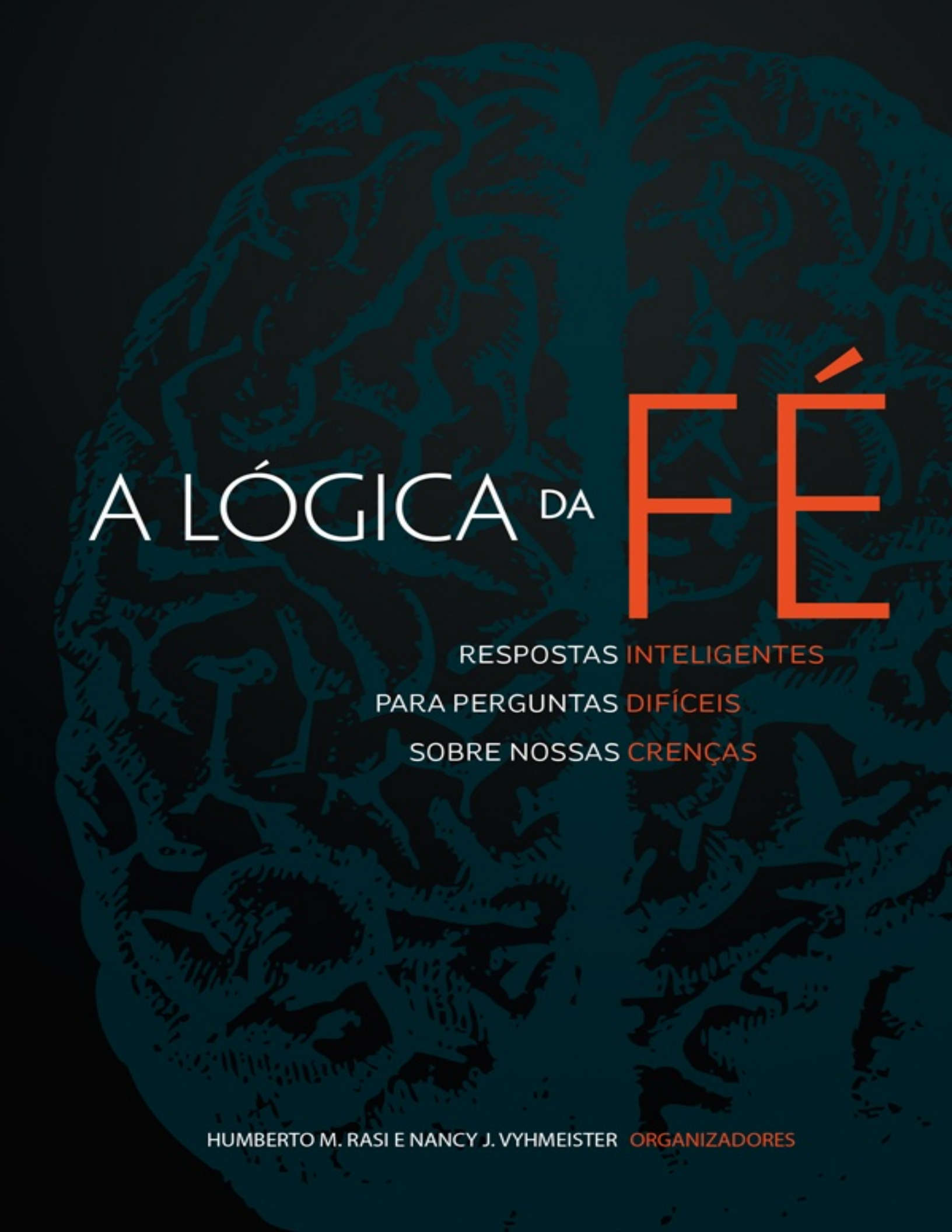


A LÓGICA DA FÉ

RESPOSTAS INTELIGENTES
PARA PERGUNTAS DIFÍCEIS
SOBRE NOSSAS CRENÇAS

HUMBERTO M. RASI E NANCY J. VYHMEISTER ORGANIZADORES


A LÓGICA DA FÉ
RESPOSTAS INTELIGENTES
PARA PERGUNTAS DIFÍCEIS
SOBRE NOSSAS CRENÇAS
HUMBERTO M. RASI E NANCY J. VYHMEISTER ORGANIZADORES

A LÓGICA DA FÉ

RESPOSTAS INTELIGENTES
PARA PERGUNTAS DIFÍCEIS
SOBRE NOSSAS CRENÇAS

Organizadores
Humberto M. Rasi e Nancy J.Vyhmeister

Tradução
Delmar F. Freire

Casa Publicadora Brasileira
Tatuí, SP

Título original em inglês:
Always Prepared

Direitos de tradução e publicação em
língua portuguesa reservados à
Casa Publicadora Brasileira
Rodovia SP 127 – km 106
Caixa Postal 34 – 18270-970 – Tatuí, SP
Tel.: (15) 3205-8800 – Fax: (15) 3205-8900
Atendimento ao cliente: (15) 3205-8888
www.cpb.com.br

1ª edição neste formato
Versão 1.1
2014

Coordenação Editorial: Marcos De Benedicto
Editoração: Vinícius Mendes e Guilherme Silva
Revisão: Adriana Seratto
Design Developer: Fernando Santana
Projeto Gráfico: Fábio Fernandes
Capa: Eduardo Olszewski
Imagens da Capa: Fotolia

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

A Lógica da fé [livro eletrônico]: respostas inteligentes para perguntas difíceis sobre nossas crenças / organizadores Humberto M. Rasi e Nancy J. Vyhmeister ; tradução Delmar F. Freire. – 1. ed. – Tatuí, SP : Casa Publicadora Brasileira, 2014.
988 kb ; ePub

Título original: Always Prepared.
ISBN 978-85-345-2085-0

1. Igreja Adventista do Sétimo Dia – Obras apologéticas – Miscelânea I. Rasi, Humberto M.. II. Vyhmeister, Nancy J..

14-05845 CDD-230.732

Índices para catálogo sistemático:
1. Igreja Adventista do Sétimo Dia: Fé: Defesa : Apologética : Cristianismo 230.732

EDITORA AFILIADA

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio, *sem prévia autorização escrita* do autor e da Editora.

14828/31004

Introdução

Em sua maioria, os seres humanos são questionadores e vivem em constante busca por algo que seja superior a si mesmos, algo que possa dar significado e propósito para a vida. Ao longo dos séculos, homens e mulheres têm escolhido mitos, religiões, filosofias ou ideologias políticas que sirvam de base para sua existência neste planeta. Pessoas com capacidade de raciocinar têm examinado as ideias e opções disponíveis, tentando encontrar um núcleo de crenças que possam declarar digno de confiança e acolher como verdade.

Naturalmente, os relativistas negam a existência da verdade, os agnósticos tentam permanecer descomprometidos e os pós-modernos
acreditam que, embora a verdade exista, ela está além do alcance humano. Porém, uma filosofia que nega a possibilidade de haver uma verdade acaba solapando sua validade, e a realidade força os que estão em cima do muro a fazer escolhas éticas na vida real a cada dia.

Ao começarmos a busca por um conjunto de crenças para guiar nossa vida e basear nossas escolhas morais, devemos decidir entre uma explicação natural ou uma explicação sobrenatural para a existência do Universo e da vida. Uma explicação sobrenatural nos leva a um mito ou a uma religião. Entretanto, uma explicação naturalista – de que matéria e vida surgiram espontaneamente do nada e evoluíram progressivamente mediante o acaso e as leis naturais – também é mítica ou quase religiosa, uma vez que requer crença em milagres.

A busca pela verdade

Todas as religiões afirmam possuir e comunicar a verdade, mas nem todas podem ser igualmente verdadeiras. Todas podem ser falsas ou somente uma pode ser verdadeira por suas crenças estarem em contradição umas com as outras. Se for provado que todas são falsas, chegamos a uma posição relativista ou agnóstica. Porém, se uma delas pode ser verdadeira, devemos avaliar suas afirmações sobre o que seja a verdade. As afirmações oferecem respostas satisfatórias para nossos questionamentos e anseios mais profundos? Suas crenças são internamente coerentes e aplicáveis a situações da vida real? Ela fornece evidências que apelam à razão? Seus verdadeiros seguidores têm uma vida digna? As respostas a essas perguntas têm uma importância vital, sendo que a maneira como vivemos geralmente ilustra aquilo que sustentamos ser verdade e também porque a validade suprema dessas verdades determinará o que

acontece conosco agora e no fim da vida.

O cristianismo é uma religião que faz afirmações específicas sobre a verdade. Seu Fundador, Jesus Cristo, apelava para as Escrituras e para Suas próprias ações como evidências das verdades que Ele vivia e ensinava (Jo 5:39, 40). Ele antecipou que Seus seguidores travariam suas maiores batalhas no terreno da mente humana. É nessa arena que argumentos são pesados para se chegar a conclusões – onde estão engajadas a razão e a vontade. Ele também conhecia o grande potencial de transformação que as ideias têm. "E conhecerão a verdade", disse Ele, "e a verdade os libertará (Jo 8:32). E acrescentou: "Eu sou [...] a verdade" (Jo 14:6). Isso nos leva, inevitavelmente, a examinar a confiabilidade da Bíblia como um documento digno de confiança e a avaliar a consistência e o impacto duradouro dos ensinamentos de Jesus sobre Seus seguidores e sobre o mundo em geral.

Além disso, o apóstolo Pedro desafiou os cristãos com estas palavras:

> "Não fiquem amedrontados." Antes, santifiquem Cristo como Senhor em seu coração. Estejam sempre preparados para responder a qualquer pessoa que lhes pedir a razão da esperança que há em vocês. Contudo, façam isso com mansidão e respeito, conservando boa consciência
> (1Pe 3:14-16).

Nessa curta passagem, Pedro salienta nossa responsabilidade, como cristãos, de interagirmos com familiares, vizinhos, amigos e colegas que talvez não compartilhem de nossas convicções.

- Esteja preparado. Precisamos conhecer as principais ideias de nosso tempo como também os argumentos usados contra o cristianismo bíblico. Antes de nos aprofundarmos em uma discussão sobre religião, devemos explorar algumas das ideias possivelmente preconcebidas daquela pessoa com quem estamos dialogando.
- Apresente razões. Devemos ser capazes de articular uma explicação para nossas crenças básicas de maneira que elas possam ser compreendidas e avaliadas pelos outros. Também devemos responder às objeções comuns contra o cristianismo bíblico. Nossos argumentos devem ser consistentes e baseados em evidências razoáveis.
- Comprometimento com a fé. A confiança e a esperança do cristão estão centradas na pessoa de Jesus Cristo – Sua divindade, a veracidade de Sua existência e de Seus atos e a confiabilidade de Seus ensinamentos e

promessas.

- Quem está perguntando? Nossas explicações devem estar afinadas com aqueles com quem estamos falando, cujas ideias podem ser as de um interessado sincero ou de um crítico astuto. Essa pessoa pode não ter uma educação formal ou pode ser alguém com um pós-doutorado.
- Seja gentil. Devemos apresentar nossas convicções com cortesia e respeito. Além disso, precisamos estar abertos ao diálogo. A verdade pode ser rejeitada simplesmente por ser comunicada de maneira arrogante ou condescendente.
- Uma consciência clara. Nossas razões e explicações podem não convencer a outra pessoa durante a discussão, mas podem ter um impacto maior e mais duradouro se nossas palavras e comportamento forem consistentes.
- Nosso foco e objetivo. O propósito supremo de nossa interação, além de comunicar aspectos específicos da fé, é levar o interlocutor a conhecer e aceitar Jesus Cristo como Salvador e Senhor.

O propósito deste livro

Este livro articula 20 perguntas comuns com as quais os cristãos que creem na Bíblia se deparam especialmente quando se inserem nos meios acadêmicos. As respostas encontradas aqui pretendem ajudar essas pessoas a se firmarem em suas crenças à medida que avançam em seus estudos, perseguem graus acadêmicos elevados e interagem com outros profissionais. Além de contribuir com dois dos capítulos, os coeditores reuniram um grupo internacional de experientes autores, educadores e pesquisadores que deram respostas abalizadas para essas perguntas fundamentais. Cada autor, naturalmente, assume a responsabilidade pelo conteúdo do capítulo que escreveu.

Todos os que contribuem compartilham várias convicções. Vejamos algumas: o registro bíblico é um documento confiável no qual a nossa fé está ancorada; as Escrituras revelam um Deus sábio e poderoso que tem profunda consideração para com cada ser humano; Deus nos tem dado evidências suficientes para que possamos depositar nossa confiança nEle. Em outras palavras, a fé e a razão não são incompatíveis. Concordamos que o cristianismo bíblico pode enfrentar, sem dano, uma análise minuciosa e que, ao mesmo tempo, nossa compreensão da verdade total é limitada e progressiva. Em realidade, Deus é honrado quando procuramos entendê-Lo e amá-Lo com toda a nossa mente (Mt 22:37), e Ele está sempre pronto para guiar-nos “a toda a verdade” (Jo 16:13).

Também cremos que a Bíblia transmite o amplo contorno de uma

metanarrativa que inclui sete momentos-chave na história universal: (1) em algum ponto do passado remoto, Deus cria o Universo perfeito, enchendo-o com criaturas inteligentes e livres; (2) uma criatura exaltada se rebela contra os princípios de Deus e, depois de uma luta, ela é banida para a Terra com seus seguidores; (3) durante uma semana, em um passado recente, Deus torna este planeta habitável e cria plantas e vida animal, inclusive o primeiro par de humanos, que é dotado de livre-arbítrio; (4) tentado pela criatura rebelde, o primeiro casal desobedece a Deus e toda a vida neste planeta sofre as consequências, entre elas um devastador dilúvio global; (5) Jesus Cristo, o próprio Criador, vem à Terra para resgatar os seres humanos caídos, oferecendo-lhes salvação gratuita e poder para viver vidas transformadas; (6) no fim dos tempos, Cristo retorna em glória, como prometeu, e assegura vida eterna para os que aceitaram Sua oferta de perdão e salvação; (7) depois do milênio, Cristo volta para executar o juízo final e restaurar toda a criação à sua perfeição original, uma condição que durará para sempre.

Este livro, portanto, é destinado aos cristãos interessados em fundamentos racionais para sustentar sua fé e que também desejam compartilhar esses argumentos com amigos e colegas, ajudando a remover obstáculos para a fé que podem existir na mente de céticos. O livro também é destinado àqueles que desejam aprender mais sobre as crenças básicas sustentadas pelos cristãos em geral e, em particular, pelos adventistas do sétimo dia. Os autores e editores tentaram fornecer respostas amplas e honestas baseadas em seus próprios estudos, reflexões e experiências de vida com o propósito de alcançar um círculo amplo de
leitores.

Nossa gratidão

Desejamos expressar nosso profundo apreço a cada um dos que contribuíram para este volume, pela disposição de compartilhar seus conhecimentos e preparar suas contribuições ao mesmo tempo em que estavam ativamente envolvidos em responsabilidades relacionadas com pesquisas, ensino e administração. Naturalmente, mais perguntas poderiam ter sido colocadas, mas as que escolhemos servirão como amostras de uma abordagem a problemas relacionados com a fé, a partir da perspectiva de uma cosmovisão bíblica coerente e integrada. Nosso agradecimento a Jerry D. Thomas, vice-presidente de desenvolvimento de produtos da Pacific Press, que apoiou este projeto desde sua concepção e nos incentivou durante todo o processo.

Também agradecemos a você, querido leitor, por dedicar tempo para este livro e confiar que seus capítulos o ajudarão a encontrar uma compreensão mais profunda sobre a verdade, o que, por sua vez, irá levá-lo a uma vida mais cheia de esperança.

Ao começarmos a explorar juntos os problemas, as questões e as respostas contidas neste livro, compartilhamos a profunda sabedoria desta antiga oração:

Da covardia que se encolhe diante de nova verdade,
Da indolência que se contenta com meias verdades,
Da arrogância que pensa conhecer toda a verdade –
Oh, Deus da verdade, livra-nos!

Autor Desconhecido

Humberto M. Rasi e Nancy W. Vyhmeister
Loma Linda, Califórnia

Richard M. Davidson

Capítulo 1

Quão Confiável é a Bíblia?

Durante toda a história da era cristã e, em particular, desde o tempo do Iluminismo do século 18, muitos céticos têm questionado a confiabilidade da Bíblia. O surgimento recente do pós-modernismo trouxe com ele uma nova rodada de questionamentos a respeito da confiabilidade da Bíblia. Neste ensaio, examinamos várias linhas de evidência que apoiam a conclusão de que a Bíblia é, de fato, confiável.

O autotestemunho da Bíblia

A Bíblia afirma ser verdadeira e totalmente digna de confiança, insistindo em dizer que sua mensagem vem, em última análise, do próprio Deus. No Antigo Testamento, há cerca de 1.600 ocorrências de quatro palavras hebraicas (em quatro frases diferentes e com pequenas variações) que indicam explicitamente que Deus falou: (1) "declara [*n^{e}'um*, literalmente "a fala do"] o Senhor", (2) "assim diz o Senhor",
(3) "e Deus disse", e (4) "a palavra do Senhor".[1] Vários escritores do Antigo Testamento afirmam que o que está nas Escrituras é verdade plenamente confiável (2Sm 7:28; Ne 9:13; Sl 19:9; 119:142, 160; Dn 10:21). As principais palavras em hebraico para "verdade", *'emunah* e *'emet*, implicam uma nuance específica de "confiabilidade". [2] O próprio Jesus, sem hesitar, afirmou a confiabilidade das Escrituras: "a Tua palavra é a verdade" (Jo 17:17); "a Escritura não pode ser anulada" (Jo 10:35). Os escritores do Novo Testamento insistem em que as Escrituras são inspiradas por Deus. Por isso, o texto sagrado é plenamente confiável (2Tm 3:16; 2Pe 1:21).

Confiabilidade textual

Examinaremos primeiramente a confiabilidade dos manuscritos do texto bíblico em suas línguas originais, o hebraico e o aramaico (Antigo Testamento) e o grego (Novo Testamento). A história de como o texto bíblico foi transmitido

revela como ele tem sido preservado cuidadosamente ao longo dos séculos até os dias de hoje. No que diz respeito ao Antigo Testamento, durante as décadas anteriores à II Guerra Mundial, críticos acadêmicos subestimaram o texto recebido (massorético) em hebraico/aramaico. Nessa época, o manuscrito mais antigo datava de aproximadamente 900 d.C., e as edições críticas do hebraico bíblico propunham milhares de supostas emendas ao texto. Desde 1947, porém, com a descoberta dos Manuscritos do Mar Morto (MMM) contendo a totalidade ou fragmentos de cada livro do Antigo Testamento, exceto o de Ester, acadêmicos têm se maravilhado ao descobrir como os massoretas passaram, virtualmente sem nenhuma modificação, a tradição textual de mais de mil anos. Como diz Bruce Waltke: “A presença de um tipo de texto entre os MMM (cerca de 200 a.C. a 100 d.C.) idêntico àquele preservado pelos massoretas, cujos manuscritos existentes datam de cerca de 900 d.C., é o testemunho de uma incrível realização de alguns escribas na preservação fiel do texto.” [3]

No que diz respeito ao Novo Testamento, a quantidade de evidências escritas para o texto grego é muito mais disponível do que para qualquer outro documento do mundo antigo. Existem mais de 5 mil manuscritos gregos de alguma parte ou de todo o texto neotestamentário, aproximadamente 2 mil lecionários gregos (compilações do NT organizadas de acordo com a ordem do uso litúrgico), cerca de 8 mil manuscritos em latim, mais de mil manuscritos de outras versões antigas como o siríaco e o cóptico e milhares de citações – virtualmente todo o Novo Testamento – de diversos pais da igreja primitiva. A quantidade real de variações relevantes entre esses escritos é muito pequena. F. F. Bruce resume: “As leituras variantes sobre as quais permanece alguma dúvida entre os críticos textuais do Novo Testamento não afetam nenhuma questão material do fato histórico ou da fé e prática cristãs.” [4]

Confiabilidade histórica

Diferentemente dos textos sagrados da maioria das outras religiões,
a Bíblia está repleta de referências históricas, sendo, portanto, passível de verificações cruzadas com outras fontes Numerosos exemplos têm sido apresentados para se demonstrar as alegadas imprecisões históricas das Escrituras. Essas alegações têm sido repetidamente desmascaradas à medida que antigos registros históricos vêm à tona. No século 19, afirmava-se com frequência, por exemplo, que a nação hitita, várias vezes mencionada no Antigo Testamento, nunca existira; mas o extenso Império Hitita foi, subsequentemente, descoberto na Turquia moderna. [5] Até poucos anos atrás, os acadêmicos

insistiam que os camelos só foram domesticados muito tempo depois de Abraão, considerando anacrônicos os relatos de camelos entre os rebanhos dos patriarcas. Evidências fortes, porém, têm surgido indicando que a domesticação de camelos é muito antiga. [6] Comprovações históricas têm surgido evidenciando a precisão de variados aspectos da vida doméstica entre os patriarcas (ver o caso dos tabletes de Mari e Nuzi). [7] A existência de Belsazar, rei da Babilônia, foi questionada por muito tempo por acadêmicos, a despeito de sua menção no livro de Daniel; mas muitos detalhes de sua vida e reinado têm aparecido desde então nos registros históricos. [8] Por muito tempo, os críticos consideraram a cronologia dos reis hebreus como algo confuso e impreciso, mas o trabalho de Edwin Thiele e outros demonstrou a incrível confiabilidade e a consistência da cronologia encontrada nos livros de Reis e Crônicas. [9]

O renomado egiptólogo Kenneth A. Kitchen dedicou grande parte da sua carreira acadêmica a comparar os dados históricos das Escrituras com outros registros antigos do Oriente Próximo. Em sua obra mais importante, *On the Reliability of the Old Testament* [Sobre a Confiabilidade do Antigo Testamento], ele dá detalhes de seus achados. Sua conclusão não deixa dúvidas: “Temos um nível consistente de boas correlações, todas baseadas em fatos, que vêm desde cerca de 2.000 a.C. (com raízes ainda mais antigas) e vão até 400 d.C. Em termos da confiabilidade geral – e poderíamos apresentar mais exemplos do que caberiam aqui – o Antigo Testamento aparece muito bem, desde
que os seus escritos e escritores sejam tratados de maneira justa e imparcial, alinhados com dados independentes e abertos para todos.” [10]

O mesmo pode ser dito a respeito do Novo Testamento. Paul Barnett, em seu abrangente livro *Is the New Testament Reliable?* [O Novo Testamento é Confiável?], resume muitas maneiras “pelas quais podemos fazer verificações cruzadas de dados históricos de diferentes fontes quanto às origens de Jesus e dos cristãos. [...] Em muitos pontos de importância histórica sobre Jesus e o início do cristianismo, temos não uma, mas várias fontes independentes, nem todas simpáticas a Jesus. Se aceitamos a historicidade da guerra judaica com base em fontes independentes que podem ser verificadas, é inconsistente questionar a essencial historicidade de Jesus e da igreja primitiva”. [11]

Diferentemente de boa parte do jeito oriental próximo e greco-romano de escrever a história, que tem muito de propaganda – o que se pode ver nos anais históricos de importantes impérios mundiais, onde não estão registradas as derrotas nem as falhas pessoais dos reis, os registros bíblicos não encobrem as derrotas de Israel em algumas de suas batalhas nem tampouco as falhas morais

de figuras históricas. Temos numerosas ocasiões mencionadas nas Escrituras em que Israel fracassou por não confiar em Deus, sofrendo derrotas nas mãos dos inimigos. Quanto a indivíduos proeminentes na linhagem do concerto, encontramos, por exemplo, o registro de como Jacó enganou seu pai para roubar de seu irmão os privilégios da primogenitura (Gn 27). Também temos o relato dos pecados de adultério e assassinato do rei Davi (2Sm 11; 12). Assim, a história bíblica é, de fato, mais fiel aos fatos da vida do que os escritos históricos das nações circunvizinhas.

Confiabilidade profética

O que mais distingue as Escrituras dos textos sagrados de outras religiões e de toda a literatura antiga é a sua afirmação de antever com precisão o futuro distante. De todos os 31.124 versos da Bíblia, 8.352 deles (cerca de 27% do total) contêm algum tipo de predição. [12] O profeta Isaías desafiou os assim chamados deuses do antigo Oriente Próximo a provar sua existência por meio de sua habilidade de predizer o futuro: “Revelem-nos o futuro, para que saibamos que eles são deuses” (Is 41:23; cf. 45:21; 46:10). Da mesma forma, Jesus enfatizou o cumprimento profético como uma evidência da veracidade de Suas afirmações: “Isso Eu lhes digo agora, antes que aconteça, para que, quando acontecer, vocês creiam” (Jo 14:29).

Outro capítulo deste livro discutirá a profecia preditiva de maneira mais detalhada, mas apresentamos aqui algumas amostras de predições incrivelmente precisas sobre eventos futuros que são apresentadas na Bíblia. [13] Já no tempo de Moisés, Deus predisse que o Messias viria da tribo de Judá (Gn 49:10). Posteriormente, profetas do Antigo Testamento predisseram o nascimento virginal do Cristo (Is 7:14), o lugar de Seu nascimento (Mq 5:2) e seu crescimento na Galileia (Is 9:1, 2). O livro de Daniel registra a predição do anjo Gabriel sobre o tempo exato da
vinda de Jesus como o “Ungido” na profecia das setenta semanas de anos (Dn 9:24-27), começando com o decreto de Artaxerxes em 457 a.C. para reconstruir Jerusalém, o que foi cumprido quando Cristo foi ungido pelo Espírito Santo por ocasião de Seu batismo, em 27 d.C. Nessa profecia, a morte de Jesus também estava prevista para ocorrer na metade da última semana de anos, ou seja, em 31 d.C.

As profecias de Daniel, do sexto século a.C., também previram o curso exato da história com os impérios mundiais se sucedendo exatamente como foi demonstrado na visão: Babilônia, Média-Pérsia, Grécia, Roma (Dn 2; 7; 8) e os

reinos divididos. Jeremias predisse os setenta anos do cativeiro judaico em Babilônia (Jr 29:10). Com um século de antecedência, Isaías predisse – por nome! – o surgimento de Ciro, rei dos persas, a conquista de Babilônia por seus soldados, que desviaram as águas do rio Eufrates, e o decreto de Ciro que permitiu a volta dos cativos israelitas para sua pátria (Is 44:24-28; 45:1, 13). Ezequiel predisse a queda da cidade de Tiro, dando detalhes impossíveis de ser antecipados: o continente (a antiga cidade) destruído por Nabucodonosor, outra nação (Alexandre e os gregos) vindo mais tarde contra a nova cidade-ilha, deixando o antigo local liso como uma rocha plana usada para estender redes e os entulhos lançados nas águas, e o reino de Tiro nunca mais se levantando (Ez 26:1-21). Calcula-se que poderia haver uma única chance em 75 milhões de que todos esses fatos concernentes à sorte de Tiro se cumprissem como foram preditos. [14] Essa e muitas outras predições cumpridas constituem uma poderosa evidência de confiabilidade da Bíblia.

Confiabilidade científica

Embora a Bíblia não afirme ser um livro sobre ciência, declarações feitas pelas Escrituras sobre assuntos de cosmologia e fenômenos da natureza revelam notável confiabilidade e grande precisão a despeito de declarações contrárias. Por exemplo, com frequência tem sido afirmado que a palavra hebraica *raqia'*, que aparece em Gênesis 1 e normalmente é traduzida como "firmamento" em Bíblias em português, era entendida pelos hebreus antigos como uma cúpula ou abóbada hemisférica que repousava sobre um disco plano – a Terra. Mas pesquisas recentes têm demonstrado que essa interpretação está baseada em uma tradução incorreta do termo babilônico, de onde o conceito hebraico alegadamente deriva. Ocorre que a antiga Mesopotâmia não possuía esse conceito de uma abóbada celestial sólida, e o termo hebraico *raqia'* não se refere a uma cúpula sólida, ficando mais bem traduzido como "expansão" ou "céu". [15] Além disso, a Bíblia hebraica descreve a Terra não como um disco plano, mas com uma forma esférica suspensa no espaço, sem repousar sobre coisa alguma. Isaías testifica:

> Ele Se assenta no Seu trono, acima da cúpula [chug] da Terra, cujos habitantes são pequenos como gafanhotos. Ele estende os céus como um forro, e os arma como uma tenda para neles habitar (Is 40:22).

A palavra hebraica *chug*, frequentemente traduzida como "círculo", significa,

literalmente, “esfera”. Jó declara: “Ele estende os céus do norte sobre o espaço vazio; suspende a Terra sobre o nada” (Jó 26:7; cf. 28:25).

O relato da criação encontrado em Gênesis 1 e 2 tem sido, em grande medida, desconsiderado entre acadêmicos bíblicos e cientistas, que preferem favorecer alguma forma de teoria evolutiva naturalista. Entretanto, muitas evidências emergiram em anos recentes em favor de um paradigma alternativo, o projeto inteligente. [16] Além disso, um crescente número de cientistas altamente graduados tem escolhido crer na criação da vida na Terra em seis dias literais em vez de acreditar na evolução darwinista ou teísta. [17] Em discussões sobre a criação, com frequência afirma-se que Gênesis 1 e 2 apresentam relatos contraditórios sobre as origens. Assim, esses capítulos não são contados como históricos. Mas uma análise mais cuidadosa revela que Gênesis 1 e 2 são relatos plenamente complementares. [18] Talvez o argumento mais forte contra a criação recente de seis dias venha da datação radiométrica de rochas da Terra, que aponta para longas eras. Porém, uma leitura mais cuidadosa de Gênesis 1:1-3 sugere que a Terra ainda sem forma e vazia poderia, de fato, ter sido criada muito tempo atrás (v. 1, 2); enquanto a vida, só mais recentemente, durante os seis dias da semana da criação (v. 3-31). [19]

Passagens bíblicas descrevem com precisão o ciclo hidrológico da Terra (Jó 36:27, 28), as correntes globais dos ventos (Ec 1:6, 7) e as correntes oceânicas (Sl 8:8). Ao contrário do consenso de cientistas e filósofos da antiguidade de que o Universo não estava em decadência, a Bíblia, de maneira precisa, descreve o fenômeno do Universo “[envelhecendo] como vestimentas” (Sl 102:26; Is 51:6; cf. Mt 24:35). Jeremias, com precisão, descreve a impossibilidade humana de contar as estrelas (Jr 33:22). Muitas outras passagens ilustrativas da confiabilidade científica da Bíblia poderiam ser citadas nas áreas de hidrologia, geologia, astronomia, meteorologia, biologia e física. [20]

A Bíblia é surpreendentemente atual no que diz respeito aos princípios de vida saudável. Uns poucos exemplos incluem a recomendação de evitar comer gordura e o sangue da carne (Gn 9:4; Lv 3:17; 17:10-14); os benefícios de uma dieta baseada em plantas (Gn 1:29; Dn 1:10-20); a redução da ansiedade e das preocupações (Pv 12:22; Mt 6:25-34; Fp 4:6); os benefícios psicossomáticos de uma atitude positiva e alegre para a saúde (Pv 17:22) e o benefício da regularidade e simplicidade nos hábitos alimentares (Ec 10:17). A legislação bíblica, que vem de 3.500 anos atrás, também reflete conhecimentos de higiene, saneamento e quarentena bastante avançados para aquele tempo (Dt 23:12-14; Lv 11-15). [21]

Confiabilidade teológica e espiritual

Várias linhas de evidências convergem para apoiar a confiabilidade teológica e espiritual da Bíblia. A notável unidade e consistência dos temas bíblicos centrais, embora tenham sido compostos durante um período de 1.600 anos e por mais de 35 autores diferentes, testificam em favor da confiabilidade de toda a mensagem teológica da Bíblia (ver 2Pe 1:21). [22]

A requintada arte literária da poesia e narrativa bíblica somada aos belíssimos padrões literários presentes no texto aponta para a inspiração de sua mensagem, assim como, na ciência, a viabilidade de uma dada hipótese é, em última análise, corroborada por sua elegância estética. [23]

A profundidade do pensamento teológico contido nos temas grandiosos e majestosos da Bíblia e os mistérios que vão sendo continuamente revelados à medida que você pesquisa com maior profundidade são evidências de um Autor Divino grandioso e majestoso e, por isso mesmo, de sua confiabilidade teológica (Sl 92:5; 119:18; Rm 11:33-35).

O poder moral das Escrituras de transformar a vida das pessoas dá testemunho da confiabilidade de suas afirmações morais (Hb 4:12; Jo 17:17). Histórias de vidas transformadas, tais como a de John Newton, autor da letra do hino “Preciosa Graça”, [24] podem ser combinadas com relatos sobre a lealdade de mártires ao se apegarem às Escrituras mesmo enfrentando a morte [25] para apresentar evidências da confiabilidade das Escrituras, que afirmam prover poder espiritual transformador e graça sustentadora por meio do Espírito de Cristo.

A Bíblia contém mais de 5 mil promessas e, de maneira específica, convida o leitor a reclamar essas promessas e provar, por si mesmo, a sua confiabilidade espiritual. Pedro testifica: “Dessa maneira, Ele nos deu as Suas grandiosas e preciosas promessas, para que por elas vocês se tornassem participantes da natureza divina e fugissem da corrupção que há no mundo, causada pela cobiça” (2Pe 1:4). A abundância de testemunhos pessoais quanto à fidelidade de Deus no cumprimento de Suas promessas para os que as reclamam constitui uma poderosa evidência da confiabilidade das reivindicações espirituais das Escrituras. [26]

A prova suprema da confiabilidade da Bíblia: a experiência espiritual e o testemunho interior do

Espírito Santo

João Calvino observou corretamente que todas as evidências da confiabilidade das Escrituras (como as que resumimos anteriormente) são de valor apenas relativo, e são úteis somente à luz da suprema evidência: o testemunho interior do Espírito Santo. Ele escreve:

> O testemunho do Espírito é superior à razão. Somente Deus pode dar testemunho de Suas palavras, e até que eles sejam selados pelo testemunho interior do Espírito, essas palavras não obterão crédito pleno no coração dos homens. [27]

> Em vão teria a autoridade das Escrituras sido fortificada por argumentos, ou apoiada pelo consentimento da Igreja, ou confirmada por outro tipo de ajuda, se não fosse acompanhada de uma segurança mais elevada e mais forte do que pode dar o julgamento humano. Até que seja assentado esse melhor alicerce, a autoridade das Escrituras permanece em suspenso. [28]

A Bíblia nos convida a "provar e ver que o Senhor é bom" (Sl 34:8), e promete que "a fé vem por se ouvir" (Rm 10:17). Pessoalmente, tenho "saboreado" a Palavra de Deus. Tenho reclamado as milhares de promessas da Bíblia relacionadas tanto às necessidades espirituais como materiais (ver Sl 119:9, 11, 104; Pv 3:5, 6; Jo 16:13; Fp 4:6, 7; Tg 1:5), e descobri que Deus é fiel no cumprimento de Sua Palavra. Passei a confiar na Pessoa que está por trás do Livro, a Palavra Viva que está por trás de Sua Palavra Escrita
(Jo 1:1; Ap 19:13). Embora as outras evidências da confiabilidade da Bíblia tenham o seu devido peso em meu pensamento, foi o testemunho interior do Espírito que trouxe a convicção de que as Escrituras são plenamente confiáveis (Jo 3:33; Rm 8:16; 1Jo 5:6). Em minha experiência, descobri ser verdadeira a descrição de Ellen White: "'Por que creio na Bíblia? – Porque achei que ela é a voz de Deus falando à minha alma.' Podemos ter em nós mesmos o testemunho de que a Bíblia é verdadeira." [29] Convido o leitor a "saborear" esse livro sagrado e ver que o Deus das Escrituras é bom e digno de confiança. Esteja aberto a receber o testemunho interior do Espírito. Ele nos mostra que a Bíblia é, de fato, a plenamente confiável Palavra de Deus.

Leitura adicional:

Lutzer, Erwin W. *Seven Reasons Why You Can Trust the Bible*. Chicago: Moody, 1998.
MacArthur, John, Jr. *You Can Trust the Bible*. Chicago: Moody, 1988.
McDowell, Josh. *Evidence That Demands a Verdict: Historical Evidences for the Christian Faith*. San Bernardino, CA: Campus Crusade for Christ International, 1972.
_____. *More Evidence That Demands a Verdict: Historical Evidences for the Christian Scriptures*. San Bernardino, CA: Campus Crusade for Christ International, 1975.
Muncaster, Ralph O. *Can You Trust the Bible?* Eugene, OR: Harvest House, 2000.

Richard M. Davidson foi pastor no Arizona por alguns anos antes de ir para o Seminário Teológico da Universidade Andrews, onde permanece até hoje. Ali, obteve seu PhD em Antigo Testamento em 1980. Durante esses anos, ele tem lecionado para centenas de seminaristas. Por 25 anos, foi diretor do Departamento de Antigo Testamento. Sua influência tem ultrapassado a sala de aulas por meio de seus escritos, inclusive os livros A Love Song for the Sabbath [Uma Canção de Amor pelo Sábado] e Flame of Yahweh: Sexuality in the Old Testament [A Chama de Jeová: A Sexualidade no Antigo Testamento]. Davidson escreveu inúmeras monografias e artigos para o público em geral, como também para o público erudito. Ele tem apresentado palestras para audiências eruditas e também em reuniões da Igreja Adventista do Sétimo Dia nos Estados Unidos, Europa, Ásia e América Latina. Mesmo em meio aos seus deveres profissionais, ele é um membro ativo de sua congregação adventista em Eau Claire, Michigan. Sua esposa, Jo Ann Davidson, é autora de um dos capítulos deste livro.

1 Richard M. Davidson, “Interpretação Bíblica”, em *Tratado de Teologia Adventista*, ed. Raoul Dederen (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2011), p. 72.

2 Ver F. Brown, S. R. Driver e C. A. Briggs, *A Hebrew and English Lexicon of the Old Testament* (Nova York: Oxford University Press, 1952; nova impressão, Grand Rapids: Baker, 1981), p. 53, 54.

3 Bruce K. Waltke, “The Textual Criticism of the Old Testament”, em *The Expositor’s Bible Commentary*, ed. Frank E. Gaebelein (Grand Rapids: Zondervan, 1979), v. 1, p. 214.

4 F. F. Bruce, *The New Testament Documents: Are They Reliable?*, 6ª ed. (Grand Rapids: Eerdmans, 2003), p. 14, 15.

5 Orley Berg, “The Hittites – Fact or Fiction?”, em *Treasures in the Sand: What Archaeology Tells Us About the Bible* (Boise, ID: Pacific Press, 1993), p. 163-168; cf. Ekrem Akurgal, *The Hattian and Hitite*

Civilizations (Ancara, Turquia: Ministério da Cultura da República da Turquia, 2001).

6 Randall W. Younker, "Late Bronze Age Camel Petroglyphs in the Wadi Nasib, Sinai", *Near East Archaeological Society Bulletin* 42 (1997), p. 47-54.

7 M. J. Selman, "Comparative Customs and Patriarchal Age", em *Essays on the Patriarchal Narrative*, ed. A. R. Milard e D. J. Wiserman (Winona Lake, IN: Eisenbrauns, 1983), p. 91-139.

8 Kenneth A. Kitchen, *On the Reliability of the Old Testament* (Grand Rapids: Eerdmans, 2003), p. 73, 74.

9 Edwin R. Thiele, *The Mysterious Numbers of the Hebrew Kings*, ed. rev. (Grand Rapids: Zondervan, 1983).

10 Kitchen, *On the Reliability of the Old Testament*, p. 500.

11 Paul Barnett, *Is the New Testament Reliable?*, 2ª ed. (Downers Grove, IL: InterVarsity, 2003), p. 168, 170.

12 J. Barton Payne, *Encyclopedia of Biblical Prophecy* (Grand Rapids: Baker, 1980), p. 13.

13 Para um útil resumo de predições bíblicas cumpridas na história, ver especialmente Bill Wilson, comp., *The Best of Josh McDowell: A Ready Defense* (Nashville, TN: Thomas Nelson, 1994), p. 56-73, e John Ankerberg e John Weldon, *A Handbook of Biblical Evidences* (Eugene, OR: Harvest House, 1997), p. 211-257.

14 Peter W. Stoner, *Science Speaks: An Evaluation of Certain Christian Evidences* (Chicago: Moody, 1963), p. 80, citado em Wilson, *The Best of Josh McDowell*, p. 63. Cf. Siegfried H. Horn, *The Spade Confirms the Book*, ed. atualizada e ampliada (Washington, DC: Review and Herald, 1980), p. 296-305.

15 Ver Randall W. Youker e Richard M. Davidson, "The Myth of the Solid Heavenly Dome" (monografia apresentada no Concílio de Fé e Ciência da Igreja Adventista do Sétimo Dia, Universidade Andrews, 21 de outubro de 2009).

16 Ver especialmente William Dembski, *Intelligent Design: The Bridge Between Science and Theology* (Downers Grove, IL: InterVarsity, 1999). Para um resumo sucinto sobre o movimento do projeto inteligente e evidências de apoio, ver Leonard Brand, *Faith, Reason, and Earth History*, 2ª ed. (Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 2009), p. 88-107.

17 Ver, por exemplo, John F. Ashton, ed., *In Six Days: Why Fifty Scientists Choose to Believe* em *Creation* (Sydney: New Holland, 1999).

18 Randall W. Younker, "Genesis 2: A Second Creation Account?", em *Creation, Catastrophe, and Calvary*, ed. John T. Baldwin (Hagerstown, MD: Review and Herald, 2000), p. 59-78.

19 Richard M. Davidson, "The Biblical Account of Origins", *Journal of the Adventist Theological Society* 14 (2003), p. 19-25.

20 Uma amostra dessas evidências é dada em Ankerberg e Weldon, *A Handbook of Biblical Evidence*, p. 339-340. Cf. A. E. Wilder-Smith, *The Reliability of the Bible* (San Diego, CA: Master, 1983); e Henry Morris, *The Biblical Basis for Modern Science* (Grand Rapids: Baker, 1984).

21 S. I. Mcmillen, *None of These Diseases: The Bible's Health Secrets for the 21st Century*, ed. rev. (Grand Rapids: Fleming H. Revell, 2000).

22 Ver Daniel P. Fuller, *The Unity of the Bible: Unfolding God's Plan for Humanity* (Grand Rapids: Zondervan, 1992); e Walter C. Kaiser Jr., *Recovering the Unity of the Bible* (Grand Rapids: Zondervan,

2009).

23 Para o valor estético das Escrituras e as implicações disso para a veracidade da mensagem bíblica, ver especialmente Jo Ann Davidson, *Toward a Theology of Beauty: A Biblical Perspective* (Lanham: University Press of America, 2008).

24 Wayne Hooper e Edward E. White, *Companion to the Seventh-day Adventist Hymmal* (Hagerstown, MD: Review and Herald, 1988), p. 159, 652-653.

25 Ver, por exemplo, John Foxe, *Fox'es Book of Martyrs* (Philadelphia: Key, Mielke & Biddle, 1832; reedição, Springdale: Whitaker House, 1981); e Thieleman J. Van Braght, *The Bloody the Testimony of Jesus, Their Savior, From the Time of Christ Until the Year A.D. 1660* (New Lampeter Square, PA: David Miller, 1837; reimpressão, Scottdale: Herald Press, 2006).

26 Ver, por exemplo, Glen A. Coon, *God's Promises Solve My Problems* (Mountain View, CA: Pacific Press, 1979); e Arthur T. Pierson, *George Müller of Bristol* (Wetswood: Fleming H. Revell, 1899; reimpressão, Peabody: Hendrickson, 2008).

27 John Calvin, *Institutes of the Christian Religion*, trad. Henry Beveridge (Grand Rapids: Eerdmans, 1966), 1.7.4, p. 72.

28 Calvin, 1.8.1, p. 74, 75. No livro 1, capítulo 8, p. 74-83, Calvino fornece treze "provas" da credibilidade das Escrituras.

29 Ellen G. White, *Caminho a Cristo* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira [CD-ROM], 2001), p. 112.

Jo Ann Davidson

Capítulo 2

O que Significa Dizer que a Bíblia é “Inspirada”?

Muitas das principais religiões têm o que, às vezes, chamamos de “texto sagrado”. O que os cristãos chamam de “Santas Escrituras” é considerado um desses. Ela é avaliada como a melhor peça literária oriunda do cristianismo, sendo igualada aos escritos de Buda, ao Bhagavad Gita do hinduísmo, ou até mesmo aos excelentes materiais devocionais de Martin Luther King Jr. e Madre Teresa de Calcutá.

A pergunta que precisa ser feita, todavia, é: Todos os “textos sagrados” são semelhantes? Por que os cristãos têm insistido na natureza absoluta da Santa Bíblia? À luz do pensamento contemporâneo, devemos considerar uma vez mais o principal livro-texto da fé cristã e sua autoridade suprema para os cristãos.

A natureza da Bíblia

Em primeiro lugar, precisamos reconhecer as pressuposições e os parâmetros fundamentais dentro dos quais os escritores bíblicos operam. Felizmente, eles são frequentemente declarados de maneira explícita. Por exemplo, nenhum dos escritores bíblicos jamais tentou provar a existência de Deus. Todos eles, sem exceção, assumem que Ele existe. Os profetas bíblicos demonstram ter um conhecimento real do Deus Infinito. Afirmam em alto e bom som: “Assim diz o Senhor!” Estão absolutamente convencidos de que Deus fala por meio deles.

Além disso, todos os escritores bíblicos creem em Deus quando Ele insiste que pode predizer o futuro e que fazer isso é uma marca de Sua divindade. Isaías escreveu: “As profecias antigas aconteceram, e novas Eu anuncio; antes de surgirem, Eu as declaro a vocês” (Is 42:9), “Desde os dias mais antigos Eu o sou” (Is 43:13). Por intermédio dos profetas, Deus anunciou as grandes profecias de tempo concernentes à história das nações e também à vinda do Messias. Algumas mentes modernas presumem que Deus não pode ser tão preciso. Por

isso, sugerem que essas profecias foram escritas depois dos fatos ocorridos, mas em forma de predições. No entanto, essa atitude moderna de duvidar da capacidade de Deus prever o futuro nunca é encontrada em nenhum dos escritores bíblicos.

Além disso, os escritores bíblicos estão absolutamente certos de que, embora seja infinito, Deus Se comunica com os seres humanos. A linguagem humana não é barreira para uma comunicação direta com Deus.

Em realidade, com grande frequência, Deus é mencionado como a Pessoa que realmente está falando por meio do profeta. Por exemplo, as palavras de Elias, em 1 Reis 21:19, são referidas em 2 Reis 9:25 como a "advertência que o Senhor proferiu contra Acabe". Elias nem sequer é mencionado.

O trabalho do profeta

A mensagem do profeta sempre é equivalente à fala direta de Deus. A identificação das palavras de um profeta com as palavras divinas é tão forte no Antigo Testamento que, muitas vezes, lemos sobre Deus falando "por intermédio" de um profeta. Desobedecer às palavras de um profeta era desobedecer a Deus. Em Deuteronômio 18:19, o Senhor fala por meio de Moisés sobre um profeta que há de vir: "Se alguém não ouvir as Minhas palavras, que o profeta falará em Meu nome, Eu mesmo lhe pedirei contas."

Os escritores bíblicos também registraram numerosas ocasiões em que Deus falou diretamente a seres humanos no Antigo Testamento, incluindo conversações com Adão e Eva depois da Queda (Gn 1:28-30; 3:9-19) e com Jó (Jó 38-41). Também há o chamado divino de Abraão (Gn 12:1-3), que foi a primeira de várias conversas (inclusive a longa conversa registrada em Gn 18:1-23); mais tarde, encontramos o diálogo entre Deus e Moisés, no episódio da sarça ardente (Êx 3:1-4; 17). O código civil no Pentateuco está registrado como palavras faladas por Deus diretamente para Moisés. A conversação com Elias, no monte Horebe (1Rs 19:9-18), é uma das muitas conversas de Deus com os profetas.

Os profetas do Antigo Testamento são consistentemente retratados como mensageiros enviados por Deus para falar Suas palavras. O uso repetido da fórmula introdutória "assim diz o Senhor", ou o seu equivalente, determina a plena autoridade de uma mensagem profética. De fato, uma característica saliente dos verdadeiros profetas em todo o Antigo Testamento é que eles não falam suas próprias palavras. Deus disse a Jeremias e Ezequiel: "Agora ponho em sua boca as Minhas palavras" (Jr 1:9); "Você lhes falará as Minhas

palavras”(Ez 2:7; cf. 3:27). E os que se recusaram a ouvir um profeta foram responsabilizados por não ouvir “as palavras do Senhor que falou por intermédio de Jeremias, o profeta” (Jr 37:2, ARA).

Essas numerosas evidências sugerem enfaticamente que os profetas bíblicos experimentaram algo muito mais significativo do que um “encontro divino” que teria meramente implantado uma convicção mística e/ou admiração por Deus no coração deles. Os encontros de Deus com seres humanos não produzem sentimentos gloriosos, mas proporcionam conhecimento verdadeiro! (Dt 29:29). Significativamente, uma das Pessoas da Trindade é conhecida como o “Verbo” (Jo 1:1).

Muitos relatos sobre Deus falando estão intimamente relacionados com um profeta escrevendo as palavras divinas, as quais são consideradas como tendo plena autoridade. Alguns exemplos ilustram isso: “Disse o Senhor a Moisés: Escreve isto para memória num livro” (Êx 17:14). “Moisés escreveu todas as palavras do Senhor” (Êx 24:4). “Josué registrou essas coisas [os estatutos, ordenanças e palavras da renovação da aliança, Js 24:25] no Livro da Lei de Deus” (v. 26; sobre Josué como profeta, cf. 1Rs 16:34; Js 1; 5; 16-18). Até mesmo o processo do registro, com o redator sendo “movido” ou “impelido” (2Pe 1:21), é divinamente inspirado. Essa comunicação escrita, por conseguinte, tem autoridade divina, conforme testificou Moisés: “Nada acrescentem às palavras que eu lhes ordeno e delas nada retirem, mas obedeçam aos mandamentos do Senhor, o seu Deus, que eu lhes ordeno” (Dt 4:2).

Revelação e inspiração

A revelação ou inspiração divina nunca é controlada por seres humanos. Ela não é uma realização humana, mas uma atividade divinamente controlada. Tanto no Antigo quanto no Novo Testamento testifica-se que a verdade de Deus não é o produto final de uma diligente pesquisa humana acerca do divino, nem os melhores pensamentos de alguém sobre assuntos da divindade. Ela vem exclusivamente por meio da iniciativa divina de revelar-Se. O livro de Hebreus declara a divina autoridade da palavra de Deus: “Mais afiada que qualquer espada de dois gumes; ela penetra até o ponto de dividir alma e espírito, juntas e medulas, e julga os pensamentos e intenções do coração” (Hb 4:12). Um profeta não fala sobre Deus. Na realidade, é Deus quem fala por Si mesmo por intermédio de Seus profetas. E a linguagem humana, presume-se, é capaz de transmitir o que é comunicado por Deus.

Os escritores do Novo Testamento refletem a mesma autoridade dos profetas

do Antigo Testamento, insistindo que eles falam por meio do Espírito Santo (1Pe 1:10-12), a quem creditam seus ensinamentos (1Co 2:12, 13). De maneira significativa, o mesmo Paulo que apela para os crentes se esforçarem para trabalhar em paz, juntos, frequentemente usa uma linguagem severa para defender a verdade absoluta do evangelho pregado por ele (Gl 1:6-9). O ensinamento apostólico é muito diretivo, emitindo ordens com autoridade absoluta (1Ts 4:1; 2:2; 2Ts 3:6, 12: “nós lhes ordenamos”).

Os profetas e os apóstolos não descrevem como reconheceram a palavra de Deus ao ela chegar até eles, mas fica claro que eles estavam certos de que Deus havia falado. Alguma vezes, Ele falava de maneiras que não eram prontamente compreendidas, o que, ocasionalmente, gerava objeções. Eles, no entanto, nunca questionavam a origem divina da mensagem. Mas a Bíblia não foi ditada verbalmente por Deus. O mensageiro humano era divinamente guiado na escolha das palavras adequadas para expressar a revelação divina. A individualidade de cada escritor é evidente, ainda que os elementos humano e divino sejam virtualmente inseparáveis. Ellen White apresenta algumas intrigantes revelações: “A Escritura Sagrada, com suas divinas verdades, expressas em linguagem de homens, apresenta uma união do divino com o humano.” [1] E acrescenta: “A inspiração não atua nas palavras do homem ou em suas expressões, mas no próprio homem que, sob a influência do Espírito Santo, é possuído de pensamentos. As palavras, porém, recebem o cunho da mente individual. [...] A mente divina, bem como Sua vontade, é combinada com a mente e a vontade humanas; assim as declarações do homem são a Palavra de Deus.” [2]

A continuidade e a unidade do Antigo e do Novo Testamento

Uma leitura mais atenta dos textos bíblicos revela uma continuidade e uma unidade básicas de ambos os Testamentos. Extensivas citações de material do Antigo Testamento presentes no Novo Testamento indicam que os escritos do Antigo Testamento eram considerados como revelação divina pelos escritores do Novo Testamento. Alguns dos muitos exemplos incluem as palavras de Isaías 7:14, às quais se faz referência em Mateus 1:22: “Tudo isso aconteceu para que se cumprisse o que o Senhor dissera pelo profeta.” Jesus cita Gênesis 2:24 como palavras ditas por Deus (Mt 19:4, 5). Ao citar o que foi dito pelo profeta Joel (Jl 2:28-32), Pedro insere “diz Deus”, atribuindo a Deus as palavras de Joel (At 2:16, 17). Paulo e Barnabé citam Isaías 49:6 como algo que “o Senhor [...]

ordenou” (At 13:47), implicando que uma profecia do Antigo Testamento colocava uma obrigação moral também sobre eles. Paulo escreve que o Espírito Santo falou por meio do profeta Isaías
(At 28:25). Ele também cita em Romanos 9:17 a fala de Deus em Êxodo 9:16, com as seguintes palavras: “A Escritura diz ao Faraó.” Isso indica uma equivalência entre o que a Escritura do Antigo Testamento diz com o que Deus afirma.

Assim como no Antigo Testamento, os escritores do Novo Testamento também sabiam que é possível para Deus falar diretamente com as pessoas na linguagem humana. Vejamos alguns exemplos: o batismo de Jesus (Mt 3:17), a transfiguração (Mc 9:7; Lc 9:35), a conversão de Saulo (At 9:4), as instruções para Ananias (At 9:11-16),
a visão de Pedro (At 10:13), a revelação para João (Ap 1:11-3:22). O próprio Jesus insistiu várias vezes que Ele falava as palavras de Deus. Por exemplo: “O Pai que Me enviou Me ordenou o que dizer e o que falar” (Jo 12:49). Paulo afirmou ter recebido revelações de Deus: “Se alguém pensa que é profeta ou espiritual, reconheça que o que lhes estou escrevendo é mandamento do Senhor” (1Co 14:37).

A mente dos escritores do Novo Testamento estava saturada com o Antigo Testamento. Eles o citavam extensivamente a fim de embasar a teologia a respeito da qual argumentavam. Os quatro evangelhos deixam muito claro que Jesus Cristo recorreu sem reservas ao Antigo Testamento, confirmando sua absoluta autoridade. Em Seus ensinamentos e em Sua ética, o Antigo Testamento foi basilar. As profecias do Antigo Testamento foram o padrão para Sua vida, como indicam Suas frequentes declarações “para que se cumprisse” ou “como está escrito”. Ele não repreendeu os teólogos judeus de Seu tempo por estudarem o Antigo Testamento, mas, sim, por permitirem que a tradição humana encobrisse ou mesmo falsificasse a palavra escrita de Deus (Jo 17:12; Mc 7:1-13).

Jesus esperava que todos aceitassem a autoridade do Antigo Testamento. Ele indagou: “Vocês não leram o que fez Davi?” Ou então: “Vocês não leram na Lei?’’ (Mt 12:3-5). Ao Lhe perguntarem sobre a questão do divórcio, Ele respondeu: “Vocês nunca leram?” (Mt 21:16). Em uma ocasião, ao ser questionado, Jesus contou uma parábola e a terminou perguntando: “Vocês não leram o que as Escrituras Sagradas dizem?” (Mc 12:10, NTLH). Respondendo à pergunta feita por um doutor da lei sobre a salvação, Jesus perguntou: “Que está escrito na Lei? Como você a lê?” (Lc 10:26). O doutor da lei citou os Dez

Mandamentos, ao que Jesus declarou: “Você respondeu corretamente” (v. 28). Questionado sobre os eventos do Monte das Oliveiras, Jesus instou que Seus interrogadores estudassem Daniel (Mt 24:15).

O apóstolo Paulo fez contínua referência ao Antigo Testamento e insistiu em afirmar sua autoridade. Por exemplo, em sua carta aos Romanos, ele apresentou, com base no Antigo Testamento, um poderoso argumento em favor do evangelho. No processo, demonstra o supremo princípio de escutar o que as Escrituras dizem sobre si mesma.

A confiabilidade da Bíblia

Embora às vezes se diga hoje em dia que a veracidade da Bíblia não inclui, necessariamente, detalhes históricos, Jesus e os escritores do Novo Testamento usaram narrativas históricas do Antigo Testamento para enfatizar a certeza de ações futuras de Deus. A história de Israel atingiu seu clímax com a vinda de Jesus. Todo o Antigo Testamento estava resumido nEle. Paulo afirmou que toda a Escritura foi “inspirada por Deus” (2Tm 3:16), [3] sem fazer diferença entre livros ou seções diferentes. O livro-texto que os cristãos sustentam ser a mais alta autoridade é autoautenticada de maneira impressionante. David Dockery chega a dizer: “Devemos resistir em relacionar a inspiração divina meramente com o conteúdo e não com a forma, ao propósito da Bíblia e não à sua essência, ou aos seus pensamentos e não às suas palavras. Toda a Escritura é inspirada.” [4] Este é um ponto crucial: “Talvez não tenha sido afirmado com suficiente ênfase que *em nenhum lugar* do Antigo Testamento e do Novo Testamento algum autor dá *qualquer* indicação de tender a desconfiar ou considerar ligeiramente duvidosa qualquer parte das Escrituras. Centenas de textos incentivam o povo de Deus a confiar totalmente nas Escrituras, mas nenhum texto incentiva qualquer dúvida ou desconfiança nas Escrituras.” [5]

Ao contrário daqueles que, hoje, sugerem que diferentes porções das Escrituras são passíveis de questionamento, Ellen White declara enfaticamente:

> Haveria um ser humano que ousasse tomar a Bíblia e dizer que essa parte é inspirada e aquela outra não é inspirada? Eu deixaria que os meus dois braços fossem arrancados dos meus ombros antes de fazer uma declaração ou exprimir um juízo sobre a Palavra de Deus no que diz respeito ao que é inspirado e ao que não é inspirado. [...]
>
> Que nunca o homem mortal possa vir a julgar a Palavra de Deus ou sentenciar quanto dela é inspirado, quanto não é inspirado e que esta parte é

mais inspirada do que aquela outra. Deus o adverte para que se aparte desse terreno. Deus não lhe há dado a fazer tal obra. [...]

Nós os conclamamos a tomar sua Bíblia, mas não para pôr mãos sacrílegas sobre ela e dizer: “Isso não é inspirado”, simplesmente porque alguém o disse. Nem sequer um jota ou um til jamais foram removidos dessa Palavra. Afastem suas mãos, irmãos! Não toquem a arca. [6]

O próprio Deus expressa o mesmo sentimento:

Assim diz o Senhor: “O Céu é o Meu trono, e a Terra, o estrado dos Meus pés. Que espécie de casa vocês Me edificarão? É este o Meu lugar de descanso? Não foram as Minhas mãos que fizeram todas essas coisas, e por isso vieram a existir?”, pergunta o Senhor. “A este Eu estimo: ao humilde e contrito de espírito, que treme diante da Minha palavra” (Is 66:1, 2).

A doutrina cristã das Escrituras versa sobre um livro. Mas, em realidade, ele é mais que um livro. A Bíblia nos coloca frente a frente com um Deus que anseia por Seus filhos, que está empenhado em comunicar-lhes o Seu amor, e que os ama mais do que a própria vida. Fleming Rutledge expressa meus sentimentos de maneira eloquente: “Sempre que penso que estou perdendo a fé, o relato da Bíblia me captura mais uma vez com uma vida que é dela própria. Nenhum outro documento religioso tem esse poder. Apesar de todos os argumentos em contrário, permaneço convencida de que Deus realmente habita nesse texto. [...] O Deus que proclamamos hoje não é uma ‘vaga abstração’ dos filósofos ou a ‘sombra insubstancial’ dos seguidores da Nova Era. [...] Ele é o Deus vivo.” [7]

Jo Ann Davidson é filha de missionários e adventista de quarta geração. Antes de se tornar a primeira mulher a ensinar no Seminário Teológico da Universidade Andrews, ela se dedicava a lecionar para os filhos em casa e ao ensino de música. No ano 2000, obteve o PhD em teologia sistemática na Trinity Evangelical Divinity School. *Tem publicado artigos na* Adventist Review, *na* Signs of the Times *e no* Journal of the Adventist Theological Society. Sua coluna “Let’s Face It” (Vamos Encarar Isso, em tradução livre), que apresenta a teologia com um viés feminino, aparece regularmente na revista Perspective Digest. Ela também é autora dos livros Jonah: The Inside Story [Jonas, a História do Lado de Dentro], Glimpses of Our God [Vislumbres do Nosso Deus] e Toward a Theology of Beauty: A Biblical Perspective [Rumo a Uma Teologia

Sobre o Que é Belo: Uma Perspectiva Bíblica]. Ela encontra grande realização em seus variados papéis como esposa, mãe, filha, irmã, tia, professora, musicista, estudante e cristã adventista do sétimo dia.

1 Ellen G. White, *O Grande Conflito* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2001 [CD-ROM]), p. 7.

2 Ellen G. White, *Mensagens Escolhidas* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2001 [CD-ROM]), v. 1, p. 21.

3 O texto grego usa o termo *theopneustos*, que significa “Deus soprou”.

4 David Dockery, *Christian Scripture: An Evangelical Perspective on Inspiration, Authority and Interpretation* (Nashville, TN: Broadman and Holman, 1995), p. 40.

5 Wayne A. Grudem, “Scripture’s Self-Attestation and the Problem of Formulating a Doctrine of Scripture”, em *Scripture and Truth*, ed. D. A. Carson e John D. Woodbridge (Grand Rapids: Baker, 1992) p. 58, 59; itálico de Grudem.

6 Ellen G. White, citada em “Ellen G. White Comments”, *Seventh-day Adventists Bible Commentary* (Washington, DC: Review and Herald, 1957), v. 7, p. 919, 920.

7 Fleming Rutledge, *Help My Unbelief* (Grand Rapids: Eerdmans, 2000), p. 25.

Randall W. Younker

Capítulo 3

Até Que Ponto as Descobertas Arqueológicas Confirmam a Bíblia?

Há vários anos, a rede de TV americana Public Broadcasting Service (PBS) levou ao ar um programa especial sobre o Gênesis. Embora o programa tenha recebido muitas críticas favoráveis, uma pergunta que aparentemente ficou na mente de muitas pessoas foi pronunciada de maneira aberta no artigo da revista americana *Newsweek*, de 20 de outubro de 1996, cujo título era: "Mas Tudo Isso Realmente Aconteceu?" A capa da edição de 25 de outubro de 1999 do periódico *U.S. News & World Report* trouxe uma pintura que representava Eva oferecendo uma maçã para Adão e, abaixo, a indagação: "A Bíblia é Verdadeira?" Essas duas importantes revistas salientam uma pergunta que continua a atormentar as pessoas nos dias de hoje – a Bíblia é verdadeira?

Por que essa pergunta continua a incomodar a sociedade contemporânea? Uma coisa é ler e até apreciar as histórias que há na Bíblia. Outra coisa muito diferente é acreditar que elas realmente aconteceram. Se Deus, de fato, entrou na história, em nosso tempo e espaço – se as histórias da Bíblia forem verdadeiras e as afirmações que ela faz forem reais (por exemplo, Jesus verdadeiramente está voltando à Terra como Juiz e Redentor) – isso também deve significar que os humanos têm certas obrigações morais para com Deus e o próximo!

Importância da história bíblica para a fé

O filósofo evangélico cristão Ronald Nash [1] e o teólogo Gerhard Maier [2] reconhecem que é impossível haver fé – e o relacionamento pessoal com Deus que ela pressupõe – sem a história. A razão para isso, afirmam eles, é que nos eventos históricos (passados e presentes) encontramos Deus, chegamos a

conhecê-Lo e desenvolvemos uma relação pessoal com Ele. Depois de apoiar essa ideia com vários exemplos das Escrituras, Maier comenta: “A fé só pode surgir onde Deus agiu e não apenas pensou. Isto é, ela surge como fé bíblica somente no terreno da revelação da Palavra de Deus, quando esta se manifesta na história.” [3]

O erudito evangélico Carl F. H. Henry indica que “Deus revela a Si mesmo [...] dentro dessa história externa por meio de atos salvíficos singulares”. [4] Portanto, acrescenta Gerhard Maier, devemos insistir que “atos históricos” pertencem, inseparavelmente, à revelação divina.

> Deus é a base suprema da história. Deus Se revelou na história de tal modo que Sua revelação pudesse ser discernida em meio a uma raça humana caída. Quando falamos da natureza histórica da Bíblia, temos em mente precisamente essa transição da eterna revelação divina para o mundo atual, no tempo e no espaço (*transitio revelationis*). [5]

Significativamente, Maier tem o cuidado de notar que, por si só, a investigação histórica não consegue criar fé, pois a fé requer uma relação pessoal com o Deus que nos encontra nos eventos da história. Esse encontro com Deus não é simplesmente um conhecimento ou persuasão, em um nível intelectual, de que Deus existe – muitos podem acreditar na existência de Deus, mas não creem nEle de fato, e não serão salvos.

É por essa razão, em parte, que os cristãos são (ou deveriam ser) relutantes em dizer que a história (ou a arqueologia) “comprova” a fé. Por si mesma, ela não consegue fazê-lo. Porém, a história desempenha um papel crucial porque o genuíno conhecimento interpessoal se torna impossível quando separado do conhecimento histórico. É o que indica Nash:

> Por mais que a dimensão do conhecimento baseado na fé seja análoga ao conhecimento interpessoal, fica óbvio que um compromisso baseado na fé requer um conhecimento histórico prévio. A confiança é inseparável do conhecimento. Quando uma pessoa faz amizade ou se apaixona por alguém, faz um compromisso que vai além do que conhece; apesar disso, no entanto, o compromisso nunca teria sido feito sem que houvesse o conhecimento prévio. A pessoa que faz o compromisso raciocina que, embora possa haver várias coisas que ela não conheça sobre a outra, ela sabe o suficiente para acreditar, confiar e fazer um compromisso que vai além das evidências. Mas, mesmo assim, o comprometimento é baseado em

algumas evidências. [6]

Além disso, o conhecimento cognitivo continua sendo importante e até essencial para o conhecimento interpessoal. O conhecimento *histórico* continua sendo relevante mesmo depois de ser feito um compromisso pessoal. [7]

O que a arqueologia pode e não pode fazer

A arqueologia, naturalmente, é um método científico de "ressuscitar" a história. Assim, sua relevância para a exploração da história bíblica parece óbvia. Entretanto, existem algumas coisas que a arqueologia não pode ou não deveria fazer. Por exemplo, a arqueologia não deveria ser considerada uma autoridade final no que diz respeito à veracidade bíblica. Isso equivale a dizer que o propósito da arqueologia não pode ser o de comprovar a Bíblia. Se conferirmos à arqueologia essa posição, teremos subjugado a uma autoridade fora do texto sagrado a autoridade que a própria Bíblia atribui a si mesma. Além do mais, como observa o arqueólogo adventista e erudito em Antigo Testamento, Lloyd Willis: "Visto que a arqueologia é, por natureza, interpretativa [subjetiva], aparentes contradições são inevitáveis, e os cristãos podem ser deixados em um dilema. A fé precisa ser depositada em Deus e nas Escrituras." [8] Existem outras debilidades peculiares à arqueologia que também a tornam inadequada como autoridade absoluta. De maneira geral, ela não pode provar detalhes de eventos historicamente significativos, tampouco pode verificar as dimensões teológicas dos eventos bíblicos. Por essas e outras razões, a arqueologia não provê um fundamento apropriado para a fé.

Contribuições da arqueologia

A despeito dessas limitações, a arqueologia pode trazer diversas contribuições para a Bíblia. Por exemplo, ela pode ser um meio de avaliar reconstruções de textos bíblicos feitas por críticos históricos. Isso quer dizer que a arqueologia pode desmascarar teorias ruins sobre a Bíblia ou, num enfoque mais positivo, pode prover um ponto de vista diferente "contra o qual testar [...] uma interpretação [histórico-
crítica] dos documentos". [9] Em segundo lugar, a arqueologia pode prover o cenário e o contexto – histórico, cultural, linguístico e religioso – para a redação de materiais bíblicos e os eventos que esses materiais descrevem. Nesse sentido, ela pode, em algumas situações, fornecer esclarecimentos. Além disso, ela pode,

às vezes, oferecer evidências corroborativas da existência de povos, lugares e até de eventos específicos mencionados nos escritos bíblicos.

As contribuições da arqueologia podem não ser essenciais para o crente, embora possam ser edificantes para uma fé já estabelecida. Contudo, a arqueologia pode ajudar o descrente que se vê desafiado por afirmações de que eventos e pessoas da Bíblia são totalmente fictícios. Naturalmente, dados arqueológicos não podem, por si sós, resultar em conversões – somente o Espírito Santo pode fazer isso – mas eles podem fornecer informações que o Espírito Santo poderá usar para impressionar de maneira positiva um indivíduo que esteja em dúvida.

Arqueologia, personagens e eventos bíblicos

Pode ser interessante e útil ver exemplos de contribuições da arqueologia para a compreensão da história bíblica. Desde o começo das explorações modernas do antigo Oriente Próximo, a arqueologia tem verificado continuamente a existência de pessoas mencionadas na Bíblia, como também a ocorrência de eventos bíblicos. A primeira dessas descobertas a apresentar uma relação direta com as Escrituras foi feita em 1843, por Paul Emile Botta (1802-1870), um oficial consular e antiquário francês. Ele estava escavando em Khorsabad, local também conhecido como Dur Sharrukin (castelo de Sargon), no Iraque, e encontrou alguns tabletes cuneiformes, como também baixos-relevos com inscrições. Ao trazer tudo isso para a Europa, um erudito chamado Longperrier conseguiu decifrar o nome *Sar-gin* em uma das inscrições, identificando esse nome com Sargom, o rei da Assíria mencionado em Isaías 20:1. Provavelmente, esse foi o primeiro personagem bíblico que teve a existência confirmada independentemente da Bíblia.

Em 1846, um clérigo irlandês chamado Edward Hincks conseguiu ler o nome do rei Nabucodonosor (II) e de seu pai em tijolos de barro que viajantes haviam trazido da Mesopotâmia. Isso confirmou a existência dessa pessoa mencionada no livro de Daniel, como também sua afirmação de ser o grande construtor de Babilônia.

Mais ou menos nessa mesma época, o arqueólogo britânico Austen Henry Layard estava nos sítios vizinhos de Kuyunjik e Nebi Yunus (o lugar tradicional da sepultura de Jonas), os quais se revelaram parte da Nínive bíblica. [10] Entre os achados bíblicos significativos descobertos por Layard estava o Obelisco Negro (1846). Nele, alguns eruditos
puderam identificar os nomes de pessoas mencionadas na Bíblia: Salmaneser

(III), a mesma pessoa mencionada em 2 Reis 17:3, e Jeú, filho da casa de Onri. Jeú, naturalmente, foi o rei de Israel conhecido pela maneira agressiva de conduzir sua carruagem (2Rs 9:20). Por volta de 1853, Layard, com a ajuda de especialistas em epigrafia, pôde afirmar que havia encontrado cerca de 55 governadores, cidades e países mencionados tanto no Antigo Testamento como nos recentemente descobertos textos assírios. [11]

Embora muitos achados adicionais tenham ocorrido de 1850 a 1990, algumas das recentes descobertas têm sido igualmente animadoras. Entre essas estão a provável ossada de Caifás, o sumo sacerdote que oficiou parte do julgamento de Jesus; a descoberta do nome do rei Davi em uma pedra em Tel Dan; o nome de Baruque, o escriba de Jeremias (como também sua impressão digital); e o selo do rei Ezequias.

Cenários e contexto histórico, cultural, linguístico e religioso

A arqueologia tem fornecido contundentes revelações históricas, culturais, linguísticas e religiosas sobre a queda de Laquis, que é narrada em 2 Reis 18. Temos não apenas o relato bíblico, mas também a narrativa pictórica de Senaqueribe, que foi recuperada de seu palácio, e também a narrativa escrita pelo próprio rei sobre a batalha. Além disso, o sítio arqueológico de Laquis foi escavado, trazendo à luz ainda mais detalhes da batalha. Essas descobertas nos têm fornecido informações sobre todo tipo de detalhes pertinentes a esse evento bíblico.

Rebatendo críticas contra a historicidade da Bíblia

A área final em que a arqueologia pode dar sua contribuição é na refutação dos desafios que os críticos têm imposto contra a veracidade da história bíblica. Por exemplo, durante a última parte do século 19, quando o método histórico-crítico veio a ser largamente aceito, um exemplo favorito apresentado para ilustrar uma pretensa imprecisão da história bíblica eram as referências existentes em Daniel a Belsazar como o último rei de Babilônia. Alguns eruditos como Ferdinand Hitzig, em seus comentários sobre Daniel, [12] foram tão longe, a ponto de sugerir que Belsazar era pura invenção da parte do escritor do capítulo 5 de Daniel. Todavia, como se sabe hoje, em 1854, alguns cilindros de barro foram encontrados na antiga cidade de Ur. Sobre um desses cilindros,

estava inscrita uma oração em favor do rei Nabonido e de seu filho – Belsazar. Outros documentos foram descobertos depois, os quais indicam que o rei Nabonido preferiu morar em Teima, norte da Arábia, do que na capital, Babilônia. Aparentemente, ele deixou o filho, Belsazar, encarregado como o segundo – uma espécie de corregente – do reino. Essa posição designada para Belsazar explica por que ele ofereceu a Daniel a terceira maior posição da nação, em vez da segunda, a qual ele, Belsazar, já ocupava.

O ponto aqui, todavia, não é mostrar como a arqueologia tem comprovado a Bíblia. Em realidade, nenhum desses tabletes de Belsazar realmente se refere àqueles eventos finais e fatídicos da grande parede do palácio, descritos por Daniel, em que o rei foi pesado na balança e achado em falta. Nesse caso, a arqueologia é mais eficaz para refutar as afirmações dos críticos de que Belsazar nunca existiu do que para provar serem verdadeiros os relatos bíblicos dos eventos. As evidências arqueológicas de que esse indivíduo realmente existiu podem até ser gratificantes para o crente, mas não são – e nem deveriam ser – necessárias para provar a historicidade da Bíblia.

Outra objeção dos críticos é a aparente presença de anacronismos na Bíblia. Por anacronismo queremos dizer um evento ou fenômeno de um período mais recente da história sendo descrito como se fosse de um período mais antigo. Alguns exemplos apontados como anacronismo incluem as referências a camelos e tendas nas narrativas patriarcais (Gn 12:16). Argumentava-se que os camelos não foram domesticados até cerca de metade do primeiro milênio a.C., bem depois do suposto período patriarcal, no segundo milênio. Semelhantemente, argumentava-se que morar em tendas (como na história de Abraão e sua família) era mais comum no primeiro milênio do que no segundo. As referências às tendas e camelos eram, portanto, anacrônicas, e lançavam dúvidas sobre a confiabilidade histórica das narrativas de Gênesis.

Minha pesquisa sobre camelos domesticados demonstra que os críticos estão equivocados. Por exemplo, durante uma excursão ao Wadi Nasib, no Sinai, em julho de 1998, notei um petróglifo de um camelo sendo conduzido por um homem, não muito distante de uma estela de Amenemes II, e algumas inscrições protossinaíticas (alfabeto primitivo). Tomando como base a pátina dos petróglifos e as datas das inscrições ali presentes e em restos arqueológicos naquela vizinhança, verificamos que esse petróglifo de camelo data da Idade do Bronze Posterior, provavelmente anterior a 1.500 a.C. [13] Claramente, os eruditos que têm negado a presença de camelos domesticados no segundo milênio a.C. cometeram a falácia de usar o silêncio como argumento. Não se deveria permitir

que tal abordagem lançasse dúvidas sobre a veracidade de nenhum documento histórico, muito menos sobre as Escrituras.

Conclusão

Em resumo, tentamos descrever a relação da arqueologia com o estudo das Escrituras dentro de um contexto que aceita a Bíblia como a Palavra plenamente inspirada e autorizada de Deus. Esse ponto de vista afirma que a Bíblia fornece uma história verdadeira e precisa de como Deus têm se relacionado com a humanidade desde o tempo da criação até os dias de hoje. Visto que o Deus da Bíblia é a fonte da verdade e da justiça, Ele nos convida a prová-Lo e a investigar Suas afirmações. Isso pode ser feito por meio de algumas disciplinas, inclusive a arqueologia. As Escrituras nos fazem lembrar de que o Deus da Bíblia se fez presente no tempo e espaço, ou seja, em nossa história. Ele fez isso por intermédio de Sua Palavra, de Seu Filho e dos eventos da história. Assim, por meio da história, podemos encontrar Deus e, porque Ele a está comandando, ela pode ser mais bem compreendida quando o pesquisador mantém uma relação com o Senhor. Portanto, não pode haver uma pesquisa histórica genuína e objetiva separada de Deus. Além disso, por ser a Bíblia uma revelação dada por Aquele que tudo quanto revelou é verdade, os arqueólogos crentes na Bíblia não usam sua própria disciplina para testar a autenticidade das afirmações encontradas nas Escrituras – a arqueologia não se presta a julgar a Bíblia. Entretanto, ela pode ser usada proveitosamente para esclarecer e corroborar as declarações das Escrituras. Ela também pode ser usada para a edificação dos cristãos e para mostrar as deficiências das reconstruções históricas que apresentam conflito com as afirmações das Escrituras. Em última análise, deveria ser o objetivo da arqueologia levar a humanidade a uma compreensão mais ampla sobre Deus e a um relacionamento salvífico com o Criador.

Leitura adicional:

The Archaeological Study Bible. Grand Rapids: Zondervan, 2005.

Hoffmeier, James K. *Israel in Egypt: The Evidence for the Authenticity of the Exodus Tradition*. Nova York: Oxford University Press, 1999.

Kitchen, Kenneth A. *On the Reliability of the Old Testament*. Grand Rapids: Eerdmans, 2003.

Provan, Iain; Long, V. Philips e Tremper Longman III. *A Biblical History of Israel*. Louisville, KY: Westminster John Knox, 2003.

Randall W. Younker *é bacharel e mestre em religião e biologia pelo Pacific Union College. Cursou outro mestrado e também um PhD em arqueologia do Oriente Próximo pela University of Arizona. Ele atua como professor de Antigo Testamento e Arqueologia Bíblica no Seminário Adventista do Sétimo Dia da Universidade Andrews, onde também é o diretor do Instituto de Arqueologia e do Museu Siegfried Horn. Tem dirigido várias séries interdisciplinares de pesquisas arqueológicas de campo em Israel e na Jordânia e é um depositário da renomada American Schools of Oriental Research. Ele coeditou sete livros e publicou inúmeros artigos acadêmicos.*

1 Ronald Nash, *Christian Faith and Historical Understanding* (Grand Rapids: Zondervan, 1984).

2 Gerhard Maier, *Biblical Hermeneutics*, trad. R. W. Yarbrough (Wheaton, IL: Crossway, 1994).

3 Ibid., p. 219.

4 C. F. H. Henry, *Revelation and Authority* (Waco, TX: Word, 1976), p. 11.

5 Maier, *Biblical Hermeneutics*, p. 210.

6 Nash, *Christian Faith and Historical Understanding*, p. 149.

7 Ibid.

8 Lloyd A. Willis, *Archaeology in Adventist Literature: 1937-1980* (Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 1982), p. 560.

9 H. Darrell Lance, *The Old Testament and the Archaeologist* (Philadelphia, PA: Fortress , 1981), p. 66.

10 Austen H. Layard, *Discoveries in the Ruins of Nineveh and Babylon* (Londres: John Murray, 1883).

11 P. R. S. Moorey, *A Century of Biblical Archaeology* (Louisville, KY: Westminster John Knox Press, 1991), p. 11.

12 F. Hitzig, *Das Buch Daniel* (Leipzig: Weidmann, 1850), p. 75.

13 Randall W. Younker, “Late Bronze Age Camel Petroglyphs in the Wadi Nasib, Sinai”, *Near East Archaelogical Society Bulletin* 42 (1977), p. 47-54.

CLIFFORD GOLDSTEIN

Capítulo 4

Por Que Eu Creio em Deus?

> E, apesar de tudo, estou sentado às margens deste rio, o que é um fato. / E já que estou aqui / Devo ter vindo de algum lugar.
>
> Wislawa Szymborska [1]

> Por detrás dos fatos fenomenais, como costumava dizer meu velho e teimoso amigo, Chauncey Wright, o grande empiricista de Harvard dos tempos da minha mocidade, o nada não existe.
>
> William James [2]

C. S. Lewis descreveu um conhecido seu da seguinte forma: "O mais empedernido dos ateus que jamais conheci." [3] Em questões de fé, ele o classificava o "cético dos céticos, o durão dos durões". [4] No entanto, foi quem disse para Lewis que "os indícios da historicidade dos evangelhos eram de fato surpreendentemente bons". [5] Ainda um agnóstico, Lewis ficou francamente perturbado. Se os Evangelhos eram historicamente precisos, então os milagres ocorreram. E, se os milagres ocorreram, então sua visão de mundo ateísta e materialista estava simplesmente errada.

Faço uso desse relato não para dar início a uma apologética do evangelho, mas como introdução para o que tem representado, desde a antiguidade, as duas mães de todas as metanarrativas: a cosmovisão *a priori* materialista e ateística, sustentada inicialmente pelos atomistas pré-socráticos, passando pela ala radical dos iluministas e chegando hoje aos proclamados neoateus; em contraste, naturalmente, está a crença em algum tipo de ser sobrenatural, desde o Ahura Mazda de Zoroastro até o deísmo de Voltaire, sem deixar de fora o predestinarianismo calvinista (e todo o demais também). Qualquer dessas metanarrativas (seja qual for a versão) negava uma à outra.

E Lewis sabia disso.

Este capítulo, como sugere pouco sutilmente o seu título, defende a segunda opção.

Credo ut intelligam

Uma tese para a existência de Deus foi proposta por Anselmo (1033-1109). Em sua forma mais simples (existem versões mais sofisticadas), o argumento ontológico é o seguinte: Deus é aquilo sobre o que nada maior pode ser concebido. Para que algo seja aquilo que nada maior se possa conceber, isso teria de existir, pois o que existe é maior do que o que não existe. Portanto, Deus existe.

É possível que, por ser pouco provável que esse pensamento levasse alguém do ateísmo para aquilo que os cristãos chamam de "novo nascimento", Anselmo também cunhou a famosa frase *Credo ut intelligam* ("creio para poder entender"). Argumentos a favor da existência de Deus tendem a ser mais eficazes *depois* que a pessoa já crê, o que deve ter sido o ponto de Anselmo com o argumento ontológico, a saber, não provar a existência de Deus, mas em vez disso, começar com a crença e, então, passar a trabalhar de frente para trás a fim de defendê-la e compreendê-la. Neste capítulo, parto dessa perspectiva.

O título "Por que Eu Creio em Deus?" implica, *a priori*, uma abordagem diferente da que teria caso o título fosse "Por Que Deus Existe". O primeiro título injeta um elemento pessoal e subjetivo, até mesmo experiencial (essencial, talvez, para quem crê em Deus). Um elemento pessoal e subjetivo não anula um argumento em favor da verdade, assim como uma antipatia pelo espaço cilíndrico não torna falsa a geometria de Riemann. Além disso, se este texto fosse intitulado "Por Que Eu Creio que Deus Não Existe?", o elemento subjetivo também não estaria ali infiltrado?

Algo parecido com "nada"

Por que eu creio em Deus? Por que eu creio em *qualquer coisa*? Por que existe alguma coisa para acreditar, ou até mesmo uma consciência subjetiva como eu mesmo para nela acreditar? É como reza a famosa pergunta de Leibniz e outros: *Por que existe algo em vez do nada?*

A resposta, obviamente, precisa ser encontrada em alguma versão das metanarrativas anteriormente mencionadas. Em essência, o Universo teve uma origem natural ou sobrenatural. Se foi sobrenatural, ele foi feito por um ser (ou seres) maior que o próprio Universo e anterior a sua existência. De outra maneira, a criação teria ocorrido naturalmente, por si mesma. Isso leva a uma pergunta: Como ela se tornou capaz de surgir dela mesma? A única saída

aparente está em um Universo eterno, o qual sempre existiu, o que é um conceito que leva a um difícil paradoxo. O argumento cosmológico conhecido como Kal
a

m declara que um universo infinitamente antigo é algo impossível, pois isso implicaria que uma quantidade infinita de tempo deve ter passado para se ter chegado a este (ou a qualquer presente) momento. Mas como uma quantidade infinita de tempo (ou de qualquer coisa) poderia ser completada? Em outras palavras, se o Universo existiu infinitamente no passado, então um número infinito de momentos deve ter transcorrido para que chegássemos onde estamos agora. Mas, se não podemos contar, nem mesmo mentalmente, até o infinito, como, em realidade, um número infinito de *momentos* poderia ser completado?

Seja qual for a validade (ou debilidade) desse argumento, a cosmogonia do Big Bang fez de tudo, menos discuti-la. O Universo, que uma vez não existiu, passou a existir. Embora os cosmólogos, trabalhando de frente para trás, especulem sobre o primeiro milionésimo de segundo do nascimento do Universo, e daí por diante, as implicações dessa fração de segundo foram algo revolucionário, desde o ponto de vista científico e metafísico.

Essa ideia de que o Universo teve um começo ajudou a convencer o "ateu mais famoso do mundo", [6] Antony Flew, da existência de um criador. Embora ele tenha simplesmente considerado "o Universo e suas características mais fundamentais como um fato supremo", [7] ele já não poderia manter essa posição em face da cosmogonia do Big Bang. Enquanto isso, achando que o argumento de que o "nada" criou o Universo era pouco satisfatório, Flew passou a acreditar em alguma espécie de "mente divina", [8] segundo sua própria definição. (A declaração de Bill Bryson – "Parece impossível que se possa obter algo do nada, mas o fato de que uma vez existia nada e que agora existe um Universo é uma prova evidente de que se pode" [9] – é tão grotesca como parece.)

Naturalmente, não há nada de novo no argumento cosmológico. Ele apenas tem o benefício do senso comum e, agora, um pouco de astrofísica para poder decolar. Ele não é uma prova algébrica da existência de Deus. Nunca foi. O referido argumento diz apenas que quando o "nada" – aquilo que, por definição, não existe – é colocado no lugar de Deus como a força criadora por trás das origens cósmicas, cria-se uma dúvida sobre a lógica de quem procura alguma coisa, qualquer coisa, até mesmo o *nada*, para pôr no lugar de Deus, como fonte de nossa existência. Deus, o fundamento de toda existência, estaria substituído pelo "nada", a negação de toda a existência? Será que a fala de Tennyson, "crer onde não podemos provar", embora destinada aos crentes cristãos, não alcança

outros grupos?

O cérebro de Stephen Hawking

Apesar de ter sido pronunciado morto em 1799, depois de uma longa e distinta história, o argumento teleológico ressurge hoje com força. Terrence W. Tilley escreveu: “David Hume efetivamente demoliu o argumento moderno do projeto em sua obra *Diálogos sobre a Religião Natural* (1779).” [10] Hume não fez isso. De maneira bem articulada, ele revelou os *limites* do argumento. Mas, e daí? Qual é o argumento não dedutivo que não tem limites? A ideia do projeto é uma inferência e não uma prova.

Embora admitindo (por meio da fala de uma pessoa engajada em um diálogo) complexidades e desenhos na natureza “até um grau além daquilo que os sentidos e as faculdades humanas podem delinear ou explicar” [11] (isso foi escrito nos tempos da “célula simples”, o pleistoceno, em termos de ciência biológica), Hume descartou a ideia de um Criador por trás de tudo isso. Em última análise, contudo, ele teve de argumentar que “a matéria pode conter a origem ou a fonte da ordem dentro de si mesma, [...] que os vários elementos, a partir de uma causa interna desconhecida, podem ter se juntado nos mais requintados arranjos”. [12]

Em *Diálogos*, Hume simplesmente força novamente o argumento, nada mais. De onde a matéria obteve a informação e a habilidade para se organizar nesses “mais requintados arranjos” (os quais, se comparados com o que conhecemos hoje, pareceriam toscos)? É mais fácil imaginar algumas folhas de papel e tinta criando a obra *Guerra e Paz*, de Tolstói, a partir de algo inerente àqueles materiais do que imaginar o carbono, a água e as proteínas se organizando em uma única célula – para não mencionar o processo que levou à formação do cérebro de Stephen Hawking.

A ciência supostamente deu a resposta para a forma como o carbono, a água e as proteínas se juntaram resultando naquele cérebro: mutação aleatória e seleção natural, é claro! Embora este não seja o lugar para debater o neodarwinismo, no que diz respeito à existência de Deus, a ciência se tornou uma espada de dois gumes, com o lado mais afiado dilacerando a evolução ateísta. Embora a ciência debata intensamente como — ou mesmo se — a mutação aleatória e a seleção natural poderiam ter criado a complexidade da vida, o que está fora de debate é a própria complexidade.

Aqui, a ironia não pode passar despercebida: quanto mais complexidade a ciência encontra na vida, menos prováveis se tornam os meios afirmados pela ciência para a origem dela. Tal complexidade foi outro fator que ajudou na

conversão de Antony Flew, que citou o vencedor do Prêmio Nobel em fisiologia, Georg Wald: “Escolhemos crer no impossível: que a vida surgiu espontaneamente por mero acaso.” [13]

Pouco dispostos a admitir o que é impossível, alguns postulam, em vez disso, o improvável. Admitindo que a complexidade da vida torna improvável (“impossível”) sua origem pelo acaso, alguns cosmologistas têm argumentado que existem muitos universos, talvez até um número infinito, o que significa que as chances de um deles (o nosso) se tornar, acidentalmente, biofílico, propenso à vida, aumentam em grande medida. Quem precisa de Deus quando um número infinito de universos (e não existe a menor prova de que exista mais que um) fará isso em lugar dEle? E, mesmo que alguém aceitasse a teoria do multiverso, ela somente força, mais uma vez, o argumento, como fez Hume. Um número infinito de universos simplesmente faz com que a pergunta sobre sua origem seja *infinitamente* mais desafiadora.

Observe os extremos aqui: a vida surgiu do “nada” ou de um daqueles infinitos números de universos. Não seria um Criador sobrenatural uma explicação mais razoável do que uma daquelas outras duas?

Richard Dawkins, naturalmente, não concordaria com isso. Em meio a todo o furor causado por seu livro *Deus, um Delírio*, seu ataque ao argumento teleológico foi surpreendentemente pueril, pelo menos metafisicamente. Um tema ecoa em seu feroz discurso: Quem criou Deus? “Um Deus planejador”, ele afirma, “não pode ser usado para explicar uma complexidade organizada, visto que qualquer Deus capaz de projetar alguma coisa teria que ser suficientemente complexo para exigir o mesmo tipo de explicação como um direito seu.” [14] Mas Deus, um Deus eterno, por definição não tem um Criador; Ele é o Criador; em contraste, o Universo, com tudo o que há nele, tem um Criador. Confinado pelo naturalismo, Dawkins não consegue entender a diferença qualitativa entre o que foi criado e o Criador. O quadro *Guernica*, não Picasso, precisou de um pintor (eu disse “pintor”, não Criador, uma diferença sutil, mas crucial).

Tudo, desde a fisiologia da membrana plasmática até a uva e a sexualidade humana faz de Deus algo muito mais provável como explicação para a funcionalidade, beleza e propósito de tudo aquilo do que qualquer outra explicação apregoada sobre uma confluência de partículas e forças ao acaso, que requerem por si mesmas uma causa externa que seja suficiente, maior e anterior a elas.

Além disso, o que é mais provável que tenha se originado sem uma causa – o Universo ou Deus?

Exigir um milagre

Diz um provérbio ucraniano: “Quando sair de casa em Donetsk, traga consigo uma faca para o caso de você se deparar com um conhecido seu.” Independentemente do que esse provérbio queira dizer sobre os cidadãos de Donetsk, ele também diz algo sobre a humanidade, ou seja, nossas propensões morais. Mas como puderam os constituintes da existência (quarks, elétrons, força nuclear forte), todos eles por si mesmos amorais, emergir não somente para a vida, mas para a consciência, uma consciência em contínuo conflito com atributos morais? As possibilidades parecem absurdas. Não admira que o apologista J. L. Mackie tenha afirmado que “as propriedades morais constituem um aglomerado de qualidades e relações tão peculiares, que é muito improvável que elas tenham surgido no curso ordinário de eventos sem um Deus todo-poderoso para criá-las”. [15] Mackie resolveu seu problema negando as propriedades morais. Outros, por não estarem prontos para dar esse passo, veem essas propriedades como evidência da existência de Deus.

O tema da falta de significado da vida face à morte tem sido abordado ao longo da história. No século 20, Bryan Magee escreveu que, por causa da morte, sua vida estava fadada à nulidade, sendo que “nela não havia nenhum significado, nenhum sentido; e que, no fim, tudo era nada”. [16] Mas pense bem: o polegar tem um propósito, a orelha tem um propósito, o coração tem um propósito, o Sol tem um propósito – e, mesmo assim, esses e outros incontáveis “propósitos”, tão fina e majestosamente tecidos, culminam em uma ausência de propósito? É como somar números inteiros e obter um número negativo. Se o Universo – e toda a consciência que nele há – estiver fadado à extinção, então nossa existência não tem um propósito, uma conclusão que contradiz a própria lógica da existência, a qual – desde o nível celular – é plena de propósito. Não admira Auder ter escrito: “Não há nada que nos possa salvar; nós, os que temos que morrer, exigimos um milagre.” [17]

E um milagre exige uma divindade, o que nos leva de volta ao dilema de Lewis. Como disse seu amigo ateu, existem, de fato, poderosas evidências quanto à historicidade dos Evangelhos, as quais incluem o milagre da ressurreição de Cristo. Agora, assim como a descoberta de um cisne negro anula qualquer cosmovisão que declare: “todos os cisnes são brancos”, um milagre desses anula qualquer cosmovisão que negue um Deus que pudesse realizá-lo. Naturalmente, provar milagres é outro assunto, mas para os que acreditam neles ou que já passaram por situações milagrosas, as evidências a favor da existência

de Deus ficam alojadas, pelo menos parcialmente, em lugares onde – como na música – usar apenas a lógica é como aplicar alicates cobertos de graxa para consertar um problema de *software*.

As poderosas evidências da ressurreição de Jesus e as profecias bíblicas, algumas das quais enraizadas em um alicerce tão firme, amplo e verificável como a história do mundo (Dn 2), nos dão boas razões para ter fé. Naturalmente, algumas coisas são difíceis de entender, mas e daí? Nada em epistemologia é simples.

"Se não podemos sequer provar a consistência da aritmética", escreveu o físico John Polkinghorne, "parece um pouco demais esperar que seja fácil lidar com a existência de Deus." [18]

Talvez não seja tão fácil, mas, mesmo assim, é algo que se pode administrar.

Leitura adicional:

Craig, William Lane, ed. *Philosophy of Religion: A Reader and a Guide.* Piscataway, NJ: Rutgers University Press, 2002. Ver especificamente o artigo de Craig "The Kal

a

m Cosmological Argument", p. 92-113.

Davies, Paul. *Cosmic Jackpot.* Nova York: Houghton Mifflin, 2007.

Dennis, Richard, ed. *The Book of the Cosmos*. Cambridge: Perseus, 2000.

Wainwright, William J., ed. *The Oxford Handbook of Philosophy of Religion.* Londres: Oxford University Press, 2005.

Wright, N. T. *Surprised by Hope.* Nova York: Harper Collins, 2008.

Clifford Goldstein *é o editor da Lição da Escola Sabatina de adultos desde 1999. Anteriormente, ele foi o editor da revista* Liberty. *De 1983 a 1993, ele editou* Shabbat Shalom, *uma revista destinada especificamente para leitores judeus. Ele obteve um bacharelado na Universidade da Flórida e um mestrado em línguas semíticas antigas na Universidade Johns Hopkins em 1992.*

Ele escreveu mais de vinte livros, dos quais os mais conhecidos certamente são 1844 – Uma Explicação Simples das Profecias de Daniel *(1988),* A Pause for Peace *(1992) e* Graffiti in the Holy of Holies *(2003). Seu último livro foi* Vida Sem Limites *(2007). Como colunista da* Adventist Review, *ele é bastante conhecido pelos leitores adventistas. Também é o apresentador de* Cliff!, *um programa transmitido pela Hope TV. Ele é casado e tem dois filhos.*

1 Wislawa Symborska, “Not Title Required”, citado em *View With a Grain of Sand* (Nova York: Harcourt, 1995), p. 175.

2 William James, *Pragmatism* (Cambridge: Hackett Publishing Company, 1981), p. 118.

3 C. S. Lewis, *Surpreendido pela Alegria* (São Paulo: Mundo Cristão, 1998), p. 228.

4 Ibid.

5 Ibid.

6 Antony Flew, *There Is a God: How the World’s Most Notorious Atheist Changed His Mind* (Nova York: HarperCollins, 2007).

7 Ibid., p. 135.

8 Ibid., p. 121.

9 Bill Bryson, *A Short History of Nearly Everything* (Nova York: Broadway, 2003), p. 23.

10 Terrence W. Tilley, “The Problems of Theodicy: A Background Essay”, em *Physics and Cosmology*, ed. Nancy Murphy, Robert John Russell e William R. Stoeger (Estado do Vaticano: Vatican Observatory Publications, 2007), p. 37.

11 David Hume, *Dialogues Concerning Natural Religion* (Londres: Penguin, 1990), p. 53.

12 Ibid., p. 56.

13 Citado em Flew, *There is a God*, p. 131.

14 Richard Dawkins, *Deus, um Delírio* (São Paulo: Companhia das Letras, 2007), p. 153.

15 J. L. Mackie, *The Miracle of Theism* (Oxford: Clarendon, 1982), p. 116.

16 Bryan Magee, *Confessions of a Philosopher* (Nova York: Random House, 1997), p. 252.

17 W. H. Auden, “For the Time Being: A Christmas Oratorio”, 3ª parte, em *Religious Drama I*, ed. Marvin Halverson (Nova York: Meridian, 1957), p. 17.

18 J. C. Polkinghorne, *The Faith of a Physicist: Reflections of a Bottom-up Thinker* (Minneapolis, MN: Fortress, 1996), p. 57.

HUMBERTO M. RASI

Capítulo 5

Fé e Razão São Compatíveis?

Senhor, ajuda-me a nunca usar a minha razão contra a verdade.
Oração judaica

Ao longo dos séculos, a relação entre fé e razão tem sido um assunto de profundo interesse para os cristãos pensadores. Os crentes engajados em estudos avançados, pesquisas e profissões que desafiam os alicerces da fé são confrontados diariamente com dilemas sobre como integrar a fé e a razão. Essa tensão é aumentada pelo fato de que muitos à nossa volta presumem que pessoas inteligentes e educadas não são religiosas e, se são, elas acreditam que suas convicções devem ser mantidas na esfera privada.

De acordo com as Escrituras, Deus criou Adão e Eva no princípio da história humana e os dotou com a capacidade de raciocinar e com o poder de escolher. Ao exercitarem essas habilidades, nossos primeiros pais desobedeceram a Deus e, como consequência, perderam sua condição de perfeição e também seu lar. Embora tenhamos herdado a debilidade de sua condição caída, Deus tem preservado nossa capacidade de pensar por nós mesmos, de exercitar a confiança e de fazer escolhas. [1]

Por uma questão de clareza, antes de prosseguir devemos definir três conceitos fundamentais:

A *fé* é um ato de vontade que ocorre quando escolhemos colocar nossa confiança em Deus como resposta à Sua autorrevelação e à influência do Espírito Santo em nossa consciência. [2] A fé é dinâmica – ela leva a decisões e à ação. A fé religiosa é mais forte do que a crença; ela inclui o desejo de viver e até de morrer pelas próprias convicções.

A *razão* é o exercício da capacidade mental de pensar racionalmente, entender, discernir e aceitar um conceito ou uma ideia. A razão busca a clareza, a consistência, a coerência e as evidências apropriadas.

A *crença* é o ato mental de aceitar como verdade factual ou real uma declaração ou uma pessoa. Naturalmente, também é possível sustentar uma

crença em algo que não seja verdade.

A razão e a fé são relacionadas de maneira assimétrica. É possível crer que Deus existe (razão) sem crer em Deus ou confiar nEle (fé). [3] Mas é impossível confiar em Deus (fé) sem crer que Ele existe (razão).

Embora a razão seja importante para a fé, ela não pode tomar seu lugar. Para um cristão, a aquisição de conhecimento não é o objetivo supremo da vida. O mais alto objetivo da vida é conhecer Deus e estabelecer uma relação pessoal com Ele. [4] Essa confiança e amizade levam à obediência a Deus e ao serviço amoroso para com os demais seres humanos.

A relação entre fé e razão

Ao longo da era cristã, os crentes têm adotado variadas abordagens para a relação entre a fé e a razão, as quais podem ser esboçadas da seguinte maneira: [5]

Fideísmo. *A fé ignora ou minimiza o papel da razão para se chegar à verdade.* De acordo com essa posição, a fé em Deus é o critério supremo para a verdade e é tudo o que um cristão precisa para ter a certeza da salvação. Os fideístas afirmam que Deus Se revela para a consciência humana por meio das Escrituras, do Espírito Santo e de experiências místicas, o que é suficiente para a compreensão de todas as verdades importantes.

O fideísmo radical exalta o valor da fé cega, em oposição à razão humana. Levado ao extremo, o fideísmo rejeita o pensamento racional, opõe-se à educação e às pesquisas avançadas, podendo levar a uma religião privada e esotérica.

Os críticos do fideísmo radical observam que a fé em Deus e em Jesus Cristo pressupõe um Deus que Se revelou para a humanidade por intermédio de Cristo. Além disso, os cristãos que aceitam a Bíblia como uma revelação confiável de Deus devem, necessariamente, exercitar seus poderes racionais para poderem compreender as propostas, exortações e profecias contidas nas Escrituras. Se a Bíblia é verdadeiramente uma expressão proposicional da vontade de Deus, bem como a base da fé e prática cristãs, a razão humana não pode ser desconsiderada, mas empregada.

Racionalismo. *A razão humana desafia, solapa e, eventualmente, destrói a fé cristã.*

Os racionalistas afirmam que a razão humana constitui a fonte fundamental do conhecimento e da verdade; portanto, fornece a base para a crença. O

racionalismo moderno rejeita a revelação sobrenatural como fonte de informação confiável.

Começando com o reavivamento humanístico do Renascimento europeu, que exaltava a criatividade e o potencial humano, o racionalismo floresceu durante o Iluminismo com sua crítica sistemática às doutrinas e instituições estabelecidas. Com o tempo, o racionalismo se desenvolveu e se dividiu em algumas variedades como o empirismo (dependa dos seus sentidos), o materialismo (somente a matéria e as leis físicas são dignas de confiança), o pragmatismo (acredite naquilo que funciona) e o existencialismo (confie em sua experiência pessoal). Mais tarde, o racionalismo evoluiria para o ceticismo moderno, que questiona, duvida ou discorda das conclusões e crenças geralmente aceitas, chegando, posteriormente, ao ateísmo, em que a existência de Deus é negada.

Em sua oposição à fé, o racionalismo argumenta que as religiões tendem a apoiar crenças tradicionais e, à vezes, irracionais, frustrando a autorrealização do indivíduo. Os racionalistas também argumentam que a realidade do mal no mundo é incompatível com a existência do poderoso, amoroso e sábio Deus do cristianismo.

Dualismo. *A fé e a razão são autônomas e operam em esferas separadas, não confirmando nem contradizendo uma à outra.*

Essa posição tem sido defendida por pensadores agnósticos e cristãos. Alguns acreditam que a ciência trata de fatos objetivos, enquanto a religião se dedica a questões morais, de uma perspectiva pessoal e subjetiva. Portanto, as esferas de atividade da razão e da fé, do conhecimento e dos valores, não se relacionam entre si. [6]

Os cristãos não estão dispostos a aceitar esse dualismo. Eles argumentam, por exemplo, que Jesus Cristo, tal como é retratado nos evangelhos, não somente é o centro de sua fé como o Deus encarnado, mas também é uma Pessoa real que viveu na Terra em um determinado tempo e lugar. Eles estão certos de que os eventos narrados e os personagens apresentados nas Escrituras também foram reais e fizeram parte do *continuum* histórico, conforme é demonstrado por um crescente volume de documentos e evidências arqueológicas.

Qualquer tentativa de separar as esferas da razão e da fé relega o cristianismo ao terreno dos sentimentos pessoais, da subjetividade individual e, em última análise, ao nível do mito fantasioso e irrelevante. Tanto cristãos como não cristãos se apegam a crenças equivocadas e, muitas das vezes, contraditórias. Se essas crenças não puderem ser distinguidas por sua veracidade ou falsidade tão

somente pelo uso de evidências e argumentos razoáveis, nenhuma crença, seja religiosa ou filosófica, pode reclamar confiabilidade e fidelidade.

Sinergia. *Firmada na revelação de Deus, a razão pode fortalecer a busca humana e o comprometimento com a verdade.*

Os proponentes dessa posição sustentam que o cristianismo bíblico constitui um sistema de crenças e práticas integrado e internamente consistente que merece um compromisso de fé e um consentimento racional.

Os domínios da fé e da razão às vezes se sobrepõem. As verdades baseadas somente na fé são aquelas reveladas por Deus, sendo impossível descobri-las por meio da razão humana (por exemplo, a Trindade e a salvação pela graça divina, mediante a fé). As verdades às quais chegamos por intermédio da fé e também da razão são reveladas por Deus, mas também podem ser descobertas por meio da razão humana (por exemplo, a existência de Deus, a lei moral objetiva). As verdades determinadas pela razão e não pela fé são aquelas não reveladas diretamente por Deus, mas descobertas pela mente humana (por exemplo, fórmulas e operações matemáticas, leis químicas e físicas).

Se o mundo real pode ser compreendido pela razão humana com base na investigação e experiência, então ele é um mundo inteligível. A submissão desse mundo ao questionamento racional, tanto no micro quanto no macrocosmo, permite aos humanos descobrir leis que dão provas de um projeto inteligente da mais intrincada espécie. Esse desígnio extremamente elaborado de todas as facetas do Universo, que torna possível a existência de vida inteligente neste planeta, dá testemunho de um Projetista.

Portanto, a experiência religiosa e a consciência moral [7] podem ser vistas como sinais da existência do mesmo Ser que a pesquisa científica vê como o Projetista Inteligente do cosmos e o Mantenedor da Vida.

A razão, então, pode nos ajudar a ir do entendimento para a aceitação e, idealmente, para a crença. Mas a fé é uma escolha da vontade, uma decisão de depositar a confiança na revelação de Deus como o fundamento de tudo. Pensar cautelosamente, sob a condução do Espírito Santo, pode remover obstáculos no caminho que leva à fé. Uma vez que a fé está presente, a razão pode fortalecer o compromisso religioso. [8]

Fé e razão na perspectiva bíblica

Quando a igreja cristã primitiva interagiu com a cultura greco-romana, ela começou a articular a distinção entre a fé e a razão, garantindo para

a fé a posição privilegiada na vida do crente. O ensinamento bíblico com respeito à fé e a razão pode ser resumido nas seguintes proposições.

O Espírito Santo desperta a fé e ilumina a razão. Não fosse pela persistente influência do Espírito Santo sobre a consciência humana, ninguém jamais se tornaria cristão. Em nossa condição natural não buscamos a Deus (Rm 3:10, 11), não reconhecemos nossa necessidade desesperada de Sua graça (Jo 16:7-11), nem compreendemos as coisas espirituais (1Co 2:14). Somente por meio da atuação do Espírito Santo é que somos atraídos a aceitar a Deus, sendo capazes de crer e confiar nEle (Jo 16:13, 14). Uma vez que essa transformação milagrosa (Rm 12:1, 2) acontece, então o Espírito Santo nos ensina (Jo 14:26), guia-nos em toda a verdade (Jo 16:13) e nos permite discernir o erro da verdade (1Jo 4:1-3).

A fé precisa ser exercitada e desenvolvida durante toda a vida. A cada ser humano foi dada uma "medida da fé" (Rm 12:3), isto é, a capacidade de confiar em Deus, e cada cristão é estimulado a crescer cada vez mais na fé (2Ts 1:3). "Sem fé é impossível agradar a Deus, pois quem dEle se aproxima precisa crer que Ele existe e que recompensa aqueles que O buscam" (Hb 11:6). Daí a súplica de um pai aflito feita a Jesus: "Creio, ajuda-me a vencer a minha incredulidade!" (Mc 9:24) e o pedido insistente dos discípulos: "Aumenta a nossa fé!" (Lc 17:5). Crescemos na fé quando, em resposta à misericórdia de Deus para conosco, aumentamos nossa confiança nEle e observamos Seus mandamentos.

Deus valoriza a razão humana e apela para ela. Embora os pensamentos de Deus sejam infinitamente mais elevados do que os nossos (Is 55:8, 9), Ele escolheu comunicar-Se de maneira inteligente com a humanidade, revelando-Se nas Escrituras (2Pe 1:20, 21), em Jesus Cristo, que a Si mesmo chamou de "a verdade" (Jo 14:6), e na natureza, apesar dos efeitos da queda (Sl 19:1; Gn 3:14-17; 7:11-24). Com frequência, Jesus envolvia Seus ouvintes por meio de diálogos e reflexões, solicitando uma resposta abalizada (ver, por exemplo, Sua conversação com Nicodemos, em Jo 3, e com a mulher samaritana, em Jo 4). A pedido do oficial etíope, Felipe explicou uma profecia messiânica encontrada nas Escrituras de modo que ele pudesse entender e crer
(At 8:30-35). Os crentes de Bereia foram elogiados porque eles "[examinavam] todos os dias as Escrituras, para ver se tudo era assim mesmo" (At 17:11).

Deus provê evidências suficientes para que creiamos e confiemos nEle. O observador descomprometido pode perceber o poder criador e mantenedor de Deus na natureza (Is 40:26). "Os atributos invisíveis de Deus, assim o Seu eterno poder, como também a Sua própria divindade, claramente se reconhecem" e se

compreendem “por meio das coisas que foram criadas.” Aqueles que, apesar das evidências, insistem em negar a Sua existência e poder criador “são, por isso, indesculpáveis” (Rm 1:20, ARA). Significativamente, no entanto, quando Tomé expressou dúvida sobre a realidade da ressurreição do Senhor, Cristo providenciou evidências físicas e o desafiou a parar de duvidar e passar a crer (Jo 20:27). Quando nos deparamos com perguntas a respeito da origem do Universo, nosso ponto de partida deve ser o da fé: “Pela fé entendemos que o Universo foi formado pela palavra de Deus, de modo que aquilo se vê não foi feito do que é visível” (Hb 11:3). [9]

A fé e a razão podem operar juntas na vida e no testemunho do crente. Quando pediram que Jesus fizesse um resumo da Lei de Deus, Ele declarou que o primeiro mandamento incluía “[amar] o Senhor, o seu Deus [...] de todo o seu entendimento” (Mc 12:30; comparar com Dt 6:4, 5). Paulo declarou que a aceitação de Cristo como Salvador dependia de um entendimento abalizado do evangelho: “A fé vem por se ouvir a mensagem, e a mensagem é ouvida mediante a palavra de Cristo” (Rm 10:17). Ele incentivou os cristãos: “[Estejam] sempre preparados para responder a qualquer pessoa que lhes pedir a razão da esperança que há em vocês” (1Pe 3:15). [10] Pedro também encorajou os cristãos a se “[empenharem] para acrescentar à sua fé a virtude; à virtude o conhecimento” (2Pe 1:5).

Conclusão

Não é difícil criar uma galeria de gigantes de mente e espírito, indivíduos crentes em Cristo, tal como Paulo, Agostinho, Lutero, Calvino e Wesley. A ciência moderna surgiu na Europa com pioneiros do calibre de Copérnico, Galileu, Kepler, Berkeley, Pascal, Boyle, Newton, Halley e Lineu. Todos eles tinham fé em um Deus Criador que estabeleceu, no Universo, leis operantes que puderam ser descobertas e aplicadas para o benefício da humanidade.

Para o crente instruído, não existe “incompatibilidade entre a fé vital e o aprendizado profundo, disciplinado e amplo; entre a piedade e o raciocínio vigoroso; entre a fé e a vida da mente”. [11]

Assim como milhões de cristãos ao longo dos séculos, eu reconheço a primazia da fé na vida intelectual tal qual está expresso em duas fórmulas clássicas: *Fides quarens intellectum* (A fé busca o entendimento) e *Credo ut intelligam* (Creio para poder entender).

Todos nós somos chamados para amar a Deus de todo o nosso entendimento, integrando em nossa experiência as exigências da fé e do intelecto. A fim de

crescermos tanto na confiança em Deus como nas habilidades racionais, devemos aprofundar a cada dia a amizade com Jesus, o estudo das Escrituras e o comprometimento com a verdade. [12]

Humberto M. Rasi *cursou a faculdade na Argentina, sua terra natal, completou um doutorado em literatura hispana e história ibero-americana na Universidade de Stanford e foi estudante bolsista na Universidade Johns Hopkins, onde completou seus estudos de pós-doutorado. Ele atuou como professor e reitor de pós-graduação na Universidade Andrews, como vice-presidente editorial na Pacific Press e como diretor mundial do Departamento de Educação da Igreja Adventista do Sétimo Dia. É um dos fundadores do Instituto para o Ensinamento Cristão, lançou a revista* Diálogo Universitário, *publicou muitos artigos e editou vários livros. Aposentado, ele continua ministrando palestras e coordenando projetos na área de educação superior.*

1 Ver, por exemplo, Dt 29:19; Jo 6:67-69; Ap 3:20; 22:17.

2 Ellen G. White oferece uma definição precisa: “A fé é a confiança em Deus, ou seja, a crença de que Ele nos ama e conhece perfeitamente o que é para o nosso bem.” *Educação* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2001 [CD-ROM]), p. 253.

3 “Você crê que existe um só Deus? Muito bem! Até mesmo os demônios creem – e tremem!” (Tg 2:19).

4 Ver Jr 9:23, 24; Jo 17:3.

5 Ver Hugo A. Meynell, “Faith and Reason”, em *The Encyclopedia of Modern Christian Thought*, ed. Alister E. McGrath (Oxford: Blackwell, 1993), p. 214-219.

6 Stephen Jay Gould (1941-2002), que lecionou História da Ciência na Universidade Harvard, declarou que “o suposto conflito entre ciência e religião [...] existe apenas na mente das pessoas e nas práticas sociais, não na lógica nem na utilidade própria desses assuntos totalmente diferentes e igualmente vitais”. Em sua opinião, “a ciência tenta documentar o caráter factual do mundo natural e desenvolver teorias que coordenam e explicam esses fatos. A religião, por outro lado, opera no importante, mas totalmente diferente, domínio dos propósitos, significados e valores humanos”. *Rock of Ages: Science and Religion in the Fullness of Life* (Nova York: Ballentine, 1999), p. 3, 4.

7 O apóstolo Paulo argumenta desta maneira, “quando os gentios, que não têm a lei, praticam naturalmente o que ela ordena, tornam-se lei para si mesmos, embora não possuam a lei; pois mostram que as exigências da lei estão gravadas em seu coração. Disso dão testemunho também a sua consciência e os pensamentos deles, ora acusando-os, ora defendendo-os” (Rm 2:14, 15).

8 Ver Richard Rice, *Reason and the Contours of Faith* (Riverside, CA: La Sierra University Press, 1991).

9 Ellen G. White declara: “O Senhor nunca exige que creiamos em alguma coisa sem nos dar suficientes provas sobre que fundamentemos nossa fé. Sua existência, Seu caráter, a veracidade de Sua Palavra, baseiam-se todos em testemunhos que falam à nossa razão; e esses testemunhos são abundantes. Todavia Deus não afasta a possibilidade da dúvida. Nossa fé deve repousar sobre evidências, e não em

demonstrações. Os que quiserem duvidar hão de encontrar oportunidade; ao passo que os que desejam realmente conhecer a verdade encontrarão abundantes provas em que basear sua fé.” *Caminho a Cristo* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2001 [CD-ROM]), p. 105.

10 O original grego dessa passagem inclui duas palavras significativas: *apologia*, “resposta, defesa, justificação”; *logos*, “razão, palavra, explicação”.

11 Arthur E. Holmes, *Building the Christian Academy* (Grand Rapids: Eedermans, 2001), p. 5.

12 Os leitores interessados em uma versão mais extensa deste artigo, intitulada “Faith, Reason, and Choice: Loving God With All Our Mind”, podem acessar o texto em: <http://fae.adventist.org/essays/31Bcc_337-354.htm>.

WILLIAM G. JOHNSSON

Capítulo 6

O que Há de Único em Jesus?

Acho impossível dizer de maneira desapaixonada e impessoal por que considero que Jesus é único. Escrever sobre Ele é abrir minha vida: Sua história acaba sendo minha história. Jesus de Nazaré teve um profundo impacto no curso de minha existência, e – tenho certeza absoluta – para melhor.

Certa vez, quando Jesus estava com os Seus discípulos, Ele lhes perguntou: "Quem os outros dizem que o Filho do homem é?" Eles deram várias respostas que ficaram flutuando no ar – João Batista, Elias, Jeremias, e assim por diante. Então, fixando neles o olhar, Ele perguntou: "E vocês? [...] Quem vocês dizem que Eu sou?" (Mt 16:13-20).

Essa ainda é verdadeiramente a *grande* pergunta. Ela é mais importante do que qualquer coisa que possa cair em um exame difícil, pois a maneira como venhamos a lidar com isso dará forma à nossa vida. Seja qual for a resposta que dermos, nunca mais seremos os mesmos.

Por isso, eu o aconselho: encontre, por você mesmo, a resposta. Não confie nas opiniões ou pontos de vista de ninguém mais. A resposta tem que ser *sua*.

Por onde começar? Pode ser por onde eu mesmo comecei: leia e releia a história de Jesus. O Novo Testamento tem quatro relatos, todos diferentes e em lugares surpreendentemente variados, mas que se juntam de um modo estranho, resultando em um retrato unificado dessa notável Pessoa.

Podemos confiar nesses relatos. Eles foram escritos em um tempo não muito distante do tempo em que os fatos ocorreram. Três deles foram escritos 30 anos após a morte de Jesus, e o outro – o Evangelho de João – veio, possivelmente, 30 anos mais tarde. Todos são baseados em relatos de testemunhas oculares. Todos soam verdadeiros.

Muita gente, hoje, inclusive alguns eruditos, dirão que você não pode confiar nesses relatos. Esses indivíduos afirmam que realmente
não podemos saber como Jesus era nem o que Ele de fato disse. Acreditam que a ideia de que Ele era algo mais do que um mero homem surgiu muito depois – uma invenção de Seus seguidores. Por vezes, esses argumentos chegam a parecer

convincentes, mas estude-os cuidadosamente e verá que eles estão cheios de furos. Por exemplo, alguns eruditos dão ao assim chamado Evangelho de Judas, escrito da metade para o fim do segundo século, um peso semelhante ao dos relatos de testemunhas oculares, os quais constituem os quatro Evangelhos bíblicos. Isso é não faz nenhum sentido. [1]

Leia os Evangelhos – Mateus, Marcos, Lucas e João. À medida que vai lendo, pense sobre esse Homem que domina cada página. Tente ler cada Evangelho de um fôlego só, saltando os subtítulos (eles foram acrescentados mais tarde). Veja que espécie de figura surge em sua mente. Veja se você descobre o Jesus que eu descobri – uma Pessoa absolutamente única.

Em certo nível, Jesus é absolutamente comum – uma pessoa pobre, sem educação formal, um carpinteiro que Se tornou professor e curador itinerante. Havia muitos fazendo a mesma coisa na Palestina de Seu tempo.

Todavia, quase tudo acerca de Jesus é extraordinário! Ele é diferente. De maneira maravilhosa, Ele surpreende pelo que faz e pelo que não faz; pelo que ensina e pelo que não ensina. Ele é único. E pelo menos sete coisas fazem dEle esse Ser único: Seu impacto, Sua vida, Seus ensinos, aquilo que Ele afirma de Si mesmo, Sua morte e Sua contínua presença.

Um impacto único

Independentemente de qual seja a interpretação que você venha a dar para os relatos dos Evangelhos, não poderá fugir de um fato: Jesus de Nazaré era uma figura dinâmica que causava impacto onde quer que fosse. Ao contrário do que diz a letra do hino, Ele não era manso e gentil como muitos o retratam.

Em um sábado, Ele vai a uma sinagoga de Cafarnaum e ali exorciza um demônio. Todos ficam chocados. “Quem é esse?”, perguntam. Ele volta para Sua cidade natal, Nazaré, e as pessoas querem que Ele faça um *show* para os velhos amigos. Pedem para Ele falar, e Ele os deixa furiosos ao mostrar, pelas Escrituras, que eles não podem reclamar privilégios especiais de Deus. Finalmente, eles O expulsam e tentam linchá-Lo.

Ele visita Jerusalém e vai ao templo. Vendo a casa de oração sendo profanada com todo aquele comércio, Ele chicoteia os vendedores, põe os carneiros e bezerros para correr e vira as mesas dos cambistas de cabeça para baixo. Em pânico, eles fogem daquele Homem enfurecido.

Não demorou muito para que os líderes religiosos percebessem a ameaça que Ele representava para sua autoridade. Os líderes começam
a tramar Sua morte. Leva tempo para a trama funcionar, mas, finalmente, eles

conseguem o que queriam: Jesus de Nazaré é pendurado em uma cruz romana, uma forma de execução sangrenta e torturante – a pior maneira de morrer.

Não há nada de débil nem de manso ou gentil nessas cenas descritas.

Eles O matam, mas não são capazes de aniquilar Seu impacto. Seu pequeno grupo de seguidores, que chegou a abandoná-Lo quando Ele foi preso, convenceu-se de que Ele vencera a morte. Eles vão a todas as partes – norte e sul, leste e oeste – com as boas-novas de que, por meio de Jesus de Nazaré, Deus provera vida, uma vida plena para o agora e uma vida eterna para depois dessa existência.

As boas-novas se espalham. Ameaças, tortura, chicotes, prisão, fogueira, nada as pode deter. Jesus de Nazaré faz os deuses de Roma e da Grécia se prostrarem de joelhos.

E nunca mais parou. As boas-novas conquistaram o mundo. E onde quer que tenham chegado, o amor e a compaixão do Senhor fizeram surgir hospitais, sanatórios, cura e esperança. É verdade que há o outro lado da história: Jesus nem sempre tem sido bem representado pelos que levam Seu nome, e não é diferente hoje. No cômputo geral, todavia, Seu impacto tem sido tremendamente positivo.

Jesus é a pessoa mais influente que já viveu neste mundo. Contamos os anos tomando como referência Sua vinda à Terra. Como declara o erudito Reynolds Price: “Seriam necessário muitos cálculos, dos mais exóticos, para negar que a mais poderosa figura – não apenas desses dois últimos milênios, mas de toda a história humana – foi, e é, Jesus de Nazaré. [...] Pode-se argumentar seriamente que a vida de mais ninguém provou ser, nem de longe, mais poderosa e duradoura que a de Jesus.” [2]

DEle é a “história de sucesso” mais improvável que se possa imaginar. Um Carpinteiro sem nenhuma educação formal, morto ainda jovem, executado, mas que conquistou o coração e a mente de incontáveis pessoas ao longo da história. Que roteirista de Hollywood pelo menos tentaria vender um *script* como esse?

Nascimento único

Sempre que Jesus Se referia ao Pai, era sempre como Pai celestial. Nem sequer uma vez ele mencionou José, o esposo de Maria, como Seu pai.

Dois dos Evangelhos, Mateus e Lucas, relatam a história do nascimento de Jesus, e ambos declaram que Maria, uma virgem, estava grávida de Jesus quando se casou com José. Ambos os relatos atribuem sua gravidez à intervenção do Espírito Santo.

Questionamentos a respeito das circunstâncias do nascimento de Jesus motivavam o escárnio dos que se opunham a Seu ministério. “Nós não somos filhos ilegítimos”, ironizavam – dando a entender que Ele fosse. Jesus, todavia, nunca sentiu, aparentemente, a necessidade de responder diretamente a essas insinuações. Ao longo de Seu ministério, falou consistentemente sobre ter vindo “do Céu” para a Terra e de voltar para o Céu depois de ter completado Sua obra. [3]

O nascimento virginal de Jesus faz que Ele seja absolutamente único entre os bilhões de pessoas que já viveram. Os críticos, compreensivelmente, têm atacado essa ideia, exatamente como ocorreu no tempo do próprio Cristo. Mas o maior problema tem que ver com o que fazer com os milagres. Se o Universo for um sistema operativo lacrado por processos naturais imutáveis, conforme muitos sustentam hoje, os milagres têm de ser expulsos de campo.

Mas se Deus existe, a equação muda inteiramente. Agora, o sobrenatural entra em interseção com o natural, e um cenário fora do comum pode ser considerado. Torna-se possível reconhecer os milagres.

Se, como claramente ensinam as Escrituras – e assim eu creio –, o nascimento de Jesus envolveu a intervenção do divino no humano, Ele é o Deus-homem. Ele é verdadeiramente Deus e verdadeiramente humano.

Uma vida única

O que faz da vida algo único, singular? Alguns historiadores olham para as conquistas militares como no caso de Alexandre, denominado “o Grande”. Mas será Alexandre maior do que Aristóteles? Ou Mozart maior do que Madre Teresa de Calcutá? E o que dizer de Einstein e Schweitzer?

Jesus nunca foi chamado de “Jesus, o Grande”. Nós rechaçamos uma definição dessas. Não combina com Ele. Sua vida é única. E que vida! Quanta simplicidade, quanta nobreza! Quanta clareza de propósito e quanta humildade! Quanta coerência entre as palavras e a prática! Quanta pureza, quanto altruísmo!

Ao contemplarmos a vida de Jesus conforme ela é retratada pelos escritores dos Evangelhos, várias características se destacam: nunca estava demasiado ocupado para parar o que estava fazendo e ajudar, demonstrava amor pelas crianças, entretinha conversas pessoais face a face, reflexivo, constantemente derramando amor e compaixão e, além disso, era amigo dos marginalizados. Jesus viveu uma vida repleta de atividades, mas encontrou tempo para conversar com a mulher samaritana que veio ao poço buscar água. Quando os pais trouxeram seus pequenos, Ele os tomou nos braços e pronunciou um terrível

juízo sobre qualquer um que viesse a ofendê-los. Ele estendeu a mão para tocar o leproso. E até em Seu suspiro final, tomou providências para o cuidado de Sua mãe.

Que vida! Nunca mais se verá alguém como Ele. Já se disse – e muito bem – que se Deus devesse tomar a forma humana, teria que ser como Jesus de Nazaré. E foi isso que Deus fez!

Ensinamentos únicos

Em conteúdo e modo, os ensinamentos de Jesus relembram, em alguns aspectos, os dos rabinos judeus que vieram antes dEle e dos grandes pensadores do mundo. No aspecto de formar o coração, entretanto, Seus ensinamentos são únicos.

Graça – não há nada semelhante em toda a sabedoria do mundo. As religiões da humanidade tratam de assuntos de vida e morte, de dor e sofrimento. Elas indicam o caminho para a libertação das cadeias da mortalidade mostrando aquilo que devemos fazer para agradar a Deus, escapar da destruição e assim por diante.

Jesus, então, entra em cena e proclama: “Deus está ao nosso lado. Deus é nosso Pai celestial.” Ele vela por nós e quer muito que vivamos com Ele para sempre. Com os hipócritas e todos os demais que fazem brincadeira com a religião, Ele é severo, mas todos que O buscam acham nEle a paz, a alegria e o descanso. O Céu se abre não para o forte e audaz, mas para os que simplesmente aceitam a graça de Cristo como um presente oferecido gratuitamente por um Deus amoroso.

Isto é graça: o melhor que há no Céu para os indignos, quebrantado e párias. Em vez de desafiar os ricos, instruídos e dignos a se aproximar dEle, faz o convite: “Vinde a Mim, todos os que são pobres e indignos.” Jesus disse: “Bem-aventurados os pobres em espírito, pois deles é o Reino dos Céus” (Mt 5:3).

E foi assim que Jesus viveu. Ele não só ensinou sobre a graça. Ele a viveu.

Afirmações únicas

Jesus disse coisas chocantes acerca de Si mesmo. Ele fez a pergunta: “Quem vocês dizem que Eu sou?” Pedro declarou: “Tu és o Messias, Filho do Deus vivo.” Jesus não negou essas palavras. Em vez disso, salientou que a revelação de Pedro viera do próprio Céu. De novo, quando Ele estava em julgamento, e o sumo sacerdote perguntou: “Você é o Cristo, o Filho do Deus Bendito?” Ele

respondeu: “Sou.” [4]

Jesus Se considerava único e totalmente diferente. Deus era Seu Pai e ninguém podia ir ao Pai senão por meio dEle. “Eu sou o caminho, a verdade e a vida”; “Eu sou a luz do mundo”; “Eu sou o pão da vida”; “Eu sou o bom pastor”; “Eu sou a ressurreição e a vida”; “Eu sou a videira verdadeira” – declarações como essas seriam o cúmulo da arrogância a menos que fossem verdadeiras. E, para coroá-las: “Eu e o Pai somos um”; “Antes de Abraão nascer, Eu Sou!” Dessa maneira, Ele se identificou com a divindade eterna e autoexistente. [5]

E Jesus agia de modo coerente com essas afirmações. Ele perdoou pecados. Ele reinterpretou a observância do sábado, pois disse que era o Senhor desse dia. Ele curou o enfermo, agindo como o Pai fizera antes dEle.

Não podemos passar levianamente por essas afirmações. Nós colocamos na cadeia indivíduos que falam coisas assim. Ou então, temos que encarar a possibilidade de que Jesus realmente foi aquilo que disse ser. [6]

Uma morte única

Jesus foi crucificado – e não há nada de único nisso. Milhares de pessoas ao longo dos séculos foram executadas da mesma maneira por Roma. Mas o que ocorreu depois que Ele morreu naquela tarde de sexta-feira foi totalmente diferente de todas as outras mortes de cruz.

Outro artigo deste livro trata extensivamente da morte e ressurreição de Jesus, de modo que saliento aqui apenas dois pontos: a tumba vazia e o surgimento da igreja cristã. Algo aconteceu com o corpo de Jesus – ele desapareceu. E das cinzas daquela execução de uma fria sexta-feira surgiu um novo movimento para proclamar que Jesus venceu a morte.

Uma presença única e constante

Para os que creem em Jesus, esse é o fato culminante que faz com que Ele seja único. Outros grandes homens e mulheres morreram, e seus nomes desapareceram, mas, misteriosamente, não foi assim com Jesus. Ele vive! Não podemos vê-Lo, mas podemos conhecê-Lo como Alguém tão real como um amigo. Podemos conhecê-Lo, amá-Lo e adorá-Lo como Salvador e Senhor.

Antigas palavras pronunciadas pelos primeiros cristãos atravessam os séculos e ecoam por meio do brado de nosso coração hoje: “Mesmo não O tendo visto, vocês O amam; e apesar de não O verem agora, creem nEle e exultam com alegria indizível e gloriosa.” [7]

Por causa desse fato – Sua contínua presença – o cristianismo não morreu e nunca morrerá. É por isso que a história de Jesus continua de geração em geração, cada vez mais nova, mais revigorada, oferecendo uma vida melhor e mais abundante.

Assim o que há de tão único em Jesus? Quase tudo! Deixemos que Philip Yancey tenha a última palavra: "*Por que sou cristão?*, às vezes me pergunto, e, para ser de todo sincero, os motivos se reduzem a dois: 1) a falta de boas alternativas e 2) Jesus. Brilhante, indomado, meigo, criativo, esquivo, irredutível, paradoxalmente humilde – Jesus apresenta-se para ser minunciosamente examinado. Quero que meu Deus seja como Ele". [8]

Leitura adicional:

Ball, Bryan W.; Johnson, William G., ed. *The Essencial Jesus*. Boise, ID: Pacific Press, 2002.

Lewis, C. S. *Cristianismo Puro e Simples*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

Strobel, Lee. *Em Defesa de Cristo.* São Paulo: Editora Vida, 2001.

_____. *Em Defesa da Fé*. São Paulo: Editora Vida, 2002.

Zacharias, Ravi. *Jesus Among Other Gods*. Nashville, TN: Word, 2000.

William G. Johnsson, já aposentado, atua como assistente do diretor do departamento de relações interdenominacionais da Associação Geral. Em sua trajetória, quinze anos lecionando na Índia foram seguidos de mais cinco como professor do Seminário Teológico Adventista da Universidade Andrews. De 1982 até 2006, foi editor da Adventist Review. Foi fundador da revista Adventist World, em 2005. Suas graduações foram obtidas em três continentes: dois bacharelados na Austrália, seu país de origem, um bacharelado em divindade pela Universidade de Londres, um PhD em estudos bíblicos pela Universidade Vanderbilt, em 1973, e um Doutorado em Divindade (honoris causa) pela Universidade Andrews, em 2007. Ele é autor de 22 livros e de muitos de artigos publicados. Seus hobbies incluem corrida de longa distância, jardinagem e passar tempo com seus netos.

1 Ver F. F. Bruce, *The New Testament Documents: Are They Reliable?* (Grand Rapids: Eerdmans, 2003).

2 Reynolds Price, "Jesus of Nazareth Then and Now", *Time*, 6 de dezembro de 1999.

3 Jo 8:41; Jo 3:13.

4 Mt 16:13-20; Mc 14:61, 62.

5 Jo 14:6; 8:12; 6:35; 10:14; 11:25; 15:1; 10:30; 8:58.

6 Note o desafio de C. S. Lewis: “Ou esse homem era, e é, o Filho de Deus, ou não passa de um louco ou coisa pior. Você pode querer calá-Lo por ser um louco, pode cuspir nEle e matá-Lo como a um demônio; ou pode prosternar-se a Seus pés e chamá-Lo de Senhor e Deus. Mas que ninguém venha, com paternal condescendência, dizer que Ele não passava de um grande mestre humano. Ele não nos deixou essa opção, e não quis deixá-la.” *Cristianismo Puro e Simples* (São Paulo: Martins Fontes, 2009), p. 69, 70.

7 1Pe 1:8.

8 Philip Yancey, *O Jesus que Eu Nunca Conheci* (São Paulo: Vida, 2004), p. 249, itálico do original.

David Marshall

Capítulo 7

Jesus Realmente Ressuscitou?

A igreja cristã foi construída sobre o alicerce da crença na ressurreição corpórea de Jesus.

O nascimento e o crescimento rápido da igreja cristã permanecem um enigma não resolvido para todos os que se recusam a aceitar a explicação dada pela própria igreja: a ressurreição corpórea de Jesus. Apresente uma prova em contrário e você acaba com o cristianismo.

Poucos expressaram esse pensamento tão bem como um ganhador do prêmio Pulitzer, John Updike (1932-2009). Conhecido do público por seus romances cheios de estilo, Updike encontrou o cristianismo nos escritos de Søren Kierkegaard e Karl Barth, e continuou a ser cristão pelo resto da vida. Essas linhas são do poema "Seven Stanzas at Easter" (Sete Estrofes no Oriente), de Updike (tradução livre):

> Não se engane: Se Ele ressuscitou,
> foi mesmo o Seu corpo;
> se a dissolução das células não foi revertida, as moléculas
> outra vez reunidas, os aminoácidos reestimulados,
> a igreja ruirá. [...]
>
> Não zombemos de Deus com metáfora,
> analogia, lateralidade, transcendência.
> Não façamos do evento uma parábola, um sinal pintado sobre a credulidade esmaecida das eras passadas:
> atravessemos o portal.
> A pedra foi removida, e não foi pedra de papel machê,
> tampouco uma pedra da história,
> mas uma enorme rocha de materialidade que, na lenta
> moenda do tempo, vai eclipsar em cada um de nós
> a intensa luz do dia. [1]

A fim de contradizer a declaração dos apóstolos de que Cristo ressuscitou corporalmente da sepultura, os racionalistas da ciência respondem: “Bem, vejamos o que acontece quando as pessoas morrem.” E passam a demonstrar que os que morrem são sepultados, apodrecem e,
finalmente, se misturam com a terra que os cerca. O argumento deles é que a ressurreição de Jesus não poderia ter acontecido porque não é algo que se possa repetir.

Todavia, milagres são, por definição, eventos sem precedentes. Sendo assim, não é logicamente válido usar a ciência como argumento contra eles. A ciência – que é baseada na observação de precedentes – não tem nada a dizer sobre a ressurreição corpórea de Jesus. Especulações filosóficas são, semelhantemente, inapropriadas. Não temos um conhecimento infalível sobre as leis naturais. Por isso, não podemos excluir logo de saída cada possibilidade de eventos únicos.

O caso contra um milagre só é aceitável quando todos os relatos desse milagre tiverem sido examinados e considerados falsos. Tais investigações são tarefas para um historiador. E não compete ao historiador decidir o que a história pode ou não conter. Seu trabalho é investigar objetivamente as fontes primárias e fazer o devido relato. A historicidade da ressurreição corpórea de Jesus deve ser determinada pelo exame das declarações das testemunhas e pela confiabilidade das fontes primárias.

Devemos examinar (1) a natureza das fontes, (2) as evidências sobre a morte de Jesus e (3) as evidências sobre Sua ressurreição corpórea.

As fontes

Uma das mais antigas fontes sobre a ressurreição, a primeira carta de Paulo aos cristãos de Corinto, foi escrita em 54 d.C. [2] É difícil exagerar a importância de 1 Coríntios 15 como fonte primária, especialmente porque, em seus primeiros seis versos, Paulo cita um fonte muito mais antiga, cujas origens remontam aos apóstolos no primeiro período pós-pentecostes. [3] Paulo (originariamente Saulo de Tarso) havia sido o mais hostil oponente do cristianismo antes de seu encontro com o Cristo ressuscitado. O fragmento pós-pentecostes com o qual ele inicia o capítulo 15 é a declaração geralmente aceita de testemunhas oculares da ressurreição. Pedro e Tiago – o mesmo Tiago que se tornou o líder da igreja em Jerusalém – estão no topo da lista. Depois, vêm as aparições do Senhor ressurreto para os grupos de discípulos e Sua aparição para “mais de quinhentos

irmãos de uma só vez”, ao que Paulo acrescenta um detalhe editorial: “dos quais a maioria sobrevive até agora; porém alguns já dormem” (1Co 15:5, 6). A implicação desse detalhe é clara: Se você não ficar convencido, vá falar com eles.

A importância histórica dessa declaração é enorme. Ela foi feita naquilo que os eruditos mais autorizados dão como uma carta genuína
escrita por alguém muito próximo de outras testemunhas oculares menos de 25 anos depois de um evento ocorrido quase dois mil anos atrás. Poucos eventos antigos, se houver, têm o suporte de uma evidência tão antiga e sólida.

Três dos relatos sobre a ressurreição (Mt 28; Mc 16; Lc 24) foram escritos a partir de narrativas de testemunhas oculares nos anos entre a primeira carta aos coríntios e a queda de Jerusalém (54-70 d.C.). A quarta narrativa (João) também foi a de uma testemunha, mas foi escrita em Éfeso perto do fim do primeiro século.

Os quatro relatos apresentam variações nos detalhes, as quais são inevitáveis em narrativas de testemunhas oculares, o que sugere não ter havido conluio. John Wenham concilia essas variações explicando que cada relato foi feito a partir de uma perspectiva diferente e afirmando que nenhum dos que relataram estava tentando contar a história completa. João escreveu a partir de uma profunda perspectiva pessoal. [4] Em sua carta aos coríntios, Paulo ordenou suas evidências de uma maneira quase jurídica e, ciente de que o testemunho de uma mulher não era válido em um tribunal, ele simplesmente excluiu o testemunho da mulher. Os autores das quatro narrativas não tiveram esse tipo de constrangimento. As testemunhas mais antigas sobre o dia em questão eram mulheres. Questões de plausibilidade jurídica (dado o *status* das mulheres na Palestina do primeiro século) foram insuficientes para alterar os fatos e, portanto, insuficientes para garantir a exclusão de testemunhas do sexo feminino.

Cada relato deixa inequivocamente claro que a ressurreição de Jesus foi um evento histórico verificado e testemunhado. Como disse Paulo perante o rei Agripa, a morte e ressurreição de Jesus não ocorreram em “algum lugar escondido” (At 26:26, ARA). Havia muitos contemporâneos de Jesus, participantes dos eventos, que ainda estavam por ali, podendo ter questionado os relatos em circulação (os de Paulo, Marcos, Mateus e, especialmente, Lucas). Aparentemente ninguém fez isso.

Evidências da morte de Jesus

Antes da crucifixão, Jesus foi duramente chicoteado. As regras judaicas limitavam o número de chicotadas em 39, mas é pouco provável que os romanos se importassem com essa limitação. O *flagrum* (chicote romano) usado para chicotear criminosos tinha longas tiras de couro de variados comprimentos, cada uma com pedaços
afiados de osso e chumbo atados a elas. Durante a aplicação das 39 chicotadas sobre as costas e pernas do prisioneiro, os golpes dilaceravam o tecido subcutâneo, transformando as costas em uma massa irreconhecível banhada em sangue. Muitos não sobreviviam às 39 chicotadas. [5] Arqueólogos israelenses aprenderam bastante sobre as crucifixões com as recentes escavações no monte Scopus. Uma estaca de dez centímetros era pregada entre os ossos do calcanhar. Um pesado cravo de ferro batido era pregado na parte anterior do pulso, causando uma ruptura parcial do nervo médio. Por causa da posição do condenado, o ar era inalado para os pulmões sem que pudesse ser exalado. Os níveis de dióxido de carbono aumentavam perigosamente dentro dos pulmões e, logo, na corrente sanguínea. A morte ocorria por sufocação. [6] Quando Jesus foi pronunciado morto, às três horas da tarde da sexta-feira, "um dos soldados perfurou o lado de Jesus com uma lança, e *logo saiu sangue e água*" (Jo 19, 34; itálico do autor). A testemunha que viu isso ocorrer e, mais tarde, registrou por escrito, não entendeu o significado disso. "Até o surgimento da medicina moderna, ninguém entendia. [...] Essa é uma evidência de um massivo coágulo ocorrido nas artérias principais, uma prova médica cabal do óbito. [...] Sangue e água juntos são uma prova positiva de que Jesus estava morto." [7] Os romanos não foram os primeiros a infligir crucifixões, mas foram os que mais a utilizaram, tornando-se cruelmente eficientes nessa prática. Não havia sobreviventes.

Evidências da ressurreição corpórea

Por considerarem injusta a maneira brutal com a qual Jesus havia sido morto, dois membros do conselho judaico requereram e obtiveram a permissão do governador romano para remover o corpo do Senhor da cruz. Eles o prepararam para o sepultamento e o enterraram em uma tumba lavrada em pedra que um deles, José de Arimateia, havia encomendado para o próprio uso. [8] Uma pedra cujo peso – estimado por uma autoridade moderna nesses assuntos – era de uma e meia a duas toneladas foi colocada em frente à entrada da tumba. Um selo

romano foi posto sobre ela. Atendendo ao pedido dos líderes do conselho judaico hostis a Jesus, as autoridades romanas colocaram uma guarda armada junto à tumba. Muitas autoridades acreditam que era um destacamento de 16 homens da tropa de segurança romana. Flavius Fegitius Renatus, de um modo típico aos historiadores militares romanos daquele período, insiste que a disciplina das legiões romanas era mais estrita no tempo do reinado de Tibério do que em qualquer outro período subsequente. [9] O mundo antigo sabia que uma ressurreição era algo impossível de acontecer. Após a crucifixão, os discípulos de Jesus estavam de coração partido, com raiva e decepcionados. Eles passaram por uma horrível "crise de fé" [10]. Tivessem as pessoas do 1º século inventado uma história sobre ressurreição, não teriam dado o papel principal para uma mulher – muito menos para Maria Madalena. Junto a outras mulheres, ela se acercou da tumba, aos prantos. Ao encontrarem a tumba vazia, o pranto aumentou. A perda do corpo era a suprema indignidade do trauma que começara com a prisão ocorrida na noite da quinta-feira. Descobrir a ausência do corpo foi sentir que até a sua dor havia sido violada. A descoberta da tumba vazia e o encontro das mulheres com o Cristo ressurreto foi suficiente para fazer daquilo tudo uma história sem credibilidade para os judeus daquele tempo. Quando lhes contaram a história, os discípulos "não acreditaram nas mulheres; as palavras delas lhes pareciam loucura" (Lc 24:11).

Entretanto, alguma coisa parecida com esperança deve ter lampejado na mente de Pedro e João. Os dois correram para a tumba vazia, cada um a seu passo. João chegou primeiro, mas hesitou em entrar. Pedro, vindo logo atrás, trôpego, entrou na tumba. João ficou convencido de que ocorrera uma ressurreição ao ver as vestes no sepulcro. Pedro e os outros somente creram quando se encontraram com o Senhor ressurreto depois de alguns dias.

Os relatos concordam, todavia, que foi Maria Madalena quem O viu primeiro, reconhecendo-O quando Ele pronunciou seu nome. Jesus apareceu em vários lugares, na maioria das vezes para grupos de 200 a 500 pessoas, durante um período de 40 dias (At 1:3). O que os discípulos viram e experimentaram transformou os covardes do Getsêmani nos heróis do Pentecostes. E esse heroísmo não foi de curta duração. O discípulo que, ao ser confrontado por uma serva, negou conhecer Jesus na noite de Sua prisão foi o mesmo que, poucas semanas mais tarde, perante o sinédrio, se mostrou forte e desafiador (At 4:8-12). A mesma transformação ocorreu com os outros.

A partir do Pentecostes – com a tumba vazia servindo como prova – milhares

de judeus, inclusive sacerdotes, aceitaram a verdade da ressurreição como resultado do ruidoso e valoroso testemunho dos discípulos. A partir do domingo de Páscoa, todos os esforços das autoridades judaicas foram feitos para suprimir os relatos do que havia acontecido. Os discípulos pregavam que Deus levantara Jesus dos mortos em vindicação de Sua divindade e aceitação de Seu sacrifício pelos pecadores. E o que as autoridades judaicas achavam que havia acontecido? O que estavam tentando suprimir? Por que subornaram os soldados e, mais tarde, os livraram de ser castigados?

A tumba estava vazia. Ninguém podia dizer nada diferente e ninguém fez isso. Se as autoridades acreditavam na história que, mediante suborno, fizeram os soldados contar – que os discípulos haviam roubado o corpo enquanto eles dormiam (Mt 28:11-15) – por que nenhuma tentativa foi feita de encontrar e mostrar o corpo?

Está claro que os soldados, os líderes judaicos e, talvez, o próprio governador sabiam que algo sobrenatural acontecera e, então, engajaram-se numa tentativa fútil de encobrir a história. [11] Essa é uma das razões pelas quais Pinchas Lapide, um rabino ortodoxo judeu, em seu livro *The Resurrection of Jesus*, chega à seguinte conclusão: “Eu aceito a ressurreição de Jesus não como uma invenção da comunidade de discípulos, mas como um evento histórico.” [12] As evidências garantem essa conclusão.

A crença na ressurreição não surgiu porque os discípulos a esperassem. Longe disso. Ademais, um encontro objetivo dos discípulos com o Jesus ressurreto é a única maneira pela qual podemos explicar o comportamento subsequente deles e, como resultado, o crescimento da igreja. Visões e experiências subjetivas não produziriam o mesmo resultado. Esses homens foram aprisionados, torturados e mortos das maneiras mais cruéis possíveis. Eles não teriam passado por tudo isso para defender uma mentira. “Eu vi o Senhor!”, exclamavam. O Senhor lhes havia mostrado Suas mãos e o Seu lado. Ele havia *falado* e *andado* com eles, *repartido comida* e *comido* com eles. Também *fez sinais, deu uma bênção com Suas mãos* e *deixou-Se tocar*. [13]

Os líderes judeus mostraram habilidade política ao lidar com o governador romano. Não teria sido necessária tanta habilidade da parte deles para lidar com os seguidores de Cristo, caso soubessem onde estava o corpo. Em vez disso, eles se limitaram a, de vez em quando, perseguir os discípulos a fim de ameaçá-los com aquilo que fariam com eles caso não parassem de pregar sobre o Cristo ressuscitado (At 5:17-42).

A teoria do desmaio – de que Jesus teria sobrevivido ao flagelo seguido de crucifixão e à perfuração da lança e depois, de alguma maneira, recobrado a consciência na tumba, Se livrado das vestes, empurrado a pedra e caminhado por vários quilômetros com os pés perfurados para ser saudado como o Vencedor sobre a morte – nunca obteve o crédito dos eruditos.

Como poderia um Salvador assim ter transformado a tristeza dos discípulos em alegria, a derrota em vitória, e acendido de maneira tão poderosa as tochas da igreja primitiva? Se o alicerce do cristianismo fosse formado por uma fraude, como é que tantos cristãos teriam se submetido ao espancamento, à prisão, torturas e morte? Ao serem pressionados até a morte, alguns deles, pelo menos, não teriam cedido e confessado a fraude?

Richard Swinburne, que estudou o caso da ressurreição a partir de uma posição científica-racionalista, chegou à conclusão de que

"as detalhadas evidências históricas [são] tão fortes, [que], a despeito do fato de que tal ressurreição seria uma violação das leis naturais, [...] o equilíbrio de possibilidades [é] [...] favorável à ressurreição." [14]

Um advogado ou historiador desapaixonado pode considerar o caso como comprovado.

A fé manifestada pelos seguidores de Cristo não manipulou os fatos. Ao contrário, "os eventos da Páscoa fizeram surgir essa fé surpreendente, capaz de transformar o mundo". [15]

Leitura adicional:

Ball, Bryan W.; Johnson, William G., eds. *The Essencial Jesus*. Boise, ID: Pacific Press, 2002.

Beasley-Murray, P. *The Message of the Resurrection*. Leicester, Reino Unido: InterVarsity, 2000.

Davis, S.; Kendall, D.; O'Collins, G., eds. *The Resurrection: An Interdisciplinary Symposium on the Resurrection of Jesus*. Oxford: Oxford University Press, 1997.

Green, Michael. *The Message of Matthew*. Leicester, Reino Unido: InterVarsity, 2000.

Milne, Bruce. *The Message of John*. Leicester, Reino Unido: InterVarsity, 1993.

Morris, Leon. *The Gospel According to St. Luke*. Ed. rev. Tyndale New Testament Commentaries. Leicester, Reino Unido: InterVarsity, 1988.

Strobel, Lee. *Em Defesa de Cristo*. São Paulo: Editora Vida, 2001.

Wenham, J. *The Easter Enigma: Are the Resurrection Accounts in Conflict?*

Carlisle, Reino Unido: Paternoster, 1996.
Wright, N. T.; Borg, M. *The Meaning of Jesus*. Londres: SPCK, 1999.

David Marshall *cursou graduação e pós-graduação na Universidade de Hull, Inglaterra. Fez sua pesquisa de PhD sob a orientação do professor J. P. Kenyon, um dos mais eminentes historiadores da Grã-Bretanha. As habilidades utilizadas em sua análise sobre as evidências da ressurreição aqui e em outros lugares são as de um historiador profissional. Ele é o editor chefe da Stanborough Press, a casa publicadora adventista que serve à Europa e à África. Ele publicou 30 livros, mora com a esposa, Anita, em Grantham, Inglaterra, e faz parte de uma grande família de adventistas de quarta geração residente na Inglaterra e no País de Gales.*

1 John Updike, "Seven Stanzas at Easter", citado em *Telephone Poles, and Other Poems* (Nova York: Knopf, 1963), citado em Bruce Milne, *The Message of John* (Leicester, Reino Unido: InterVarsity, 1993), p. 293, 294.

2 David Prior, *The Message of 1 Corinthians (*Leicester, Reino Unido: InterVarsity, 2000), p. 14.

3 Michael Green, *The Empty Cross of Jesus* (Londres: Hodder and Stoughton, 1984), p. 96, 97.

4 John Wenham, *The Easter Enigma: Are the Resurrection Accounts in Conflict?* (Exeter, Reino Unido: Paternoster, 1996).

5 C. T. Davis, "The Crucifixion of Jesus", *Arizona Medicine*, março de 1965, p. 185.

6 J. McDowell, *The Resurrection Factor* (Amersham, Reino Unido: Scripture, 1988), p. 61-65.

7 Green, *The Empty Cross of Jesus*, p. 92, 93.

8 Sobre o sepultamento de Cristo (Jo 19, 20), ver Milne, *The Message of John*, p. 285-292; C. G. Kruse, *John*, Tyndale New Testament Commentaries (Leicester, Reino Unido: InterVarsity, 2003), p. 369-374.

9 Ver David N. Marshall, "The Risen Jesus", citado em *The Essential Jesus: The Man, His Message, His Mission*, ed. B. W. Ball e W. G. Johnson (Boise, ID: Pacific Press, 2002), p. 180-191.

10 G. O'Collins, *Contemporary Christian Insights: Interpreting Jesus* (Londres: Mowbray, 1983), p. 115; Green, *The Empty Cross of Jesus*, p. 102.

11 Wenham, *The Easter Enigma*, p. 78-80.

12 Pinchas Lapide, *The Resurrection of Jesus*, citado em Green, *The Empty Cross of Jesus*, p. 103. Pinchas Lapide, *The Resurrection of Jesus*, citado em Green, *The Empty Cross of Jesus*, p. 103.

13 Mt 28:1, 7, 9, 18-20; Lc 24:13-16, 30, 34, 39-46, 50; Jo 20:14, 18, 20, 30; At 1:3, 4; 1Co 15:5-8.

14 R. Swinburne, "Evidence for the Resurrection", citado em *The Resurrection: An Interdisciplinary Symposium on the Resurrection of Jesus*, ed. S. David, D. Kendall e G. O'Collins (Oxford: Oxford University Press, 1997), p. 202.

15 Green, *The Empty Cross of Jesus*, p. 119.

KWABENA DONKOR

Capítulo 8

Milagres São Possíveis?

O tema dos milagres é fascinante. Por um lado, ele cria uma forte impressão sobre as questões centrais da fé cristã; por outro, escandaliza a mente moderna. A palavra *milagre* vem do latim *miraculum*, que tem o sentido de "maravilha, admiração, surpresa". O teólogo evangélico Wayne Grudem acerta ao definir milagre como "um tipo menos comum de atividade divina em que Deus provoca admiração e espanto nas pessoas e dá testemunho de Si mesmo". [1] Mas a Bíblia não tem uma única palavra para o conceito de milagre porque, além da ideia de maravilha (a noção principal), um milagre na Bíblia sugere uma obra poderosa (1Rs 17:17-24; Lc 7:11-17), bem como um sinal (Êx 4:1-9; Jo 10:38). Naturalmente, é útil conhecer esses matizes de significado existentes no conceito bíblico de milagre, mas, a fim de responder à pergunta sobre a possibilidade desse fenômeno, é preciso dizer mais sobre sua natureza. Perguntamos se é possível haver milagres porque eles fazem parte de um grupo de fenômenos a respeito do qual sempre pairam dúvidas. Mas, a que classe de realidade eles pertencem? Serão eles reais? Precisamos tratar dessas perguntas de maneira clara antes de determinar se os milagres são possíveis e, sob que circunstâncias, seriam viáveis. Em nossa defesa da possibilidade de haver milagres, nos empenharemos em demonstrar que as bases para negá-los são duvidosas e que a crença no teísmo remove a maioria dos obstáculos.

Os cristãos e a natureza dos milagres

Os cristãos reservam o termo *milagre* para uma classe em particular das atividades de Deus. Os teólogos normalmente categorizam os atos de Deus como *criação* (o ato inicial de trazer o Universo à existência) e *providência* (Sua contínua preservação da criação). E vão ainda mais longe quando distinguem o seguinte: Seus atos em preservar a criação; e Suas ações especiais e providenciais. A primeira categoria é a da Sua *providentia ordinaria* (providência ordinária) e, a segunda, a da Sua *providentia extraordinaria*

(providência extraordinária). [2] Os milagres são normalmente identificados com a segunda categoria. Entretanto, alguns
preferem retirar os milagres da categoria do extraordinário, restringindo-
a para aqueles eventos em que Deus parece ordenar causas naturais para cumprir Seus propósitos (como Deus ao causar um terremo-
to para garantir a libertação de Paulo e Silas da prisão [At 16:25, 26]). [3]
É possível incluir os milagres na categoria de providência extraordinária, mas retirá-los dessa categoria enfatiza sua falta de conexão com qualquer causa natural. Tendo em vista a maneira como a modernidade tem se relacionado com os milagres, essa abordagem pode ser útil para responder à pergunta apresentada neste capítulo.

A modernidade e a natureza dos milagres

Desde o surgimento da ciência e da crítica histórica durante a era do Iluminismo, a credibilidade dos milagres tem sido atacada com base na costumeira definição moderna de milagre como “uma violação de uma lei da natureza”. [4] Por conta disso, os milagres são considerados contraditórios (Voltaire, 1694-1778) ou improváveis (David Hume, 1711-1776). Por um lado, mesmo se assumirmos que a definição moderna esteja correta, isso não quer dizer, pela lógica, que milagres não acontecem. Por outro lado, a definição moderna pode ser defeituosa. Quando o conceito de violação da lei natural é analisado a partir da perspectiva dos três pontos de vista contemporâneos da lei natural, ele mostra ser intrinsecamente incoerente e falho. As três teorias são: (1) a teoria da regularidade, (2) a teoria da necessidade nômica e (3) a teoria da disposição causal. [5]

A *teoria da regularidade* da lei natural diz que as assim chamadas leis da natureza não são, em absoluto, leis. Elas são apenas uma descrição das regularidades que observamos na natureza. Portanto, por esse ponto de vista, uma lei natural deveria ser uma descrição generalizada de tudo o que acontece na natureza. Se for esse o caso, como se pode afirmar que um evento milagroso que acontece no domínio da natureza viola a lei natural?

A *teoria da necessidade nômica* da lei natural não é muito diferente da teoria da regularidade. Ela simplesmente vai além da “teoria da regularidade” meramente descritiva para dizer que são as leis naturais que nos
permitem fazer julgamentos sobre o que pode ou não acontecer
no mundo natural. Em outras palavras, baseada em experiência, a teoria da necessidade ordinária facilita a generalização universal, de categoria indutiva,

sobre a natureza. Aqui, mais uma vez não faz sentido dizer que uma lei natural foi violada ao ocorrer um evento milagroso. Para fins de consistência, seria necessário que, ao acontecer um "milagre", a generalização universal existente fosse modificada para acomodar o novo fenômeno.

A *teoria da disposição causal* da lei natural começa com a suposição de que as coisas têm certos poderes inatos (propensões) que, desimpedidas, levarão a certos resultados na natureza. As leis naturais, portanto, são as verdades necessárias sobre essas disposições causais das coisas. Se algo não estiver naturalmente ordenado de modo a fazer que algumas coisas aconteçam, essas coisas não acontecem. Sob essa teoria, um milagre seria uma interrupção das propensões que uma coisa possui. Mas por que tal interrupção, caso viesse a ocorrer, teria que ser rotulada de violação das leis da natureza? Se, por exemplo, por meio de uma interrupção causada por Deus, o sal deixasse de se dissolver na água, isso não significaria que o sal, como substância, não tem mais a propensão natural de se dissolver na água! O significado disso é que seria possível o sal continuar a ter a disposição de se dissolver na água e, mesmo assim, não se dissolvesse, por conta de uma situação miraculosa.

A verdade parece ser que as teorias contemporâneas da lei natural se excedem ao declarar o que é possível na natureza. Os seres humanos estabelecem regras acerca do que pode acontecer e, quando acontecem coisas que estão fora dessas regras, eles as descrevem como violações das "leis da natureza", considerando-as, portanto, inadmissíveis. Idealmente, quando acontecem coisas que parecem ser anomalias científicas, as
leis naturais deveriam ser revistas para acomodá-las. Infelizmente, as leis naturais são concebidas de maneira rígida e com a pressuposição de uma igualdade intrínseca de todas as coisas. Portanto, não se permite que as assim chamadas anomalias científicas desafiem a premissa básica da causação natural que faz parte das leis da natureza. Uma vez que em todas as situações se presume que alguns fatores naturais devam estar causando a anomalia, não se permite que as teorias da lei natural sejam violadas e revistas. Não existe razão lógica pela qual, em uma assim chamada anomalia científica, não se possa presumir que alguns fatores sobrenaturais estejam em ação. Mas, com efeito, as teorias da lei natural foram construídas para ser válidas apenas na suposição de que nenhum fator sobrenatural esteja em jogo. É esse requerimento naturalista arbitrário que parece conferir credibilidade a alguns, quando esses se põem a falar sobre violações das leis da natureza. Se essas condições forem retiradas, já não haverá sentido em falar sobre violações das leis naturais. As disposições e

propensões da natureza podem ser mais “acomodadoras” ou amplas do que as regras que os homens determinam para elas. O que aqueles inclinados ao pensamento moderno deveriam estar dizendo *não* é que esses milagres são violações das leis da natureza, mas que esses milagres são eventos que, dadas certas condições naturais de tempo e lugar, não podem ser produzidos pelas causas naturais relevantes. Assim, a pergunta realmente deveria ser se a impossibilidade natural de um milagre genuíno deve forçar a conclusão de que nenhum evento pode ser identificado como um milagre. É o que achava David Hume.

A impossibilidade física não nega a realidade dos milagres

Hume é reconhecido como a voz mais significante e influente na filosofia ocidental a dar uma definição de milagres que negue a possibilidade de sua ocorrência no curso ordinário da natureza. Em seu livro *An Enquire Concerning Human Understanding* [Uma Indagação a Respeito da Compreensão Humana], Hume observa: “Um milagre pode ser definido de maneira precisa como uma transgressão de uma lei da natureza por uma particular volição da deidade ou pela interposição de algum agente invisível.” [6] A definição é parte da conclusão de seu argumento de que alguém “pode estabelecer como uma máxima que nenhum testemunho humano pode ter tamanha força a ponto de provar um milagre e fazer disso um fundamento justo para algum sistema de religião dessa sorte”. [7] Assim, embora pareça que a definição de Hume possa dar lugar aos milagres, em realidade, seu ponto era negá-los. Sua premissa sempre foi que era mais racional acreditar que algum erro ou fraude estava em andamento do que crer na ocorrência genuína de um milagre. [8]

Tendo em vista o ceticismo acima mencionado, como poderemos defender a realidade dos milagres? Em primeiro lugar, outra vez é importante notar que o fato de milagres poderem ser naturalmente impossíveis não significa que eles não possam acontecer. A impossibilidade natural ou física não significa uma impossibilidade lógica. O argumento de que os milagres são impossíveis porque eles transgridem leis naturais não é uma explicação completa da natureza da lei. George Mavrodes afirma persuasivamente que, a despeito dos argumentos sugerindo que as leis da natureza são diferentes das leis ou códigos jurídicos, ambos apresentam paralelismos estruturais: o termo *lei* é usado para ambos e ambos têm a intenção de indicar generalizações universais. [9] Logicamente, se a

lei que requer que as declarações do imposto de renda sejam entregues até 30 de abril continua sendo lei (uma generalização universal) a despeito de algumas violações da mesma, é ilógico negar milagres reais porque algumas assim chamadas leis construídas da natureza têm sido violadas.

O segundo problema a ser abordado na defesa da realidade dos milagres é o viés naturalista da abordagem modernista. Hume e outros pensadores com a mesma inclinação, comprometidos como são com o cientificismo do Iluminismo, assumem que milagres são inerentemente improváveis. Por essa razão, qualquer relato de um milagre precisa ser considerado com ceticismo, pois se alguém se dispusesse a investigar a veracidade do relato, o pensamento contemporâneo requereria que essa indagação histórica empregasse uma metodologia naturalista,
e essa exclui o sobrenatural. Essas regras naturalistas de estudar a história foram instauradas muito tempo atrás por Ernest Troeltsch (1865-1923). Seu princípio de analogia requer que eventos passados sejam da mesma espécie dos eventos presentes, requerendo, dessa maneira, “a homogeneidade fundamental de todos os eventos históricos”. [10] Os eventos sobrenaturais não têm a menor chance num esquema desses. Mas Wofhart Pannenberg argumentou vigorosamente que não se justifica descartar todos os eventos da história que não sejam análogos. [11] A crítica de Pannenberg, Moreland e Craig à abordagem de Troeltsch, que vem a seguir, é precisa:

> Apropriadamente definida, a analogia significa que, em uma situação não esclarecida, os fatos devem ser entendidos em termos de uma experiência conhecida; mas Troeltsch tem elevado o princípio para reduzir todos os eventos passados a eventos puramente naturalistas. Mas a possibilidade de que um evento desses possa detonar todas as analogias não pode ser usada para contender sua historicidade. [12]

Outra área para ser explorada são os pontos de vista de Hume sobre testemunhos ao estes se relacionarem com a realidade dos milagres relatados na Bíblia e outros possíveis relatos de milagres. Ele nota:

> Nenhum testemunho é suficiente para estabelecer um milagre. [...] Quando alguém me diz que viu um homem recobrar a vida, imediatamente penso no que seria mais provável: que essa pessoa possa estar me enganando ou que ela tenha sido enganada ou, ainda, que o fato relatado

> tenha, de fato, ocorrido. Eu comparo aquele milagre com o outro [...] e rejeito o milagre maior. [13]

De acordo com Hume, o ponto é que sempre será mais provável que o testemunho sobre um milagre seja falso do que ter acontecido o milagre. Hume tem atraído a atenção dos teóricos da probabilidade em virtude de sua abordagem e dos vários problemas que ele detectou. [14] Primeiro, percebeu-se que, se tivéssemos simplesmente que pesar as probabilidades de um evento ocorrido contra a confiabilidade da testemunha do fato, acabaríamos rejeitando eventos que sabemos que poderiam ter acontecido. Uma ilustração frequentemente usada é a do sorteio da loteria. Digamos que o número *x* seja divulgado por um repórter de um confiável canal de notícias. Claramente, a improbabilidade do evento *x* prevalece sobre a probabilidade da credibilidade da testemunha ou do repórter de modo que, segundo Hume, nunca se deveria acreditar nesses relatos. Mas isso é um absurdo. Em segundo lugar, se o evento não tivesse ocorrido, qual seria a probabilidade de que ele tivesse sido relatado como foi? No caso do sorteio lotérico, seria muito pequena. Do mesmo modo, a probabilidade de que os relatos da ressurreição fossem os que temos hoje, caso Jesus não tivesse mesmo ressuscitado dos mortos, seria muito pequena. Mais importante é o aumento da possibilidade que resulta de testemunhos múltiplos. Observa-se que “tamanho é o poder cumulativo de testemunhas independentes que, individualmente, mesmo não sendo confiáveis mais da metade das vezes, seu testemunho combinado, no entanto, faz que um evento que pareça deveras improvável se torne bastante provável à luz de seu testemunho”. [15] No caso de Jesus, a independência de Pedro, Tiago e Saulo como testemunhas é muito bem estabelecida.

O teísmo e a realidade dos milagres

O pensamento moderno vê os milagres como algo naturalmente impossível e, portanto, os nega. A crença em um Deus pessoal (teísmo), todavia, afirma que por meio dos atos de Deus, um evento que seja naturalmente impossível pode ser transformado em um evento histórico real. A partir dessa perspectiva, um milagre é uma continuidade dos atos criadores e providenciais (conservação) de Deus. Somente quando se está comprometido com princípios ateísticos é que os milagres são negados. Então como é possível que haja milagres? Primeiro, expondo as bases duvidosas sobre as quais os milagres são negados, conforme discutimos acima. Segundo, confirmando as seguintes afirmações do teísmo:

existe um Deus pessoal; Ele criou o Universo; Ele o preserva; e Ele é capaz de agir livremente dentro dele.

Deve ser salientado, naturalmente, que encontramos na Bíblia evidências de entidades que fazem milagres que são falsificações dos genuínos milagres do Deus Criador (por exemplo, Êx 7:10, 11). Especialmente nos últimos dias, somos advertidos sobre uma explosão de espiritualismo, no qual demônios, por meio de falsos milagres, arrastarão o mundo para uma rebelião contra Deus e Seu povo (Ap 16:12-14).

Conclusão

A negação de milagres é um fenômeno recente. Fundamenta-se na atual compreensão das obras da natureza e do que nela é possível. Tentamos apresentar várias razões pelas quais essa posição é insustentável. Primeiro, a negação é incoerente com base nas próprias teorias modernas da lei natural. Segundo, negar os milagres porque eles seriam violações das leis naturais desafia uma compreensão da natureza dessas leis, o que é senso comum. Terceiro, negar que haja milagres porque eles não são análogos a outros eventos na história é apenas uma evidência de um viés naturalista injustificável. Finalmente, com base na natureza do testemunho bíblico de milagres, o argumento da improbabilidade contra os milagres, iniciado por Hume, acaba funcionando em favor de uma maior probabilidade dos milagres bíblicos. Porém, a crença no teísmo é a resposta definitiva para a possibilidade de haver milagres.

Kwabena Donkor é diretor associado do Instituto de Pesquisa Bíblica na sede mundial da Igreja Adventista do Sétimo Dia, em Silver Spring, Maryland. Graduado pela Universidade Andrews, obteve doutorado em teologia sistemática, o que lhe permitiu explorar seu permanente interesse nas conexões entre filosofia, ciência e religião. Antes de servir à Associação Geral, trabalhou por 11 anos na Associação de Ontário, no Canadá, como pastor distrital. Ele escreveu artigos acadêmicos para diversas publicações como Andrews University Seminary Studies e revista Ministry, entre outras importantes contribuições. Ele é um grande apreciador de música e compõe sempre que há oportunidade. Nativo de Gana, é casado com Comfort, com quem tem dois filhos adultos, Afia e Kwasi.

1 Wayne A. Grudem, *Systematic Theology: An Introduction to Biblical Doctrines* (Grand Rapids:

Zondervan, 1994), p. 355.

2 Ver J. P. Moreland e William L. Craig, *Philosophical Foundations for a Christian Worldview* (Downers Grove, IL: IVP Academic, 2003), p. 566.

3 Ibid. Moreland e Craig observam: “Mas a nossa exposição da providência divina baseada em um conhecimento mediano de Deus sugere uma categoria de providência não milagrosa e especial, a qual ajuda a fazer distinção. Temos em mente, aqui, eventos que são o produto de causas naturais, cujo contexto, entretanto, sugere uma intervenção divina especial quanto à sua ocorrência.”

4 Barnabas Lindars, “Miracle”, citado em *The Westminster Dictionary of Christian Theology*, ed. Alan Richardson e John Bowden (Philadelphia, PA: Westminster, 1983), p. 371.

5 Ver Moreland e Craig, *Philosophical Foundations*, p. 566-568.

6 Citado em George Mavrodes, “Miracles”, citado em *The Oxford Handbook of Philosophy of Religion*, ed. William J. Wainwright (Nova York: Oxford University Press, 2005), p. 305.

7 Ibid., p. 310.

8 Ver Moreland e Craig, *Philosophical Foundations*, p. 569.

9 Mavrodes, “Miracles”, p. 309, 310.

10 Ernst Troeltsch, citado em Gerhard Hasel, *Biblical Interpretation Today* (Lincoln, NE: College View Printers, 1985), p. 75.

11 Wolfhart Pannenberg, “Redemptive Event and History”, em *Basic Questions in Theology*, trad. G. H. Kehm (Philadelphia, PA: Fortress, 1970), v. 1, p. 40-50.

12 Moreland e Craig, *Philosophical Foundations*, p. 571.

13 Citado em Mavrodes, “Miracles”, p. 314. Observe, todavia, que o próprio Hume tinha em alta consideração o valor do testemunho, pois ele chegou a afirmar que “não existem tipos de raciocínio mais comuns, úteis e até necessários para a vida humana do que aqueles que derivam do testemunho dos homens e os relatos de testemunhas oculares e espectadores”.

14 Ver S. L. Zabell, “The Probabilistic Analysis of Testimony”, *Journal of Statistical Planning and Inference* 20 (1988), p. 327-354. Também John Earman, *Hume’s Abject Failure* (Oxford: Oxford University Press, 2000).

15 Moreland e Craig, *Philosophical Foundations*, p. 570.

Greg A. King

Capítulo 9

O Deus do Antigo Testamento é o Mesmo do Novo Testamento?

"Deus é amor", declara o apóstolo João em sua primeira epístola para os crentes da igreja primitiva (1Jo 4:8). Por muitos séculos, o cristianismo tem dado grande importância a essa curta declaração. Os cristãos têm entendido que ela expressa a principal característica definidora de Deus. Eles têm usado essa curta frase para salientar quem é Deus no âmago de Seu ser e para destacar Sua principal qualidade. E uma vez que a Bíblia confirma a natureza imutável de Deus (Ml 3:6), os cristãos têm geralmente declarado que o amor de Deus está demonstrado por meio de toda a Escritura – tanto no Antigo como no Novo Testamento.

O problema

Nem todos, no entanto, concordam que a Bíblia inteira retrata um Deus de amor. Em seu *best-seller*, o ateísta militante Richard Dawkins afirma sem rodeios: "O Deus do Antigo Testamento é talvez o personagem mais desagradável da ficção: ciumento, e com orgulho; controlador mesquinho, injusto e intransigente; genocida étnico e vingativo, sedento de sangue; perseguidor misógino, homofóbico, racista, infanticida, filicida, pestilento, megalomaníaco, sadomasoquista, malévolo." [1] Para dizer o mínimo (e muito poderia ser dito sobre o autor e seu livro), Dawkins não vê o Antigo Testamento como a descrição de um Deus de amor.

E não são apenas os ateus que são desafiados pela descrição que o Antigo Testamento faz de Deus. Muitos leitores ocasionais da Bíblia e até mesmo alguns cristãos têm problemas com o Deus do Antigo Testamento. Quer-lhes parecer que, ao menos na superfície, a descrição de Deus no Antigo Testamento apresenta um contraste chocante e dramático com aquele encontrado no Novo Testamento. Sua impressão é de que o Deus do Antigo Testamento é rude,

vingativo e punitivo, enquanto o Deus do Novo Testamento – demonstrado por meio de Jesus Cristo – revela-Se amoroso, bondoso e misericordioso.

Como resolver essa questão? Existiriam respostas que apoiam a posição cristã ortodoxa de que o retrato bíblico de Deus é uniforme e consistente, e que Deus é um Deus de amor tanto no Antigo como no Novo Testamento? Ou o abismo entre as descrições de Deus no Antigo e no Novo Testamento é tão grande e profundo que não pode ser ligado?

Soluções para o problema

Discutiremos alguns pontos que colocam a polêmica sobre essa desafiadora questão em uma direção positiva, de maneira a facilitar sua compreensão. Contudo, é necessário primeiramente rever várias soluções que têm sido popularmente defendidas e sustentadas, mas que podem ser consideradas inadequadas ou errôneas com base nas Escrituras, embora possam ter atraído muitos seguidores.

Soluções inaceitáveis

Uma solução defendida por Marcion, no 2º século d.C., é simplesmente declarar que o Deus do Antigo Testamento é diferente do Deus do Novo Testamento. De acordo com Marcion, o Deus do Novo Testamento, o Pai celestial que enviou Jesus e sobre quem o Filho pregou, é bondoso, misericordioso e perdoador. Em contraste, o Deus do Antigo Testamento, o Criador do Universo material, seria uma deidade tribal ciumenta, cuja lei exige justiça e que castiga as pessoas por seus pecados. À luz deste ponto de vista, não surpreende que Marcion tenha rejeitado todo o Antigo Testamento e aceitado um número limitado dos livros do Novo Testamento, por ele editados para que favorecessem sua perspectiva.

Entretanto, Marcion foi corretamente julgado como herege e excomungado pela igreja primitiva, e há razões prementes pelas quais sua perspectiva deve ser rejeitada. Primeiramente, em todo o Novo Testamento, fica claro que o Deus que “tanto amou o mundo” (Jo 3:16) e deu Seu Filho para morrer é o mesmo Deus do Antigo Testamento. Além disso, o próprio Jesus é identificado como o Agente ativo da criação, Aquele que trouxe todas as coisas à existência (Jo 1:3, 14). Isso não foi feito por alguma deidade malévola, como queria Marcion. É um ponto revelador e decisivo o fato de que Jesus nunca Se distanciou nem do Deus do Antigo Testamento nem das Escrituras (o Antigo

Testamento). Em vez disso, Ele via Sua vida como uma continuidade e como o cumprimento do Antigo Testamento (Lc 24:27, 44).

Outra sugestão, que não passa tão longe da heresia de Marcion, é que o mesmo Deus está presente no Antigo e no Novo Testamento, mas que Ele tem uma dupla personalidade. Isso equivale a dizer que a maneira com que Deus tratava as pessoas nos tempos do Antigo Testamento era diferente daquela vista na era do Novo Testamento. Os que defendem essa posição acham que, por alguma razão, Deus escolheu agir de modo rude e punitivo em Sua relação com os israelitas e outras nações, mas com o alvorecer do Novo Testamento, a gentileza
e bondade de Deus vêm para o primeiro plano.

Essa sugestão é desenvolvida de maneira bastante elaborada no sistema teológico conhecido como dispensacionalismo, no qual recebe um banho de sofisticação. Enraizado nos escritos de John Darby (século 19) e popularizado nas notas marginais da Bíblia de Estudos Scofield, de
vasta distribuição, o dispensacionalismo continua sendo um ponto
de vista largamente sustentado entre muitos cristãos no mundo inteiro. Esse ponto de vista sustenta que Deus tem Se relacionado com as pessoas de diferentes maneiras em uma série de diferentes dispensações ou períodos de tempo ao longo da história. Por exemplo, o tempo de Adão e Eva foi a dispensação da inocência, o mundo pré-diluviano foi a dispensação da consciência e a maior parte da era do Antigo Testamento foi a dispensação da lei. Além disso, essas diferentes dispensações seriam baseadas em distintas alianças bíblicas.

Porém, assim como no ponto de vista de Marcion, o dispensacionalismo apresenta falhas na óbvia continuidade que se vê entre Deus e Suas maneiras de proceder em ambos os Testamentos. Com efeito, Deus declara de Si mesmo: “De fato, Eu, o Senhor, não mudo” (Ml 3:6).

Soluções que podem ajudar

Que pontos poderíamos considerar para melhor compreender o retrato de Deus apresentado pelo Antigo Testamento? Quais deles poderiam servir como ponte entre o Deus do Antigo Testamento e o do Novo Testamento, tal como apresentado por Jesus?

O primeiro ponto que merece atenção é que Jesus nunca Se distanciou do Deus do Antigo Testamento. Ele nunca fez uma declaração sequer dando a entender que Seu caráter ou ensinamento eram distintos e separados da revelação

de Deus contida no Antigo Testamento. Ele certamente distinguiu Seu ponto de vista e ensinamentos do entendimento judeu tradicional em uma variedade de tópicos (Mt 5:21, 22, 27, 31, 32; 15:1-11), mas nunca Se distanciou daquilo que o Antigo Testamento revela sobre Deus. Pelo contrário, foi o Deus do Antigo Testamento que, por amor, doou o único Filho para o mundo (Jo 3:16), e Ele veio como Emanuel, "Deus conosco" (Mt 1:23, citando Is 7:14) e como a viva personificação do Deus do Antigo Testamento. Uma vez que Jesus não separou a revelação dada por Sua vida do Deus do Antigo Testamento, nós, como Seus seguidores, tampouco deveríamos fazê-lo.

Um segundo ponto, de igual importância, é que, se as Escrituras forem levadas a sério, Deus não é uma deidade monodimensional, tendo como único atributo o amor. Em vez disso, algumas características são atribuídas à Pessoa Divina. Ele é santo, reto, justo, fiel, zeloso, misericordioso, bondoso e assim por diante. Uma lista bastante longa de atributos bíblicos poderia ser acrescentada. Eliminar aspectos das descrições que a Bíblia faz de Deus por não se encaixarem em nosso conceito do que seja um Deus de amor é condescender com o reducionismo. Tal prática nos deixaria com uma imagem diminuída de Deus, o que seria injusto com as Escrituras. Devemos deixar que a Bíblia defina o caráter e a maneira de ser de Deus em vez de decidirmos como Deus deveria parecer e, então, impor nosso ponto de vista sobre as Escrituras.

Um terceiro ponto que devemos ter em mente é que o Novo Testamento, assim como o Antigo, contém algumas passagens desafiadoras quando se trata de entender o caráter de Deus. Em outras palavras, o Deus do Novo Testamento, mesmo Aquele visto em Jesus Cristo, nem sempre é um Deus caloroso e amistoso, gentil em qualquer circunstância.

Várias passagens bíblicas servem para demonstrar esse ponto. Primeiramente o juízo divino que ceifou a vida de Ananias e Safira por terem mentido para o Espírito Santo é, com certeza, um sério castigo (At 5:1-11). Alguns até podem enxergar nisso um vestígio do rude Deus do Antigo Testamento, embora o episódio seja do Novo Testamento. O livro final do Novo Testamento fala de um juízo divino cheio de cólera, uma ira divina dissociada de qualquer misericórdia (Ap 14:9-11). Além disso, o próprio Jesus expulsou os mercadores para fora do templo com um chicote de cordas (Jo 2:13-17) e, logo de início, repeliu a súplica da mulher cananeia pela cura de sua filha com o que alguns consideram um comentário pejorativo (Mt 15:21-28). Tudo isso não vem a negar que o Deus do Novo Testamento seja infinitamente bondoso e amoroso; é simplesmente para notar que tanto o Antigo como o Novo Testamento, às vezes, apresentam

desafios quando buscamos entender o amor de Deus.

Um quarto ponto que devemos ter em mente é o conceito a que os cristãos, às vezes, se referem como revelação progressiva. A revelação progressiva alude à revelação gradual da verdade, ou seja, ao fato de que, ao percorrermos as Escrituras, Deus Se revela de maneira cada vez mais clara até que chegamos ao ápice de Sua autorrevelação, na pessoa de Seu Filho, Jesus Cristo. Isso não quer dizer que a revelação de Deus encontrada no Antigo Testamento seja errônea e equivocada. Certamente é um fato que Davi, Isaías, Daniel e outros escritores do Antigo Testamento receberam revelações sobre Deus e as comunicaram nas páginas das Escrituras. Entretanto, isso é uma revelação incompleta.

Como indica a Bíblia, a mais completa revelação de Deus é encontrada na vida de Seu Filho, Cristo Jesus. Nenhum profeta do Antigo Testamento jamais pôde dizer como Jesus disse: “Quem Me vê, vê o Pai” (Jo 14:9). Jesus é o Único de quem se pôde dizer: “Pois em Cristo habita corporalmente toda a plenitude da divindade” (Cl 2:9). Quanto a isso, devemos lembrar que, enquanto estivermos na Terra, mesmo com a maravilhosa revelação de Deus provida por Jesus, ainda estaremos, para usar a expressão de Paulo, “[vendo] um reflexo obscuro, como em espelho” (1Co 13:12). Somente na eternidade começaremos a entender alguns dos desafios quanto ao conhecimento de Deus apresentados por certas passagens das Escrituras.

Um último ponto para mantermos em mente é que nosso desconforto sobre a descrição de Deus no Antigo Testamento pode nos dizer mais sobre o mundo em que vivemos e sobre nós mesmos do que sobre Deus. Talvez nossa época prefira um Deus que seja indulgente e permissivo Àquele que é amor, zeloso e santo (Êx 20:5; 34:14). Talvez desejemos um Senhor caloroso e acolhedor em vez dAquele que é, como declara o Novo Testamento, um “fogo consumidor” (Hb 12:29).

A seguinte declaração de C. S. Lewis é uma chocante acusação para a nossa época:

> O que realmente nos satisfaria seria um Deus que dissesse a respeito de qualquer coisa que gostássemos de fazer: “Que importa se isso os deixa contentes?” Queremos, na verdade, não tanto um Pai celestial, mas um avô celestial – uma benevolência senil que, como dizem, “gostasse de ver os jovens se divertindo” e cujo plano para o Universo fosse simplesmente que se pudesse afirmar no fim de cada dia: “Todos aproveitaram muito.” [2]

Em vez de nos limitarmos à revelação de Deus sobre Si mesmo contida em apenas uma porção das Escrituras, sigamos o exemplo de muitos fervorosos cristãos, dos apóstolos do Novo Testamento e do próprio Jesus. Que possamos reconhecer a continuidade existente na Palavra de Deus e compreender as profundezas da Bíblia como um todo, buscando entender de uma maneira tão completa e tão plena quanto possível Aquele por meio de Quem, ao conhecê-Lo, temos a vida eterna (Jo 17:3).

Leitura adicional:

Baker, David. *Two Testaments, One Bible: The Theological Relationship Between the Old and New Testaments*. Downers Grove, IL: IVP Academic, 2010.

Baylis, Albert. *From Creation to the Cross: Understanding the First Half of the Bible*. Grand Rapids: Zondervan, 1996.

Dybdahl, Jon. *A Strange Place for Grace: Discovering a Loving God in the Old Testament*. Nampa, ID: Pacific Press, 2006.

Yancey, Philip. *The Bible Jesus Read*. Grand Rapids: Zondervan, 1999.

Greg A. King é reitor da Faculdade de Religião e professor de estudos bíblicos na Southern Adventist University. Além do título acadêmico obtido nessa universidade, ele tem títulos acadêmicos do Seminário Teológico Adventista e do Seminário Teológico União, na Virgínia, onde obteve seu doutorado em Antigo Testamento. Tem escrito para várias publicações, como Eerdmans Dictionary of the Bible, Bibliotheca Sacra, Andrews University Seminary Studies, Ministry e Adventist Review. Além disso, é o autor do livro King and Chronicles. Antes de passar a lecionar, atuou como pastor no Tennessee, Geórgia e Iowa. Ele e a esposa, Mary, têm dois filhos, Jonathan e Joshua. A verdadeira paixão de sua vida é ver seus alunos desenvolvendo um relacionamento vivo e vibrante com Jesus Cristo, de modo que possam experimentar a vida plena que essa conexão torna possível.

1 Richard Dawkins, *Deus, um Delírio* (São Paulo: Companhia das Letras, 2007), p.43.

2 C. S. Lewis, *O Problema do Sofrimento* (São Paulo: Mundo Cristão, 1983), p. 29.

JOHN H. REEVE

Capítulo 10

Por que Não Adoramos Três Deuses?

A concepção de Deus como Trindade sempre foi um assunto central e também problemático para o cristianismo. Entretanto, “Três Pessoas em um Deus” resume efetivamente a revelação bíblica sobre a natureza da Divindade. Externamente, essa maneira de definir Deus tem sido motivo para as outras duas religiões monoteístas, o judaísmo e o islamismo, acusarem o cristianismo de ser politeísta. Internamente, desde que a igreja cristã primitiva escolheu a fórmula trinitária para expressar da melhor maneira possível o que a Bíblia revela sobre Deus, nenhuma doutrina parece mais essencial para a definição cristã de Deus. [1] Ao mesmo tempo, a doutrina da Trindade tem sido repetidamente atacada como uma representação sem lógica de Deus por vários grupos cristãos minoritários.

Os adventistas e o trinitarianismo

Na América do início do século 19, a Conexão Cristã, uma pequena denominação que, durante algum tempo, contou com José Bates e Tiago White entre seus ministros, era uma dessas minorias antitrinitarianas. Como líderes do pequeno grupo que cresceu, organizou-se
e, mais tarde, tornou-se a Igreja Adventista do Sétimo Dia, Bates e White contribuíram com esse matiz antitrinitariano nos anos de formação do movimento. Com o passar do tempo, no entanto, essa primeira aversão à teologia trinitariana foi substituída pelo reconhecimento de que, embora as Escrituras não utilizem o termo Trindade, as descrições de Deus dadas pelas Escrituras evocam esse conceito. [2] Durante a década de 1890, quando se estendeu o entendimento adventista sobre
Jesus Cristo, e o livro *O Desejado de Todas as Nações* foi escrito, muitos adventistas do sétimo dia chegaram a um entendimento trinitariano de Deus como Pai, Filho e Espírito Santo. [3]

Uma postura positiva causou inicialmente a rejeição da doutrina tradicional da Trindade por parte de muitos líderes adventistas primitivos. Eles enxergavam essa doutrina como originária da tradição em vez da Bíblia. Além disso, alguns deles confundiam a fórmula trinitariana de Três Pessoas em Um Deus com a conceituação modal de Deus como Uma Pessoa em três modos. José Bates escreveu que nunca poderia aceitar que Jesus Cristo e o Pai fossem uma e a mesma Pessoa. [4] Essa rejeição inicial deu margem a uma vigorosa hermenêutica de não aceitar a tradição cristã como autoridade, mas, em lugar disso, somente aceitar uma doutrina da maneira que fosse compreendida a partir da Bíblia. Assim, quando a Igreja Adventista do Sétimo Dia se voltou ao entendimento trinitariano, foi porque acreditou que essa é a melhor de todas as representações sobre Deus revelada pelas Escrituras.

Essa mudança na concepção a respeito de Deus tem implicações sobre como as pessoas se relacionam com Ele, e também na forma como elas percebem a salvação. Ver Deus como Três Pessoas celestiais combinadas em uma única Divindade tem ramificações de longo alcance para as doutrinas de Cristo, do Espírito Santo e da salvação.

Revelação e lógica

Que três sejam um é uma impossibilidade lógica. Isso desafia a lógica matemática como também a lógica aristotélica. Por que, então, a igreja primitiva chegou ao conceito de Deus como sendo Três em Um?

Primeiramente, e de maneira muito simples, foi porque os escritores do Novo Testamento retrataram muito claramente Jesus Cristo ao lado do Pai. Quase toda saudação ou louvor incluem Deus o Pai e o Senhor Jesus Cristo em conjunção (Rm 1:7; 1Co 1:1-3; 2Co 1:2; Ef 1:3-6; Fp 2:5-11; Tg 1:1; 1Pe 1:2; 2Jo 3; Jd 25; Ap 1:9). Uma exploração mais aprofundada do ensinamento bíblico encontrará tanto a unidade como a trindade de Deus nas Escrituras. A unidade é clara em passagens como Deuteronômio 6:4, a qual os judeus usam no Shemá: “Ouve, Israel, o Senhor, nosso Deus, é o único Senhor.” [5] A Trindade pode ser vista em passagens como a do batismo de Cristo em Mateus 3:16, 17, onde o Pai, o Filho e o Espírito são individualmente descritos em ações simultâneas. Ela também está evidente na Grande Comissão de Mateus 28:19, em que Jesus ordena que Seus discípulos sejam batizados “em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”, [6] o que se tornou a bênção padrão da igreja cristã. Assim, duas grandes orações da Bíblia, o Shemá e a bênção apostólica, descrevem Deus como Um e como Três.

A despeito da lógica humana, a Bíblia insiste que Deus é Um e Três. A quem daremos prioridade: À lógica humana ou à revelação?

Trindade: solução ou paradoxo?

Decididamente, seguirei a revelação antes da lógica. Qualquer outra resposta cria uma teologia construída de baixo para cima, um entendimento baseado na percepção ou analogia. Por outro lado, colocar a revelação divina antes da lógica dá lugar a uma teologia alicerçada na autorrevelação de Deus, que é infinitamente maior e mais sábio do que a mente humana pode conceber. Com efeito, essa revelação vem por meio de agentes humanos. Ela é expressa na linguagem humana, de modo que "vemos apenas um reflexo obscuro, como em espelho" e, como Paulo, conhecemos "em parte" (1Co 13:12). Mesmo assim, prefiro ver parcialmente o verdadeiro Deus, que está muito acima da concepção humana, do que alegar ter uma visão plena de uma Divindade humanamente construída.

A fórmula trinitariana se resume em: Deus é Três e é Um, isto é,
Triúno. Os conceitos não deixam dúvida e são bíblicos. O termo
é simplesmente um nome que significa aquilo que Deus revela acerca de Si mesmo nas Escrituras.

A igreja primitiva não resolveu o paradoxo revelado, a saber, que Deus é Um e também é Três. [7] Deram-lhe, simplesmente, um nome. A Trindade não é a solução. Ela é simplesmente uma designação em uma só palavra que mantém o paradoxo intacto: Três em Um, o nosso Deus Triúno. [8]

O Espírito Santo como membro pessoal da Divindade

Alguns afirmam que o Espírito Santo não é um Membro pessoal da Trindade, mas um poder impessoal que vem de Deus. Essa declaração, que tem poucos seguidores no adventismo, toma muitas formas e ângulos. Em sua essência, todavia, afirma que a Bíblia não endossa a ideia de que o Espírito Santo tenha qualquer "pessoalidade". Tratarei dessa questão diretamente a partir da Bíblia. Se ela nos fornecer fortes evidências para que atribuamos pessoalidade e plena deidade ao Espírito Santo, a questão estará resolvida. Depois tratarei de uma ideia de cunho histórico e outra de cunho filosófico que podem trazer luz sobre a aparente confusão concernente ao Espírito Santo.

A primeira categoria sobre a qual tratarei é a da relação interpessoal. No

encerramento de suas cartas aos coríntios, Paulo deu início à bênção trinitariana clássica: “A graça do Senhor Jesus Cristo, e o amor de Deus, e a comunhão do Espírito Santo sejam com todos vós” (2Co 13:12, ARA). Aqui, Paulo reconhece que o Espírito Santo está especialmente identificado com a comunhão (*koinonia*), que é o coração da relação interpessoal. Outras passagens das Escrituras descrevem o ministério pessoal assumido pelo Espírito Santo na relação direta e individual com cada cristão. Esse ministério inclui: convencer (Jo 16:8-11), regenerar (Jo 3:5-8), guiar (Jo 16:13), santificar (Rm 8:1-17), autorizar para o serviço (At 1:8), revelar (Lc 2:26) e mover os profetas inspirados a falar e escrever as Escrituras (2Tm 3:16; 2Pe 1:21). Todas essas coisas denotam uma função ativa ou relacional. Mesmo quando o Espírito Santo é retratado não declarando Sua própria vontade — como em: “[Ele] não falará de si mesmo” (Jo 16:13) — há um componente relacional ativo na descrição da relação pessoal com o crente —“Ele vos guiará”, “[Ele] dirá”, e “[Ele] vos anunciará”, ainda no mesmo verso. Os versos de 2 Timóteo 3:16, 2 Pedro 1:21 e numerosos textos que descrevem pessoas sendo enchidas com o Espírito Santo denotam que Ele é responsável pela produção da Escritura e das profecias, as quais têm um conteúdo proposicional. Essa tarefa, assim como todas as outras anteriormente relacionadas, envolve mais do que um poder impessoal. Ela requer uma comunicação consciente do conteúdo. Todas essas interações pessoais com indivíduos crentes salientam o que Paulo apontava no fim das cartas aos coríntios: o Espírito Santo está envolvido em uma relação/comunhão/koinonia especialmente íntima conosco.

Em João 14-17, encontramos o Pai, o Filho e o Espírito retratados em uma relação interdependente e interativa com o propósito de nos incluir em Sua relação recíproca de amor e obediência. Quem conhece o Filho conhece o Pai (Jo 14:6, 9); o Filho revela o Pai (Jo 17:6, 25); e, embora o Filho traga glória para o Pai, o Pai glorifica o Filho (Jo 17:4). O Pai envia o Filho (Jo 16:5) e o Espírito (Jo 14:26); o Filho envia o Espírito (Jo 15:26; 16:7); o Espírito ensina, guia e testifica sobre o Filho (Jo 14:26; 15:26); e por meio do Espírito que habita em nós, o Filho, que está no Pai, virá a nós (Jo 14:16-20). As interações são retratadas como recíprocas entre os Três. Isso se verifica especialmente no capítulo 17, versos 6-10: mediante a revelação do Pai pelo Filho para nós – que somos descritos como uma dádiva do Pai para o Filho – o Filho ganha confiança para nos dar as palavras que o Pai Lhe deu e para nos capacitar para, em obediência, aceitar essas palavras. Desse modo, o Filho é uma ponte entre o Pai e nós, os

crentes, engendrando a relação amorosa, confiante, crente e obediente. Essa ponte do Filho nos é assegurada para sempre por meio do Espírito que habita em nós (14:16-18). Verdadeiramente, o Filho e o Espírito assumem papéis submissos nessa relação para nossa salvação (14:31), mas aqui está outro aspecto desses versos que tende a sugerir igualdade: a unidade.

O Evangelho de João contém várias declarações sobre a unidade entre o Pai e o Filho: “Eu estou no Pai e [...] o Pai está em Mim” (Jo 14:10); “tudo o que tenho é Teu, e tudo o que tens é Meu” (Jo 17:10). Uma dessas declarações é bem direta: “Nós somos um” (17:22). Essa unidade se estende indiretamente também ao Espírito, como fica evidente em João 16:14, 15: “Ele Me glorificará, porque receberá do que é Meu e o tornará conhecido a vocês. Tudo o que pertence ao Pai é Meu. Por isso Eu disse que o Espírito receberá do que é Meu e o tornará conhecido a vocês.” Esse senso de pertencimento recíproco e de acesso aberto àquilo que os Três compartilham descreve uma unidade entre os Três. Semelhantemente, João 14:16-23 retrata os Três Membros da Deidade fazendo, de modo unificado, Sua morada em nós. Embora tivesse que nos deixar, Jesus indica que Ele estará conosco por meio da promessa de que o Espírito viverá em nós. Jesus, então, termina a passagem com a promessa de que Ele e o Pai virão e farão morada em nós. Isso quer dizer que o Espírito viverá em nós. Essa é uma forte unidade que iguala a presença de Um dos Três com a presença de todos os Três.

Discute-se acaloradamente se essa unidade é de propósito ou uma unidade de seres, mas, de ambos os modos, a unidade dos Três é uma percepção de uma Trindade. Essa unidade dos Três também sugere que o Espírito Santo tem uma pessoalidade, assim como o Pai e o Filho têm pessoalidade. Além disso, a clara relação interpessoal que o Espírito tem com os crentes, sugere, veementemente, que a Bíblia apresenta o Espírito Santo como uma Pessoa, embora muitas apresentações bíblicas do Espírito não incluam um corpo. A pessoalidade não deriva de um corpo, mas de um relacionamento.

Como foi que o Espírito Santo começou a ser entendido como uma força impessoal? A resposta está na história e na filosofia. O meio filosófico dos cristãos primitivos incluía a concepção platônica e estoica de Deus em três partes: O Transcendente, ou Mônada, chamado por Platão de “Pai”; o demiurgo, ou Logos, que era o Criador imanente, a quem Platão, às vezes, se referia como Díada (Dois) ou como o “Filho”; e o poder que infunde a vida e a energia que enchem de força de poder todo o Universo e as criaturas viventes que nele há, o

que Platão e Zenão de Cítio chamavam de Pneuma, ou seja, “fôlego” ou “espírito”. Essa concepção filosófica era frequentemente presumida na leitura de passagens sobre o Espírito Santo, causando a tendência de fazer com que os textos tradicionais das Escrituras enfatizassem o papel subordinado do Espírito e usando um palavreado que pudesse fazer o Espírito ser interpretado apenas como uma força. Os textos que retratam os aspectos pessoais e relacionais do Espírito receberam, inicialmente, menos uso e menor peso teológico. Entretanto, nem a filosofia nem a tradição devem controlar a maneira como lemos as passagens bíblicas.

Ramificações da salvação concernentes à triunidade de Deus

Até aqui nos fixamos no desenvolvimento da doutrina bíblica da Trindade – tanto nos primeiros séculos da igreja cristã como na Igreja Adventista do Sétimo Dia, tratamos do paradoxo dos Três em Um e vimos o Espírito Santo como um Membro pessoal da Divindade. Agora, voltaremos nossa atenção para as ramificações da relação salvífica com o nosso Deus como Três Pessoas em Uma Divindade. O ponto crucial dessas ramificações é que a nossa salvação está assegurada pelo mesmo Deus que é o Criador e Mantenedor de tudo. Jesus Cristo é Deus!

Em João 1, temos uma descrição de Jesus Cristo como o Logos (Palavra). Essa Palavra é descrita como Criadora e, também, como Deus (v. 1-3), o Todo-Poderoso Governador do Universo (ver Tt 2:11-14, em que Paulo descreve Cristo como o “nosso grande Deus”, e Rm 9:5, em que Ele é o “Deus acima de todos, bendito para sempre”). Muitos adventistas devem conhecer a descrição de Jesus Cristo feita por Ellen White, na qual ela declara que Ele era “um em natureza, ca-
ráter e propósito” com Deus, o Pai. [9] João 1 descreve essa natureza e
caráter de Deus como vida e luz (v. 4, 5), enfatizando que a Palavra
é a Fonte da vida eterna e da verdade eterna. No verso 14, João diz que “a Palavra tornou-Se carne e viveu entre nós”. Assim resume a história do Natal, na qual o grande e eterno Deus Se torna um frágil bebê. Depois de adulto, ciente de Sua missão como Messias, por três anos Ele desempenhou um ministério público enquanto pregava sobre o reino de Deus e preparava os discípulos para Sua morte. Então morreu como um sacrifício, o Cordeiro pascal, o Servo Sofredor por cujas pisaduras fomos sarados (Is 53; especialmente os v. 5-10). Contudo,

Ele não ficou morto! Como Ele mesmo disse: “Tenho autoridade para dá-la e para retomá-la [a minha vida]” (Jo 10:18). Isso nos traz à mente a frequentemente citada passagem de Ellen White: “Em Cristo há vida original, não emprestada, não derivada. [...] A divindade de Cristo é a certeza de vida eterna para o crente.” [10]

Um Deus assim é digno de honra.

Deus o Filho, em Seu papel como Salvador, (1) é o Todo-Poderoso, (2) nos ama e (3) é, Ele mesmo, a ponte para a salvação, ao conectar os humanos de volta com Deus. Somente o verdadeiro Deus pode levar a efeito essas três tarefas necessárias para a salvação. Se Ele fosse menos que plenamente divino, Sua capacidade de salvar seria diminuí-
da. Vê-Lo dessa forma diminui nossa capacidade de compreender e desfrutar Sua obra de salvação. Como declara João 15:13: “Ninguém tem maior amor do que este: de dar alguém a própria vida em favor dos seus amigos.”

Um Deus assim é digno de ser amado.

Leitura adicional:

Erickson, Millard. *Making Sense of the Trinity: Three Crucial Questions*. Grand Rapids: Baker, 2000.

“A Missão do Espírito Santo”, em *Nisto Cremos*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2008, p. 82-86.

Wallenkampf, Arnold. *New by the Spirit*. Reeditado. Hagerstown, MD: Review and Herald, 2006.

Whidden, Woodrow; Moon, Jerry; Reeve, John. *The Trinity: Understanding God’s Love, His Plan of Salvation, and Christian Relationships*. Hagerstown, MD: Review and Herald, 2002.

John W. Reeve obteve seu PhD na Universidade Notre Dame (South Bend, Indiana) e é professor de história eclesiástica no Seminário Teológico Adventista da Universidade Andrews. Ele é editor da Andrews University Seminary Studies. É coautor do livro A Trindade no qual salienta o desenvolvimento da doutrina da Trindade na igreja cristã primitiva durante a Idade Média. Sua primeira experiência docente foi como professor de escola secundária em British Columbia, onde deu início ao ministério Our Daily Bread Bakery. Depois de completar o mestrado em Divindade, atuou como pastor na Associação de Minnesota. Sua esposa, Teresa L. Reeve, PhD, é professora-assistente de Novo Testamento no Seminário Adventista Teológico em Berrien Springs, Michigan,

onde o casal mora com a filha, Madeleine.

1 Ver meus três capítulos sobre a história primitiva da doutrina da Trindade em *The Trinity: Understanding God's Love, His Plan of Salvation, and Christian Relantionships* (Hagerstown, MD: Review and Herald, 2002), p. 124-160. Para o áudio de uma palestra, ouça meu *podcast* "The Trinity in the Early Centuries". Disponível em <www.atsjats.org/article.php?id=33#3>. Para mais detalhes, ver R. P. Hanson, *The Search for the Christian Doctrine of God* (Edinburgh: Clark, 1988).

2 Jerry Moon, "The Adventist Trinity Debate, Part I: Historical Overview", *Andrews University Seminary Studies* 41 (2003), p.113-129; Merlin Burt, "History of Seventh-day Adventist Views on the Trinity", *Journal of the Adventist Theological Society* 17 (2006), p. 125-139.

3 Jerry Moon, "The Adventist Trinity Debate, Part II: The Role of Ellen G. White", *Andrews University Seminary Studies* 41 (2003), p. 275-292.

4 Joseph Bates, *Autobiography of Elder Joseph Bates* (Battle Creek, MI: Steam, 1868), p. 205. Cf. Merlin Burt, "The Trinity in Seventh-day Adventist History", *Ministry*, fevereiro de 2009, p. 5-8; George Knight, *Joseph Bates: The Real Founder of Seventh-day Adventism* (Hagerstown, MD: Review and Herald, 2004), p. 38.

5 O monoteísmo é um forte conceito em toda a Bíblia. Muitas outras passagens bíblicas enfatizam a unidade de Deus (Mc 12:29; Jo 5:44; Rm 3:30; 1Co 8:4, 6; Gl 3:20; Ef 4:6; Tg 2:19) ou fazem alusão à unidade de Deus (Js 22:22; 1Sm 2:3; Sl 50:1; 71:22; Is 46:9; Ml 2:10), ou declaram a exclusividade de Deus como o único Deus (1Rs 8:60; 2Cr 14:11).

6 Outros textos do Novo Testamento mencionam os Três Membros da Divindade combinados um com o outro (Jo 3:5; At 2:38; 7:55; 10:38; Rm 1:4; 8:9; 15:16, 30; 1Co 6:11; 2Co 3:3; 13:14; 4:6; Ef 2:18; 4:6; Fp 3:3; Hb 9:14; 1Pe 1:2; 2:5; 3:18; 4:14; Ap 19:10).

7 A tentativa de explicar *como* Deus pode ser Três e, ao mesmo tempo, Um, vai além de uma simples expressão, tornando-se mais complexa e metafórica. Entretanto, nem sempre precisamos explicar o "como" a fim de crer naquilo que a Bíblia claramente ensina. A explicação mais simples é dizer que Deus é Um Deus em Três Pessoas. Essa é uma conceituação bastante útil, mas tem suas desvantagens. O termo português *pessoa* é usado aqui em aproximação a dois termos gregos: *prosopon*, que significa face, máscara, personalidade, papel (em um drama); e *hypostasis* que tem um amplo campo semântico que inclui personalidade, caráter, ou, mais diretamente, natureza. O termo em latim *persona*, que significa personalidade, caráter, papel não tem o mesmo campo semântico exato do termo *pessoa* em português, tampouco de nenhum dos termos gregos acima que eram usados ao longo da história para descrever como era a Trindade representada nas Escrituras. Assim, o termo português *pessoa* tanto ajuda como pode atrapalhar na conceituação dos seres da Divindade. Em sentido real, qualquer explicação sobre como Deus é Três e Um deve ser vista como um retrato do conceito em vez de uma descrição exata. Está claramente revelado na Bíblia que Deus é Três; descrever como é isso fica no terreno da elaboração humana, sendo, portanto, apenas uma aproximação. A doutrina básica da Trindade é oriunda das Escrituras, cheguemos ou não a uma aproximação aceitável do "como".

8 Ao longo dos séculos, muitas ideias foram anexadas à conceituação trinitariana básica, à medida que cristãos questionadores tentavam ser mais exatos em suas elaborações sobre como Deus é Três em Um e nas relações existentes entre as Pessoas da Divindade. Algumas delas são conceitualmente enganosas ou são usadas de uma maneira que pode vir a enganar. Um exemplo disso pode ser visto na conceituação da geração eterna do Filho e da proveniência eterna do Espírito Santo (que o Filho e o Espírito sempre existiram, mas, desde sempre, são provenientes do Pai). Isso foi descrito recentemente por Thomas Torrance

(*Trinitariam Perspectives* [Edinburgh: Clark, 1994], p. 112, 113, 118, 119) como uma parte necessária para explicar as relações eternas dentro da Divindade, sem ocasionar, no entanto, uma subordinação, visto que a geração e a proveniência vêm da *Monarquia* (o governo de Deus) em vez da Pessoa do Pai. Alguns podem pensar que é necessário usar essa explicação a fim de enfatizar a concepção da unidade ou do caráter uno de Deus, mas ela causa uma complexidade conceitual e sugere um "subordinacionismo" em potencial. Da mesma forma, isso depende do ponto de vista platônico da eterna ausência de tempo que antecedeu a criação. Também considero enganosas as várias concepções de um tripartido humano correspondente ao caráter trino da Trindade. Essas coisas não estão, em absoluto, conectadas com a conceituação básica da Trindade. Alguns cristãos podem considerar tudo isso necessário para o dogma trinitariano, mas eu discordo, pois as Escrituras não insistem nelas. Essas ideias adicionais não são encontradas nas crenças fundamentais da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

9 Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2001 [CD-ROM]), p. 34.

10 White, *O Desejado de Todas as Nações* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2001 [CD-ROM]), p. 530.

Werner K. Vyhmeister

Capítulo 11

O que Há de Tão Especial no Sétimo Dia da Semana?

O sétimo dia da semana aparece numerosas vezes na Bíblia, de Gênesis a Apocalipse, como um componente significativo no plano de Deus e como uma indicação do interesse divino na vida dos seres humanos. Ele é chamado de "sétimo dia" (Gn 2:2) e também de "sábado" (começando com Êx 16:23). Logo no início da história bíblica, a semana de sete dias aparece como uma unidade de medida de tempo (cf. Gn 7:4, 10; 8:10, 12; 29:27).

Livros inteiros têm sido escritos para discutir o significado do sábado e sua fascinante história durante os milênios passados. O que segue é uma pesquisa resumida dos pontos de destaque sobre o sábado, de Gênesis a Apocalipse. Essa pesquisa nos fala por que o sábado é especial.

O próprio Deus descansou durante o sétimo dia da semana da criação (Gn 2:2)

Obviamente, Deus não estava cansado. Adão e Eva tampouco, pois haviam sido criados no dia anterior. Mas Deus escolheu lhes mostrar Seu amor e cuidado desde o começo. Milênios antes que os israelitas surgissem como nação, Deus quis deixar claro que o sétimo dia, o sábado, foi feito para toda a humanidade, assim como Jesus indicou em Marcos 2:27: "O sábado foi feito por causa do homem, e não o homem por causa do sábado."

Deus abençoou o sétimo dia e o santificou (Gn 2:3)

Propositadamente, Deus fez o sábado duplamente especial ao *abençoá-lo* e *santificá-lo* (Gn 2:3). Não há nenhuma referência bíblica a outro dia da semana que tenha sido abençoado ou santificado por Deus.

O quarto mandamento, que explicita que devemos nos lembrar do sábado “para santificá-lo” (Êx 20:8), é parte do único documento conhecido escrito por Deus com o próprio dedo em tábuas de rocha. Essas tábuas foram, posteriormente, colocadas dentro da arca, no Lugar Santíssimo do santuário (Êx 25:16, 21) e, mais tarde, no templo de Salomão (1Rs 8:9), mostrando, dessa maneira, a santidade do dia e da lei que ordenava sua observância.

Séculos mais tarde, Isaías (oito a sete séculos a.C.) lembraria a Judá:

> “Se você vigiar seus pés para não profanar o sábado e para não fazer o que bem quiser em meu santo dia; se você chamar delícia o sábado e honroso o santo dia do Senhor,
> e se honrá-lo, deixando de seguir seu próprio caminho, de fazer o que bem quiser e de falar futilidades, então você terá no Senhor a sua alegria, e Eu farei com que você cavalgue nos altos da Terra e se banqueteie com a herança de Jacó, seu pai.” É o Senhor quem fala (Is 58:13, 14).

Em todas as eras, Deus tem considerado o sábado santo, uma extensão de Sua santidade a ser compartilhada por Seu povo na Terra. Sua santidade aparece no Pentateuco (Lv 23:3; Dt 5:12), nos profetas (Jr 17:24, 27; Ez 44:24) e na história do povo judeu depois de sua volta para a Palestina após o cativeiro babilônico (Ne 9:14; 13:22).

Sábado como sinal de lealdade

Mesmo antes de Israel chegar ao monte Sinai, Deus começou a prover o maná (Êx 16:2-31), que aparecia sobre o chão a cada manhã, exceto nas manhãs de sábado. No sexto dia, uma porção dobrada de maná era fornecida. Durante os 40 anos de peregrinação pelo deserto, até que atravessaram o rio Jordão e chegaram a Canaã (Js 5:12), o maná serviu para os israelitas como lembrança do amoroso cuidado de Deus e da correta observância do sábado.

O serviço do santuário levítico incluía alguns aspectos que salientavam o caráter especial do sábado semanal. Ele era o único dia separado para uma convocação santa e semanal: “Em seis dias realizem os seus trabalhos, mas o sétimo dia é sábado, dia de descanso e de reunião sagrada. Não realizem trabalho algum; onde quer que morarem”(Lv 23:3). Somente no sábado, um segundo cordeiro era acrescentado aos sacrifícios da manhã e da tarde (Nm 28:3, 4, 9, 10).

De acordo com Ezequiel 20:12 (590 a.C.), o sábado semanal foi dado como

um sinal entre Deus e o povo de Israel, com o seguinte propósito: “Para que soubessem que Eu sou o Senhor que os santifica”.

Um importante elemento para a missão de Neemias (5º século a.C.) em Judá foi a restauração da correta observância do (sétimo dia) sábado (cf. Ne 13:15-22). Isso incluía o fechamento dos portões de Jerusalém ao escurecer, “na véspera do sábado”, para manter os comerciantes do lado de fora até o fim do sábado (Ne 13:19). Isso era uma lembrança da história da criação: cada dia começa com a “tarde” (ao pôr do sol) seguida da “manhã” (Gn 1:5).

O sábado é um memorial da criação

O quarto mandamento, de acordo com Êxodo 20, nos dá a razão para observarmos o sábado: “Porque, em seis dias, fez o Senhor os céus e a Terra, o mar e tudo o que neles há e, ao sétimo dia, descansou; por isso, o Senhor abençoou o dia de sábado e o santificou” (v. 11). Em Êxodo 31:17, o mandamento reitera a ação criadora de Deus manifestada na observância do sábado: “Entre mim e os filhos de Israel é sinal para sempre; porque, em seis dias, fez o Senhor os céus e a Terra, e, ao sétimo dia, descansou, e tomou alento.”

Em seu importante livro sobre o sábado, o pioneiro adventista J. N. Andrews escreveu sobre a importância da guarda do sábado e foi citado por Ellen White: “A importância do sábado como memória da criação consiste em conservar sempre presente o verdadeiro motivo de se render culto a Deus. [...] O sábado, portanto, está no fundamento mesmo do culto divino, pois ensina esta grande verdade da maneira mais impressionante, e nenhuma outra instituição faz isso.” [1] Ellen White cita essa passagem de Andrews e faz a seguinte reflexão: “Tivesse sido o sábado universalmente guardado, os pensamentos e afeições dos homens teriam sido dirigidos ao Criador como objeto de reverência e culto, jamais tendo havido idólatra, ateu, ou incrédulo. A guarda do sábado é um sinal de lealdade para com o verdadeiro Deus.” [2]

Jesus Cristo salientou o significado do sábado semanal

Era costume de Cristo frequentar a sinagoga aos sábados e participar ativamente nos cultos. Em um sábado, em Nazaré, ainda no começo de Seu ministério, Ele leu uma passagem do livro de Isaías e anunciou: “Hoje se cumpriu a Escritura que vocês acabaram de ouvir” (Lc 4:16-21).

O registro dos evangelhos inclui sete “atos de misericórdia” (milagres) realizados por Jesus no sétimo dia, o sábado. Na sinagoga, em Cafarnaum, Jesus expulsou um demônio (Mc 1:21-31). Em outro sábado, também na sinagoga, Ele curou um homem com a mão mirrada, causando tumulto entre os observadores (Mc 3:1-5). Lucas relata a cura de uma mulher que estivera encurvada por 18 anos, o que deixou o oficial da sinagoga indignado. Cristo defendeu Sua ação, notando que era apropriado que a mulher fosse livrada de seu cativeiro no sábado (Lc 13:10-17). Em resposta à indagação dos fariseus e doutores da lei, “é ou não é lícito curar no sábado?”, Jesus curou um homem que sofria de hidropisia (Lc 14:1-4). A história do homem que havia estado enfermo por 38 anos, a quem Jesus curou no tanque de Betesda em um sábado, está relatada em João 5:1-15. De acordo com João 9:1-7, Jesus aplicou barro aos olhos de um homem cego de nascença no dia de sábado. Todos esses milagres causavam sensação, mas davam a Jesus a oportunidade de declarar de Si mesmo: “O Filho do homem é Senhor até mesmo do sábado” (Mc 2:28). Assim Ele apontava a natureza restauradora desse dia.

Já bem próximo do fim de Seu ministério na Terra, no sermão profético registrado em Mateus 24, Jesus alertou Seus seguidores sobre os eventos que aconteceriam em um futuro não muito distante, quando “o sacrilégio terrível” estaria no Lugar Santo, significando a derrota de Jerusalém pelo exército romano. Ele os exortou para que orassem pedindo que sua fuga não se desse “no inverno nem no sábado”. Em Sua amorosa antevisão, não queria que Seus seguidores sofressem os rigores do inverno da Judeia. Jesus também tencionava que eles soubessem que o sábado ainda era válido (Mt 24:15-17, 20).

Mesmo na morte, Jesus descansou na tumba durante o sábado, começando antes do pôr do sol da sexta-feira (Jo 19:38-42; cf. 20:1-8). A história do evangelho indica claramente que Seus seguidores igualmente descansaram naquele sábado fatídico: “E descansaram no sábado, em obediência ao mandamento” (Lc 23:56).

Os apóstolos guardaram o sábado

Depois da ascensão de Cristo, os apóstolos continuaram a guardar o sábado à medida que as congregações cristãs se desenvolviam no território do Império Romano e mesmo depois disso. Entre os primeiros conversos, havia judeus da Diáspora e também gentios locais.

Uma referência específica é feita aos encontros de sábado de Paulo e seus colegas com prosélitos judeus e “gregos” da Antioquia da Pisídia (At 13),

Filipos (At 16), Tessalônica (At 17) e Corinto (At 18).

Todos os escritores do Novo Testamento parecem ensinar (explícita ou implicitamente) que os Dez Mandamentos dados por Deus no monte Sinai (inclusive o quarto) ainda eram válidos. Mas, em visão, foi revelado a João como Satanás, por 1.260 anos, iria perseguir a igreja, os "que obedecem aos mandamentos de Deus e se mantêm fiéis ao testemunho de Jesus" (Ap 12:1-17; cf. também Dn 7).

É verdade que há uma referência a uma reunião em Troas "para partir o pão" no primeiro dia da semana (At 20:7-11). Naquela noite, com a reunião se estendendo por muito tempo, Êutico caiu da janela e morreu. Paulo o ressuscitou em seguida. Ao raiar o dia, a reunião terminou, e Paulo foi embora. Nada é dito sobre esse evento ter sido a celebração de algum culto de sábado.

O sábado é um sinal do repouso

Hebreus 4 entra em detalhes sobre o repouso que Deus ofereceu aos seres humanos desde o primeiro sábado da história deste mundo. O repouso dado ao povo de Israel quando eles entraram em Canaã foi outro aspecto do grande repouso de Deus. Os crentes podem entrar nesse repouso assim como Deus repousou de Sua obra criadora. E o autor de Hebreus chamou esse descanso de *sabbatismós* – um repouso sabático.

O repouso e a paz da salvação estão simbolizados pelo repouso semanal no sábado – uma parcela de tempo que aponta para o repouso oferecido por Jesus, que nos convida a todos: "Venham a Mim, todos os que estão cansados e sobrecarregados, e Eu lhes darei descanso" (Mt 11:28, 29).

Em resumo, o que há de tão especial no sétimo dia da semana?

Muito mais poderia ser dito, mas destacaremos o seguinte:

1. Deus criou o sábado como parte de uma perfeita semana de criação de sete dias (Gn 2:2; Êx 20:8-11).
2. Deus abençoou e santificou o dia de sábado para o benefício da humanidade (Gn 2:3).
3. Deus descansou no sétimo dia de todo o Seu trabalho de criação (Gn 2:3).
4. O sábado é o único dia que Deus chama de "Meu santo dia" (Is 58:13).
5. Jesus e os discípulos guardaram o sétimo dia, o sábado (cf. Mt 24:15-17,

20).

6. Os santos perseverantes são identificados, imediatamente antes da segunda vinda, como “os que guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus” (Ap 14:12).

7. O sábado é um dia de descanso, alegria, refrigério, restauração e esperança.

Ao ver que o sábado é o único dia que oferece esses benefícios, quem pensaria em guardar outro dia e perder todas essas bênçãos?

Leitura adicional:

Andreasen, M. L. *The Sabbath: Which Day and Why?* Takoma Park, MD: Review and Herald, 1942.

Bacchiocchi, Samuele. *From Sabbath to Sunday: A Historical Investigation of the Rise of Sunday Observance in Early Christianity*. Roma: Pontifical Gregorian University Press, 1977.

Goldstein, Clifford. *A Pause for Peace: What God’s Gift of the Sabbath Can Mean to You*. Boise, ID: Pacific Press, 1992.

Neufeld, Don F.; Julia Neuffer, eds. *Seventh-day Adventist Bible Student’s Source Book*. Commentary Reference Series, v. 9. Washington, DC: Review and Herald, 1962. Seção de especial interesse: “Sabbath”, nº 1362-1293: 842-863; “Sabbath and Sunday”, nº 1394-1431: 864-883; “Sabbath, Change of”, nº 1431-1456: 883-892; “Sabbath Observance” nº 1457-1472: 892-898; “Sun Worship”, nº 1567-1579: 965-969; “Sunday”, nº 1580-1641: 869-999; “Sunday Laws”, nº 1642-1674: 999-1026.

Strand, Kenneth. “The Sabbath”. em *Handbook of Seventh-day Adventist Theology*. Editado por Raoul Dederen. Commentary Reference Series, v. 12. Hagerstown, MD: Review and Herald, 2000.

Strand, Kenneth, ed. *The Sabbath in Scripture and History*. Washington, DC: Review and Herald, 1982.

Werner K. Vyhmeister é chileno. Praticamente toda sua formação acadêmica ocorreu naquele país, culminando com o PhD obtido na Universidade Adventista do Chile, em 1968. Ele complementou o bacharelado em divindade na Universidade Andrews, em 1968. Após alguns anos de trabalho pastoral, começou sua carreira como docente e administrador no Colégio Adventista do Chile e, mais tarde, na Universidad Adventista del Plata. Por três anos (1972-1975), foi o diretor de Educação da Divisão Sul-Americana. Passou dezoito anos

no Seminário Teológico Adventista, três dos quais como decano associado e nove como decano. Em meio às suas duas atividades na Andrews, fundou o Instituto Internacional de Estudos Avançados (AIIAS, sigla em inglês) nas Filipinas. Desde sua jubilação, em 2000, tem sido um consultor da Associação Geral para o Departamento de Educação e para assuntos de desenvolvimento da Universidade Adventista da África. Ele e a esposa, Nancy, moram em Loma Linda, Califórnia.

1 J. N. Andrews, *History of the Sabbath and the First Day of the Week*, 3ª ed. (Battle Creek, MI: Steam Press of the Seventh-day Adventist Publications, 1887), p. 515, citado em Ellen G. White, *O Grande Conflito* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2001 [CD-ROM]), p. 437.

2 White, *O Grande Conflito* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2001 [CD-ROM]), p. 438.

Larry L. Lichtenwalter

Capítulo 12

Existem Absolutos Morais?

“Que é a verdade?”, perguntou Pilatos a Jesus. Uma ótima pergunta. Talvez a mais filosófica de toda a Bíblia (Jo 18:38). Essa pergunta também está presente nos fundamentos da cosmovisão e da cultura seculares. Muitos, hoje, estão convencidos de que nada é absolutamente verdadeiro, que a verdade pode não existir em absoluto e, se existir, ela certamente não é evidente por si só, podendo até não ser conhecível. Além disso, dizem essas pessoas, nada é completamente certo ou completamente errado. Quando muito, o que existe é uma diversidade de verdades.

A visão relativista da realidade e a qualidade da experiência humana fazem da verdade algo que depende da pessoa ou, simplesmente, aquilo que é verdadeiro apenas para ela mesma. Ou seja, a verdade é relativa às minhas preferências individuais ou às do grupo a que pertenço. Não é mais vista como objetiva, eterna nem é reconhecida como algo que se transmite de uma geração para outra. A verdade agora é criada e recriada a partir da experiência e do diálogo com os outros, dentro da cultura de cada pessoa. Isso significa que os valores morais de hoje não são os mesmos de ontem. Eles são culturais, relativos e mudam de acordo com o tempo, a necessidade e a preferência pessoal ou social. Naturalmente, os que defendem a existência de uma verdade moral, religiosa, social ou política são acusados de estar impondo seus padrões sobre os outros e promovendo a intolerância. Visto que a verdade moral pode ser profundamente polarizadora, muitos acham perigoso o conceito de verdade.

Surpreendentemente, em vez do colapso da moralidade, esse relativismo temerário tem, realmente, resultado em um renascimento da busca – com frequência, dolorosa e solitária – pelos princípios da vida. Há um sentimento de insegurança resultante do pluralismo, da ausência de autoridade e da centralidade do direito de tomar as próprias decisões na autoconstituição dos agentes morais pós-modernos. A cacofonia de vozes morais lança o indivíduo de volta à própria subjetividade como a única e suprema autoridade ética. O desafio de explorar todos os caminhos possíveis por onde se possa caminhar para saber

como viver moralmente é muitas vezes desgastante e assustador, quando não, arriscado.

Pilatos não deu tempo para Jesus responder. Muitos dos que hoje perguntam sobre a verdade tampouco dedicam tempo à busca dessa resposta. Tivesse Pilatos dado tempo suficiente para escutar, ele teria ouvido algumas verdades incríveis sobre a verdade e os absolutos morais.

A essência da verdade

Primeiramente, a verdade existe (Jo 8:32). Além do mais, só existe um caminho, uma verdade e uma vida (Jo 14:6). Caminho, verdade e vida são expressões morais bíblicas. A verdade é um domínio moral no qual alguém pode *permanecer*, *ser* e *agir* – e até adorar (Jo 3:21; 4:24; 8:44). Existe um *espírito da verdade* e um *espírito do erro*, e nenhuma mentira vem da verdade (Jo 18:27; cf. 1Jo 2:21; 4:6). A verdade contrasta com a inverdade e a falsidade, a irrealidade e a ilusão, ou com qualquer ideia de uma diversidade de verdades.

Em segundo lugar, a essência da verdade é pessoal. Antes mesmo que Pilatos perguntasse, Jesus já havia declarado: "*Eu sou* o caminho, a verdade e a vida" (Jo 14:6; grifo do autor). Essa é uma arrojada declaração bíblica: Deus é a verdade. Sua natureza, Seu próprio espírito, é a verdade. Em seu âmago, a verdade é um Ser. [1] Isso significa que a verdade é moral e "inerentemente pessoal". [2] Ela não é abstrata tampouco um mero ensinamento. Ela é "primeiramente uma questão de caráter interior e, somente por derivação, uma qualidade de palavras e ações". [3] Tudo o que Deus diz e faz é verdade. Suas palavras e obras
são tão somente revelações de Sua natureza. Os ensinamentos de Jesus são verdadeiros porque expressam a verdade, e Ele é a verdade. [4]

A verdade, então, nos conduz a um relacionamento pessoal com a própria Fonte da vida genuína. Ela sempre nos envolverá como pessoas. Uma Pessoa verdadeira encontra a nossa pessoa e respeita a veracidade do nosso ser e da nossa maneira de agir. É essa Pessoa quem dá exemplo, traz esperança, coragem e poder para sermos verdadeiros em um mundo de enganos e ilusões. Isso é uma boa-nova, pois nos torna algo mais do que meras máquinas que aplicam princípios corretos de um código de ética: faz de nós pessoas. Além disso, firma a verdade no sobrenatural. A verdade começa com Deus, não com seres humanos. A verdade é eterna porque reside em Deus. A verdade é imutável porque Deus não muda. Há uma unidade da verdade porque a verdade vem da mesma Fonte – Deus. A verdade é, em última análise, a verdade de

Deus, pois Deus é a fonte de toda verdade.

A verdade é uma revelação proposicional

Em terceiro lugar, a Palavra de Deus é a verdade (Jo 17:17). Embora a essência da verdade seja pessoal, ela pode, ao mesmo tempo, consistir de ideias e palavras que sejam concretas, objetivas e proposicionais. A verdade como ideias ou palavras pode ser falada, ouvida, escrita, entendida e guardada. Ela transforma vidas. Jesus assumiu que palavras e ideias cheias de verdade têm uma forma compreensível, conteúdo e, o mais importante, significado. Existe uma correspondência entre as ideias e as realidades que elas representam – seja Jesus, o Pai, a moral humana ou a vida espiritual. É possível confiar em palavras verdadeiras exatamente porque elas estão de acordo com a realidade e vêm dAquele que é a verdade (Jo 14:6; cf. Ap 21:5; 22:6). Porque o próprio Jesus é a "Palavra" e a "verdade", essa correspondência entre palavras e realidade fica garantida (Jo 1:1-3, 14; cf. Ap 19:13; 1Jo 1:1).

A verdade é o oxigênio da mente. É o ponto de partida para todas as buscas intelectuais, espirituais e morais, além de ser o que verdadeiramente liberta (Jo 8:32; Fp 4:8). Dizemos que algo é "verdadeiro" quando estamos convencidos de que a realidade e a mente se combinam. [5] Dizemos "moralmente verdadeiro" quando estamos convencidos de que a realidade combina com as nossas percepções sobre o que é certo, justo e bom. A verdade é vital e tem uma influência direta sobre nossa vida. Agimos com base naquilo que cremos ser verdadeiro, moldando assim a maneira como vivemos. A verdade afeta o modo como vemos nós mesmos e os outros. A verdade é o que importa.

Como um navegador que determina seu rumo pelas estrelas e, assim, pode navegar durante a noite, precisamos de alguns pontos fixos pelos quais possamos nos orientar moralmente, algo exterior a nós mesmos. A Palavra de Deus, por ser verdade, fornece esses pontos fixos para nossa orientação moral. A declaração de Jesus, "a tua Palavra é a verdade" (Jo 17:17), implica revelação, e se a revelação é possível, os absolutos morais são possíveis. [6] A verdade moral não é construída. Ela é revelada. Ela é descoberta e não determinada por um voto da maioria. Tem autoridade e não é meramente uma questão de preferência pessoal.

Ivan Karamazov, personagem criado por Dostoiévski, afirmava que se Deus não existe, tudo é permitido. Mas se Deus existe, então se pode esperar que a verdade moral também exista. E se o padrão absoluto de moralidade for o próprio Deus, cada ação moral deve ser julgada à luz de Sua natureza. A palavra revelada de Deus – as Escrituras – é o nosso *link* para Deus e a verdade moral. A

Bíblia é nosso padrão ético porque ela vem de Deus, que, por si só, é o padrão para a moralidade. Devemos manter isso em mente quando recorremos à Bíblia em questões morais, pois ela foi escrita em uma situação cultural diferente e em um tempo distinto do nosso. “Somente o fato de que Deus transcende a cultura é que nos permite nutrir a esperança de usar os princípios morais da Bíblia em nossa [própria] cultura.” [7] Sem isso, não podemos esperar que nos ergamos acima do relativismo cultural. Mas Deus está acima disso. E Deus falou. O que Deus revela na Bíblia se aplica universalmente a todas as culturas.

Podemos conhecer a verdade

Em quarto lugar, a verdade pode ser conhecida: “E conhecerão a verdade, e a verdade os libertará” (Jo 8:32). Às vezes, a prova da verdade é facilmente obtida, como, por exemplo, a que temperatura e altitude a água ferve ou congela. Essa é uma verdade científica que pode ser verificada objetivamente. Verificar afirmações da verdade moral é mais difícil e mais misterioso. O bem e o mal não podem ser observados ou medidos diretamente. Eles requerem uma abordagem diferente, mas não podem ser conhecidos com suficiente certeza para poder orientar-nos interiormente. Mesmo nossas próprias avaliações subjetivas da verdade podem ser objetivas quando observamos experiências de causa e efeito concernentes à verdade moral que vivemos ou não em nossa vida.

Princípios morais correspondem à natureza de Deus e também à nossa natureza. O homem não é um animal, mas um ser moral único. [8] Por sermos feitos à imagem de Deus (Gn 1:26, 27), temos a capacidade de entender aquilo que precisamos saber tanto sobre Deus como sobre a vida moral. [9] Ao obedecermos à lei moral de Deus, estamos nos comportando de um modo consistente com a maneira com que Deus nos fez. O pecado, a desobediência à lei moral, não é apenas uma ofensa a Deus, mas uma violação de nossa natureza criada. [10] O livro de Provérbios resume: “Pois todo aquele que Me encontra[a sabedoria moral de Deus], encontra a vida [...]. Mas aquele que de Mim se afasta, a si mesmo se agride; todos os que Me odeiam amam a morte” (Pv 8:35, 36).

A revelação divina significa que a verdade bíblica corresponde, em última análise, à realidade percebida por Deus, que vê a realidade em toda a sua complexidade e plenitude. Aquilo que compreendemos é parcial e limitado. Existe uma diferença entre a declaração de que existem absolutos morais e a afirmação de que alguém pode conhecer esses absolutos com a mesma clareza com que Deus os conhece. Verdade absoluta não é a mesma coisa que

conhecimento absoluto. Nós podemos ter apenas uma compreensão relativa da verdade absoluta (1Co 13:12). A verdade parcial, no entanto, pode ser a verdade real, contanto que não a tomemos como verdade inteira. Isso é interiormente libertador porque gera a esperança de uma compreensão mais plena mesmo enquanto vivemos confiantemente mediante aquilo que já conhecemos (Jo 7:17).

A verdade e o comportamento

Em quinto lugar, a verdade está integralmente conectada com a justiça (aquilo que é reto, bom, justo e correto). A verdade é a ação correta. É o comportamento eticamente correto. A verdade abrange e presume a moral. É algo que pode ser expresso em atos tangíveis, o que, por sua vez, revela a autenticidade da conexão da pessoa com Deus, a Fonte da verdade (Jo 3:21; cf. 5:36; 10:25). O comportamento pleno de verdade revela a essência moral do próprio "eu". Ele dá testemunho do poder transformador da verdade (Jo 17:17). Ele segue Jesus, cujas obras e atos dão contínuo testemunho da própria verdade e de Sua conexão pessoal com o Pai (Jo 5:36; 10:25, 37; 14:11).

Em sexto lugar, a verdade é relacional. Ela inclui maneira de falar e comportamento transparente diante dos outros (Jo 8:44-46, 55). A verdade e a confiança que ela gera são o alicerce de todos os relacionamentos. A plenitude da verdade não pode ser compartimentalizada. Uma pessoa não pode ser verdadeira em uma área da vida (espiritual, religiosa, doutrinária) e falsa em outra (moral, política, sociedade, negócios, casamento) e, ainda assim, ser verdadeira. Separar o espiritual do moral divide a pessoa. A seletividade subjetiva das verdades morais divide a pessoa. Jesus falou a verdade (Jo 8:45, 46), nós também devemos falar o que é verdadeiro. Ele nos convida para um nível mais alto de transparência pessoal e verdade (Jo 8:44, 55), assim como Ele fez, expondo a hipocrisia, as agendas ocultas e as maneiras pouco transparentes dos líderes religiosos de Israel.

Ser verdadeiro

Em sétimo lugar, a verdade moral sempre será um questão do nosso *ser.* Tal como acontece com Deus, a essência da verdade no nível humano é pessoal. Ela tem que ver com a nossa consistência moral interior. Somos "eus" falsos ou verdadeiros? Amamos a verdade ou interiormente buscamos escapar de seus reclamos em nossa vida? Somente aqueles que são "da verdade" (1Jo 3:19) entenderão e receberão a verdade e, ao mantê-la consigo, *serão verdadeiros* (Ap

14:5; 22:15; cf. Jo 18:37). Esse é o significado da declaração de Jesus: “Se alguém decidir fazer a vontade de Deus, descobrirá se o Meu ensino vem de Deus ou se falo por Mim mesmo” (Jo 7:17). A disposição de implementar a verdade moral na vida e a habilidade de percebê-la são coisas conectadas de maneira inseparável. Conhecemos a verdade quando vivemos a verdade. “Praticar a verdade significa viver a realidade da verdade, tal como expressada na pessoa e vida de Jesus Cristo e, dessa maneira, fazer com que o ser dEle seja o nosso ser e o nosso mundo.” [11]

As Escrituras falam sobre aqueles que, por não amarem a verdade, amam a mentira (2Ts 2:7-13; cf. Jo 3:19-21). Eles creem no que é falso porque não amam o que é verdadeiro. A orientação moral interior de uma pessoa tende ou para a verdade ou para a falsidade. A prática de qualquer das duas coisas deixa uma marca no mundo interior dessa pessoa, seja qual for a direção moral por ela escolhida.

As reais questões concernentes à realidade percebida da verdade estão aqui. Muitos estão satisfeitos com a constatação de que a verdade moral é relativa porque isso significa que eles podem escolher sua própria vida. Eles não querem as verdades morais contidas em leis para conduzir seus comportamentos. Isso é egoísmo. Se eles podem relativizar a verdade, então nada é externamente restritivo ou obrigatório. A verdade moral, então, não é sempre conveniente ou valorizada. Em última análise, como vimos com Pilatos, a pergunta sobre a verdade também é uma pergunta sobre o próprio “eu”.

As pessoas raramente são subjetivistas ou objetivistas em todos os sentidos possíveis. Muitos dos que acreditam em absolutos morais são convenientemente relativistas em certas áreas, e muitos que afirmam ser relativistas qualificam seu relativismo. A questão não é se a verdade existe, mas onde traçar a linha que separa questões factuais de opiniões ou gostos. Aparentemente, o relativismo moral faz eco ao desejo de tratar as pessoas com bondade. Ele oferece uma maneira de justificar nossas ações ao afirmar que os padrões éticos são pessoais, dando lugar à indolência intelectual e de caráter. Defender ideias e formação moral dá muito trabalho. O relativismo escolhe a saída mais fácil ao criar a ilusão de que não temos que fazer o árduo trabalho de sustentar nossas ideias. [12]

O relativismo moral muitas vezes é reacionário. Os próprios cristãos têm sido a causa principal do relativismo moral. Muitos optam pelo relativismo moral em vez dos absolutos morais porque os que creem em valores absolutos frequentemente estão fixos em verdades morais seletas (agendas), aparentando serem legalistas, arrogantes, inflexíveis, insensíveis, abusivos, além de

expressarem suas posições sem explicá-las. Não somos Deus e precisamos, portanto, ser humildes nas questões éticas, ouvir com mais atenção as preocupações morais genuínas de nosso tempo e pensar nos absolutos morais em termos de caráter e qualidades morais em vez de meros atos. Talvez assim haja menos reações. Devemos ser absolutamente justos, compassivos, amorosos e pacientes.

Verdade cheia de graça

Finalmente, a verdade e a graça andam juntas. Elas estão organicamente ligadas e, de modo algum, são mutuamente excludentes.

A glória do caráter de Deus revelada em Jesus era "cheia de graça e verdade" (Jo 1:14). "A graça e a verdade vieram por intermédio de Jesus Cristo" (Jo 1:17). Nós "[entendemos] a graça de Deus em toda a sua verdade" (Cl 1:6). Devemos falar a verdade com amor (Ef 4:15). Graça, misericórdia, paz, verdade e amor são componentes inseparáveis da moral genuína e da vida espiritual (2Jo 3). A verdade moral de Jesus nunca é fria ou impessoal. Ela está sempre preocupada com as circunstâncias únicas das pessoas reais. É tão gentil quanto convincente. Ela trata as pessoas bondosamente. Por isso é que Jesus disse à mulher apanhada em adultério: "Eu também não a condeno" E, em seguida, afirmou: "Agora vá e abandone sua vida de pecado" (Jo 8:11). Jesus, que é "o caminho, e a verdade e a vida", sempre tratava as pessoas com compreensão, graça, misericórdia, amor e verdade.

A verdade sobre a qual Jesus falou incorpora uma dimensão moral e transformadora: "E conhecerão a verdade, e a verdade os libertará." Ele orou: "Santifica-os na verdade; a Tua palavra é a verdade" (Jo 8:32; 17:17). "Não precisamos tanto de liberdade para descobrir a verdade como precisamos viver a verdade para que experimentemos a liberdade." [13]

Existem absolutos morais? Claro que sim! A verdade, como um padrão infinito e eterno, está no âmago da cosmovisão cristã. Devemos buscá-la, crer nela, vivê-la, tê-la como modelo e falar dela. Devemos tomar decisões baseadas nela e ser transformados por ela. Uma batalha pela verdade moral está no centro do grande conflito entre Cristo e Satanás. É uma batalha pela nossa mente e pelo nosso caráter, a qual ruge enquanto vivemos e nos engajamos nas cenas finais da história da Terra (2Ts 2:8-12; Ap 12:17; 14:6-13; 16:12-16). Deus concedeu Seu Espírito para nos guiar para a verdade (Jo 16:13). A cada passo, Jesus nos faz lembrar: "Eu sou o caminho, e a verdade e a vida."

Leitura adicional:

Verifique os livros e artigos das citações.

Larry L. Lichtenwalter é diretor e decano de filosofia e teologia do Instituto de Estudos Islâmicos e Árabes na Universidade do Oriente Médio, Líbano. PhD em ética cristã, foi pastor da igreja adventista de Berrien Springs, Michigan, de 1985 a 2013 e professor de Princípios de Ética Cristã, Pregação de Apocalipse e outros cursos no Seminário Teológico da Universidade Andrews. Escreveu vários livros, entre eles Revelation's Great Love Story [A Grandiosa História de Amor de Apocalipse], 2008, e publicou mais de trinta artigos em vários periódicos adventistas. Ele e a esposa, Kathie, têm cinco filhos.

1 John Wesley Taylor, "Is Truth of Consequence?", *Perspective Digest* 14, nº 3 (2009): 9.

2 Arthur F. Holmes, *All Truth is God's Truth* (Downers Grove, IL: Intervarsity, 1983), p. 34.

3 Ibid.

4 Paul Tillich, "What is Truth?", *Canadian Journal of Theology* 1, nº 2 (1955): 120.

5 Daniel C. Maguire, *Ethics: A Complete Method for Moral Choice* (Minneapolis, MN: Fortress, 2010), p. 15.

6 Erwin W. Lutzer, *The Necessity of Ethical Absolutes* (Grand Rapids: Zondervan, 1981), p. 70.

7 Ibid.

8 Os seres humanos possuem (1) a capacidade de autorreflexão; (2) a habilidade de raciocinar; (3) a capacidade moral, isto é, podemos entender diferenças entre o bem e o mal; e (4) a capacidade de se relacionar corretamente com Deus.

9 Lutzer, *The Necessity of Ethical Absolutes*, p. 70.

10 Lutzer, *The Necessity of Ethical Absolutes*, p. 70.

11 Tillich, "What is Truth?", p. 121.

12 Steve Wilkens, *Hidden Worldviews: Eight Cultural Stories That Shape Our Lives* (Downers Grove, IL: InterVarsity, 2009), p. 86.

13 Taylor, "Is Truth of Consequence?", p. 23.

Stephen Bauer

Capítulo 13

Se Deus é Bom e Todo-Poderoso, Como Pode Permitir o Sofrimento?

Como pai, tenho lembranças vívidas e pungentes do dia em que levei meu filho de três anos para fazer uma cirurgia de hérnia. Claramente estressado, ele se agarrou à mãe como uma sanguessuga, assustado com o pessoal médico que veio prepará-lo para a cirurgia. De sua perspectiva infantil, ele deve ter se perguntado por que a mamãe e o papai, que sempre haviam procurado lhe proteger e lhe dar conforto, agora permitiam que estranhos o furassem, picassem e lhe causassem desconforto. A mamãe e o papai que ele conhecia e que, até aquele momento, o haviam protegido daquelas dolorosas indignidades, agora pareciam ter-se voltado contra ele. Por quê?

Assim como meu filhinho deve ter questionado a sabedoria de seus pais, também nós somos tentados a questionar como um Deus bondoso e todo-poderoso permite o sofrimento. Esse problema tem deixado os pensadores perplexos por milênios. As tentativas de conciliar um mundo de sofrimento com um Deus bondoso e todo-poderoso são chamadas de *teodiceia*, ou a justificativa de Deus. A declaração plena do problema que a teodiceia procura resolver pode ser apresentada da seguinte maneira: Se Deus é bom, amoroso e todo-poderoso, por que permite esse sofrimento?

Peter Bertocci relaciona quatro respostas cristãs padronizadas para o problema do mal. Primeiro, Deus não deseja o mal, mas o permite a fim de dar verdadeira liberdade para o ser humano. Segundo, o sofrimento faz parte do plano final de Deus para realizar um bem geral maior. Terceiro, o mal natural é uma ferramenta que Deus usa para conseguir o melhor mundo possível. Finalmente, no que parece ser uma variante da terceira opção, o sofrimento prepara as pessoas para uma feliz eternidade com Deus. Ele é uma ferramenta disciplinar para o refinamento e purificação do ser humano, em sua preparação para a vida eterna [1].

É fácil perceber que as quatro formas tradicionais das respostas cristãs podem muito bem se sobrepor uma a outra. Certamente, parece que as quatro ênfases podem ser encontradas, até certo nível, nos escritos de Ellen White. Ela atribuiu nossa liberdade de escolha ao fato de sermos parte do soberano plano de Deus de permitir verdadeira liberdade para os agentes morais criados. Por exemplo: “Para o bem do Universo inteiro, ao longo dos séculos sem fim, devia Satanás desenvolver mais completamente seus [de Satanás] princípios para que suas acusações contra o governo divino pudessem ser vistas sob sua verdadeira luz por todos os seres criados e para sempre pudessem ser postas acima de qualquer dúvida a justiça e misericórdia de Deus e a imutabilidade de Sua lei.” [2] E novamente ela declara:

> Deus pôs o homem sob a lei, como condição indispensável de sua própria existência. Ele era um súdito do governo divino, e não pode haver governo sem lei. Deus poderia ter criado o homem sem a faculdade de transgredir a Sua lei; poderia ter privado a mão de Adão de tocar no fruto proibido; neste caso, porém, o homem teria sido, não uma entidade moral, livre, mas um simples autômato. Sem liberdade de opção, sua obediência não teria sido voluntária, mas forçada. Não poderia haver desenvolvimento de caráter. Tal maneira de agir seria contrária ao plano de Deus ao tratar Ele com os habitantes de outros mundos. Seria indigna do homem como um ser inteligente, e teria apoiado a acusação, feita por Satanás, de governo arbitrário por parte de Deus. [3]

Assim, Ellen White parece estar de acordo com a teoria da liberdade e, em parte, dentro do gênero de obra que explica o mal natural em termos de ele ser permitido em função de um bem maior no longo prazo. Essa mistura dos argumentos da liberdade e do bem maior parece sugerir a conclusão de que o modelo do grande conflito de Ellen White é uma forma do gênero “o melhor mundo possível” da teodiceia. Em seu modo de ver, para conseguir o melhor mundo possível, Deus assume alguns riscos envolvendo a liberdade e o desenvolvimento do caráter, arriscando uma temporada passageira de males naturais como uma parte dos meios para alcançar aquele objetivo.

Certamente, o grande conflito ajuda a explicar a presença do mal ao nosso redor, podendo dar ao indivíduo em sofrimento um senso de significado pessoal por ser alguém que está contribuindo para uma grande causa cósmica. Mas o grande conflito ainda deixa a dúvida do por que Deus teria escolhido permitir

esse tipo de liberdade com consequências subsequentes, especialmente quando Ele tem o poder para dar fim ao problema. A participação em uma causa cósmica pode até trazer algum significado e conforto, mas, como no caso dos três amigos de Jó, ela pode não ser o consolador mais efetivo quando se trata de encontros com o mal natural.

Não proponho resolver de modo definitivo o problema da teodiceia. Em vez disso, apresentarei uma perspectiva pessoal e talvez única para o problema. Ela não provém de teólogos ou filósofos, mas de minha luta interior, com base nas Escrituras, com o problema do sofrimento, que teve lugar durante o processo que levou à morte prematura de minha
mãe, devido a um câncer. Indubitavelmente, Bertocci classificaria
minha luta como uma mescla de bem maior com gêneros disciplinares.

Base teológica

Por que, então, um Deus bondoso e poderoso pode permitir o sofrimento? Nossa busca começa em Gênesis 1-3. Deus criou Adão e Eva e colocou-os no jardim do Éden. Os seres humanos não foram deixados totalmente livres para fazer ou para ser o que quisessem. Em vez disso, ao criar o homem e a mulher, Deus exerceu Seu direito de criá-los com intenções, limites e propósitos específicos. Assim, não lhes foi permitido que comessem aquilo que quisessem. O fruto de uma árvore estava fora de seus limites. Ademais, para que o labor não os absorvesse a ponto de esquecer quem eles eram em relação a Deus, o repouso sabático foi instituído para que lembrassem quem Deus é e quem eles eram – criaturas finitas sob a soberania de um Deus infinito. Esses dois aspectos da ordem da criação parecem especialmente planejados para ajudar Adão e Eva a reconhecer seu lugar como criaturas sob a soberania de um Criador – com limitações inerentes, as quais caracterizam seres finitos e criados.

A cena da tentação junto à árvore proibida destaca a questão do reconhecimento de nossas limitações como seres criados. A serpente é apresentada como a mais astuta das criaturas (Gn 3:1). As serpentes não são conhecidas por possuírem os poderes da linguagem e do raciocínio humano. Como, então, de repente, ela adquiriu a habilidade de falar e raciocinar? Aparentemente, ao comer o fruto proibido, a serpente transcendeu as limitações que lhe foram designadas. [4] Então, a tentação fundamental apresentada pela serpente foi que, assim como ela havia transcendido os limites dados por Deus ao comer o fruto proibido, Eva também poderia fazê-lo e se tornar “como Deus”. Ela pensou em se tornar uma deidade em uma relação divina colegiada, em vez

de continuar sendo uma criatura sob a soberania divina.

O aparente sucesso da serpente ao transcender os limites com os quais fora criada poderia parecer uma tentação formidável e altamente sedutora. O poder de persuasão dessa tentação foi potencializado pelo fato de que, na avaliação de Eva, a árvore lhe pareceu “atraente aos olhos” e “agradável ao paladar”. Em contraste, Deus havia dito que a árvore era perigosa – é comer e morrer – mas a árvore parecia ser tudo menos isso. A árvore, então, parecia ser uma maneira de transcender os limites finitos de Eva, elevando-a a um grau de paridade com Deus. Parece-me, portanto, que a queda de Eva estava enraizada precisamente em uma rejeição dos parâmetros do desígnio de Deus, com suas devidas limitações, e em um desejo de transcendê-las e eliminá-las. Da parte de Adão, comer o fruto significou sua escolha de se unir a Eva na mesma busca. A queda da humanidade veio por meio de uma falha em aceitar as limitações dadas por Deus e em reconhecer quem eles eram: criaturas perfeitas, mas limitadas, sob a soberana autoridade de seu Criador.

O propósito do mal natural

Como um Deus bondoso lidou com esse problema? Primeiramente, Ele conduziu um juízo investigativo para responsabilizar Adão e Eva pela maneira como usaram seu livre-arbítrio. Se Deus meramente fechasse os olhos diante da situação, faria de Si mesmo um mentiroso por ameaçar com consequências – a morte naquele mesmo dia – e não cumprir a ameaça. Tal postura solaparia Sua soberania, pois Suas palavras não seriam mais confiáveis. Mas o ser humano foi enganado. Podem os humanos se corrigir para reconhecer novamente sua apropriada posição de subordinação em relação ao Criador? Como Deus corrigiu esse desvio?

A resposta é simples. Os juízos pronunciados em Gênesis 3 –
a dor do parto, a submissão da mulher ao marido, os espinhos, os cardos, a maldição da terra, a testa suada e, finalmente, a morte – têm um denominador comum: Todos eles expressam um aumento das limitações finitas de Adão e Eva. A intensidade da limitação é aumentada em um esforço para que Adão e Eva, e também nós, reconheçamos apropriadamente nosso lugar sob a soberania de Deus. A morte se torna a limitação suprema, uma barreira que somos incapazes de transcender.

Uma limitação final dos seres humanos é que eles não somente perderam a soberania sobre a Terra, mas também se encontram sob a soberania de um poder hostil – o pecado. Satanás se tornou o “deus desta era” (2Co 4:4), e os poderes

do pecado e da morte reinam supremos (Rm 5:12-21). Adão e Eva não podiam legar aos filhos aquilo que não mais possuíam. Sujeitos que eram ao pecado e à morte, seus filhos nasceram sob os mesmos poderes, precisando de um Libertador. Todos estão sob o pecado, o poder reinante (Rm 3:9). Escravos dão à luz a escravos e não a pessoas livres. Cada indivíduo é “vendido como escravo ao pecado” (Rm 7:14). Em Romanos 7, o escravo do pecado pode ver e apreciar o que é bom, mas não está livre para fazê-lo. Até sua vontade é limitada. A escravização para o pecado é a suprema demonstração de nossos limites como criaturas sob Deus, o que demonstra a necessidade de um Libertador capaz de dominar aquele poder para nós (Rm 7:24, 25). Assim, o mal natural nos mostra, em última análise, de quem é o poder sob o qual nós e o mundo estamos, e nos conclama a reconhecer nossos limites e a depender de um Deus que é mais sábio do que nós e que é soberano. Então o que significa reconhecer nossos limites perante Deus?

Encontrando significado no sofrimento

A primeira parte de reconhecer nossos limites como criaturas é reconhecer que nós não sabemos tudo. Assim como meu filho de três anos não tinha uma referência para entender adequadamente por que mamãe e papai permitiram que pessoas estranhas lhe infligissem dor e sofrimento no hospital, nós também não temos os dados contextuais cósmicos nem sabedoria suficiente para entender por que Deus permite muitas coisas. Como adultos racionais pensantes, não gostamos de admitir que existam mistérios que não podemos decifrar. Jó nos dá um estudo de caso clássico sobre esse confronto com o mistério que está além da compreensão humana. Jó nunca foi informado sobre a discussão cósmica entre Deus e Satanás que o levou ao sofrimento. Por isso, não tinha nenhuma referência para entender adequadamente sua situação. Em vez disso, ele teve que reconhecer suas limitações se submetendo ao mistério e confiando fielmente em Deus.

Parte do problema do mal é nossa teimosia em nos recusarmos a reconhecer quão limitadas são nossas perspectivas e sabedoria. Os humanos modernos são altamente instruídos e têm realizado muito para transcender alguns dos limites impostos pela maldição do pecado por meio de proezas tecnológicas. Diante dessas grandes realizações em luta contra nossos limites, nos tornamos excessivamente otimistas quanto às nossas habilidades de decifrar e entender tudo. Assim, mistérios genuínos como o problema do mal passam a nos incomodar ao não podermos explicá-los de maneira satisfatória.

O problema do mal deve nos ajudar a reconhecer nossas limitações e a aceitar que existem mistérios que estão além da nossa capacidade de compreensão e interpretação, e que Deus pode realizar um bem maior que não podemos entender. Essas limitações são um apelo para renunciarmos nossa rejeição aos desígnios e propósitos de Deus para nós
como Suas criaturas. Elas revelam a necessidade que temos de Seu sustento e governo. O mal natural deve ser visto, portanto, como uma ferramenta capaz de nos ajudar a compreender quais são nossos limites e a necessidade que temos de Deus, limites que são parcialmente impostos por Deus e parcialmente causados por Satanás ao usurpar o domínio desse mundo e provocar estragos na tentativa de transcender seus próprios limites impostos por Deus. [5]

Uma limitação final imposta sobre nós é que Deus tem entregado os seres humanos ao resultado de suas escolhas (Rm 1:18-28) para nos ajudar a, uma vez no fundo do poço, clamar por Ele. Proteger-nos desse confronto com os resultados de nossas escolhas permitiria uma revolta destrutiva de nossa parte contra os limites designados por Deus, prejudicando nosso destino eterno sem qualquer impedimento. Tal proteção contra nossas escolhas seria, portanto, uma patente falta de amor. “Repreendo e disciplino aqueles que Eu amo. Por isso, seja diligente e arrependa-se” (Ap 3:19). Nós, contudo, temos dificuldade para ver essa abordagem como amorosa, devido, exatamente, a nossas limitações, especialmente a morte. Como, então, acreditar que, para Deus, é algo amoroso permitir mortes imerecidas como em terremotos, inundações ou mesmo pelas mãos do próprio ser humano?

A perspectiva mais ampla de Deus

Devemos nos lembrar de que Deus não é limitado pela morte. Nós sentimos uma grande pressão para resolver problemas durante nosso tempo de vida. A ressurreição permite que os problemas sejam tratados e resolvidos de maneiras não disponíveis quando limitadas pela morte. O mal natural é problemático para nós em parte por causa de nossa mortalidade. A morte imerecida nos confronta com a falta de um poder como o de Deus para garantir nossa segurança e, assim, nos ajuda a reconhecer que somos criaturas limitadas que precisam de Deus.

O uso do sofrimento e da adversidade como ferramentas disciplinares gera a pergunta: Deus usa meios imorais para alcançar fins morais? Uma vez que o apóstolo Paulo rejeita fazer o mal para produzir bons resultados (Rm 3:8), fica parecendo problemático Deus praticar aquilo que Ele inspirou Paulo a condenar. É exatamente essa falta de limitação de Deus com referência à nossa mortalidade

que O livra
de tais acusações.

Permita-me ilustrar por meio de minha experiência. Como instrutor de voo, eu às vezes permitia que os estudantes excedessem
suas limitações para que pudessem aprender lições importantes, sem permitir, contudo, que a situação ficasse tão fora de controle a ponto de pôr o bem-estar daquele estudante (e o meu também!) em perigo. Algumas coisas não eram jamais permitidas, pois eu não teria o poder para recobrar o controle da situação. Em contraste, embora Deus não vá deixar que uma situação ponha em perigo o nosso bem-estar eterno contra a nossa vontade, Ele pode permitir o sofrimento, e mesmo a morte, a fim de nos confrontar e nos empurrar na direção das correções compatíveis com a vida eterna, pois Ele tem o poder de recobrar o controle de tudo isso e de muito mais. Se Ele não tivesse esses poderes, então – e somente nesse caso – poderíamos acusá-Lo de usar meios imorais para alcançar fins morais. Em vez disso, Ele faz uso da extrapolação de limites imposta por Satanás bem como de sua atividade volitiva como ferramentas disciplinares para, depois de chegarmos ao fundo do poço, olharmos para Ele e sermos eternamente salvos. [6]

Fui forçado a pelejar com esses conceitos durante o processo que levou à morte de minha mãe. Durante sua prolongada agonia, fui totalmente confrontado com minhas limitações como criatura em um mundo cheio de pecado. Senti-me impotente, desejoso de poder salvá-la sem que pudesse fazê-lo. Matizes filosóficos parecem irrelevantes em momentos como esse e levam mais facilmente a maiores questionamentos sobre Deus do que a uma mais profunda confiança nEle. Mas a esperança da ressurreição permitiu que eu visse a morte dela como uma maneira de evidenciar para a família e amigos nossas limitações e nossa necessidade de Alguém maior e mais sábio do que nós. Além disso, fui levado a aceitar minhas limitações. Entendi que Deus pode ter permitido que minha mãe, eu mesmo e minha família sofrêssemos em função de um bem maior, que está além de nossa compreensão.

A mensagem fundamental da igreja primitiva era muito simples: Jesus Cristo tem a solução para a morte. O ser humano tem tentado e continua tentando resolver o enigma da morte por meio de uma tecnologia mais avançada. Temos conseguido algum êxito no prolongamento da vida, mas não conseguimos perpetuá-la. No fim, a morte nos força a admitir que somos criaturas limitadas e necessitadas do Doador da vida. Ele pode vencer os poderes do pecado e da morte. Quando reconhecemos quem Deus é e recebemos, por meio da fé, a

libertação que nos é assegurada por Cristo, então o mal natural alcança o propósito designado por Deus, a saber, nossa rendição necessária para a salvação eterna.

Leitura adicional:

Lewis, C. S. *O Problema do Sofrimento*. São Paulo: Mundo Cristão, 1983.

Draper, Paul. “Pain and Pleasure: An Evidential Problem for Theists”. *Nous* 23 (1989), p. 341. Republicado em *The Evidential Argument From Evil*. Editado por Daniel Howard-Snyder, p. 12-29. Indianapolis, IN: Indiana University Press, 1966.

Plantinga, Alvin. “Epistemic Probability and Evil”, em *The Evidential Argument From Evil*. Editado por Daniel Howard-Snyder. Indianapolis, IN: Indiana University Press, 1996.

Stackhouse, John G., Jr. *Can God Be Trusted? Faith and the Challenge of Evil*. Downers Grove, IL: InterVarsity, 2009.

White, Ellen G. “Por que Existe o Sofrimento?”, em *O Grande Conflito*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2001 [CD-ROM], p. 492-504.

_____, “Por que Foi Permitido o Pecado?”, em *Patriarcas e Profetas*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2001 [CD-ROM], p. 33-43.

_____. “Biografias Bíblicas”, em *Educação*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2001 [CD-ROM], p. 156-158.

Wright, N. T. *Evil and the Justice of God*. Downers Grove, IL: InterVarsity, 2006.

Stephen Bauer é professor de religião na Southern Adventist University, onde leciona desde 1999. Ele obteve o PhD em religião na Universidade Andrews em 2006, com concentração em teologia sistemática e ética. Serviu como pastor distrital de 1983 a 1999, nos Estados Unidos. As matérias que leciona estão na área de teologia sistemática e ética. Também orienta os alunos em hebraico bíblico. Membro de sociedades acadêmicas, atualmente é o presidente da Sociedade Teológica Adventista.

1 Peter Bertocci, *Introduction to the Philosophy of Religion* (Nova York: Prentice Hall, 1951), p. 401-408.

2 Ver Ellen G. White, *O Grande Conflito* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2002), p. 497, onde ela apresenta fortes matizes sobre o argumento da liberdade seguidos pelo aspecto do bem maior/melhor mundo

possível, à página 499. Ver também White, *Testemunhos para a Igreja* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2002), v. 3, p. 115. White apresenta um exemplo de interpretar o sofrimento como um meio de disciplina divina.

3 White, Ellen G. *Patriarcas e Profetas* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2001 [CD-ROM]), p. 49. Ver também, White, *O Grande Conflito* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2002), p. 492-504, 662-678.

4 Essa inferência foi claramente afirmada por Ellen G. White. Ver White, *História da Redenção* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2002), p. 34.

5 A ideia de que o sofrimento é uma ferramenta para nos ajudar a reconhecer nossa fraqueza e necessidade de Deus tem eco na segunda carta de Paulo aos coríntios. Paulo descreve sua experiência com a metáfora de ter um indesejado "espinho na carne" (2Co 12:7-10). A natureza desse "espinho" não é declarada explicitamente no texto. Não está claro se esse "espinho" é um mal natural, mas é bem possível que fosse. Paulo lembra aos gálatas como eles, se pudessem, teriam arrancado os próprios olhos por ele (Gl 4:15), sugerindo que ele teria algum tipo de problema oftalmológico crônico associado com um cenário de mal natural. Uma vez que é bastante possível que esse "espinho" fosse algum tipo de mal natural do qual o apóstolo não podia escapar, a maneira como ele interpreta o espinho e o investe com significado parece nos instruir sobre como podemos lidar com o problema do mal. Paulo, aqui, parece descrever um sofrimento incontrolável – tanto por males naturais como morais – como ferramenta para ensiná-lo sobre a humilde dependência de Deus, necessária para uma vida espiritual saudável. Ele usa essa mesma teologia ao argumentar sobre a aplicação da disciplina na igreja. Duas vezes (1Co 5:5; 1Tm 1:20) ele faz uma curiosa declaração sobre entregar alguém para Satanás com propósitos corretivos e disciplinares.

6 O uso do sofrimento natural como medida disciplinar é aplicado ao Cristo encarnado. "Convinha que Deus, por causa de quem e por meio de quem tudo existe, tornasse perfeito, mediante o sofrimento, o Autor da salvação deles" (Hb 2:10; cf. 5:8, 9). Cristo, como Homem, teve que praticar a arte do reconhecimento das limitações e submeter-Se aos desígnios e propósitos de Deus para Ele. Portanto, assim como nós, Ele estava sujeito à fome, sede, acidentes e privações, bem como a tentações reais. Sua aceitação dos propósitos de Deus – e as limitações resultantes – está vividamente expressa em Sua oração no Getsêmani: "Não seja como Eu quero, e sim como Tu queres" (Mt 26:39; cf. 26:42; Lc 22:42).

Ekkehardt Mueller

Capítulo 14

O que Acontece Depois que Morremos?

A pergunta sobre o que acontece depois da morte assombra muitas pessoas. Essa questão tem confrontado a humanidade desde os dias mais remotos. Todas as culturas e religiões do mundo têm tentado descobrir o que acontece depois da morte. Os egípcios desenvolveram um extenso processo de mumificação e construíram pirâmides como sepulturas para as pessoas mais importantes entre eles. Os gregos se envolveram em especulações filosóficas. Em sua obra *Fédon*, Platão apresenta Sócrates tentando provar a imortalidade da alma pelo raciocínio lógico. [1] Algumas religiões orientais optaram pelo conceito da reencarnação. [2]

"A morte é necessária?", perguntou o biólogo G. R. Taylor ao discutir pesquisas sobre o problema do envelhecimento e da morte em vista da possibilidade de produzir a imortalidade natural por meio dos avanços científicos. [3] Enquanto isso, alguns decidiram se deixar congelar para serem revividos quando forem descobertas as curas para suas enfermidades ou para o processo de envelhecimento. Muitos outros – especialmente os cristãos – seguem a especulação grega e afirmam que, embora o corpo seja mortal, a alma é imortal. Muitos parecem esperar que a morte não seja o fim.

Do problema para uma solução

Diferentemente dos animais, os seres humanos têm a capacidade única de refletir acerca da morte. Apesar disso, temos dificuldade de imaginar o que significa ir embora para sempre e, por outro lado, de pensar que podemos viver eternamente.

O problema é que nossos queridos que já morreram obviamente não nos informam – nem o poderiam – sobre vida após a morte (Lc 16:27-29). Existem as assim chamadas experiências de quase morte, mas, mesmo nesses casos, as pessoas podem relatar apenas como foi a experiência de chegar perto da morte. Além disso, essas experiências podem ser interpretadas diferentemente. [4] Há também os fenômenos espiritualistas nos quais os supostos espíritos do falecido

aparecem, mas, com frequência, eles são assustadores e vagos, não fornecendo provas reais da vida após a morte. A partir de um ponto de vista bíblico, eles podem ser nada mais que ilusões ou aparições de espíritos demoníacos, visto que Satanás pode até se transformar em anjo de luz (2Co 11:14).

Alguns obituários e inscrições em lápides afirmam que Deus levou os queridos para um mundo melhor. Outros refletem ausência de esperança. O obituário encontrado em 1 Coríntios 15:3-8 contém quatro declarações que nos ajudam a encontrar uma abordagem para nossa busca: (1) Cristo morreu; (2) Cristo foi sepultado; (3) Cristo ressuscitou dos mortos; e (4) Cristo apareceu para diferentes pessoas. Jesus Cristo voltou da morte. Ele sabe exatamente o que acontece quando os humanos morrem. Ele próprio experimentou a morte e, por meio das Escrituras, Ele nos dá importantes informações sobre esse assunto.

Uma doutrina bíblica da morte e da vida após a morte deve acomodar todas as evidências apresentadas pela Palavra de Deus, criando um retrato unificado no qual os textos claros e também os difíceis estejam bem integrados. A fim de aprender com as Escrituras, os cristãos devem “ouvir com total objetividade o que os textos nos ensinam sobre a fé e a esperança dos cristãos primitivos sem misturar as próprias opiniões, muitas vezes tão queridas para eles, com a interpretação dos textos”. [5]

A Morte nas Escrituras

A causa da morte

De acordo com Gênesis 2:17, Deus anunciou que a morte se tornaria uma realidade se nossos primeiros pais decidissem ficar contra o Criador. Naquele tempo, a morte e suas consequências eram estranhas ao planeta Terra. Entretanto, a serpente – identificada como Satanás em Apocalipse 12:9 – afirmou que a imortalidade faz parte da humanidade (Gn 3:4). Desde o começo, a declaração de Deus sobre a morte e a declaração de Satanás sobre a imortalidade eram diametralmente opostas. Depois da queda (Gn 3), quando a possibilidade da morte se tornou uma amarga realidade afetando a existência de todos os seres humanos (Rm 6:23) e até dos não humanos (Rm 8:20-22), a mentira de Satanás sobreviveu dentro do conceito da imortalidade da alma. Embora Deus esteja inegavelmente certo sobre a morte ter vindo como consequência da separação dEle, alguns afirmaram que uma parte da existência humana era imortal. Essa característica do paganismo, que não é encontrada na

religião do Antigo Testamento, afetou o judaísmo no período intertestamentário Dali, chegou ao cristianismo.

O estado dos mortos

A morte no Antigo Testamento. A fim de entender a morte, devemos voltar à criação porque, de certa maneira, a morte desfaz o que foi criado. Gênesis 2:7 relata que Deus concedeu vida ao corpo humano, que Ele formou do pó da terra. O processo pode ser descrito como o pó recebendo a centelha da vida ou, biblicamente falando, "o fôlego de vida", tornando-se, assim, um ser vivente. Tão logo a vida é retirada, o estado antigo – o pó – reaparece. Isso se aplica tanto para os humanos quanto para os animais (cf. Ec 3:19, 20). Portanto, fica claro que na morte não há atividade (Ec 9:5, 6, 10). O falecido não tem consciência. Já no Antigo Testamento, a morte é comparada com o sono (Dn 12:2, 13), o que implica um estado de inconsciência: os mortos estão "dormindo" ou "descansando" debaixo da terra. Mas haverá um despertar – uma ressurreição. [6]

A morte no Novo Testamento. O Novo Testamento confirma que os mortos estão na sepultura (Jo 5:28, 29). Davi, um homem segundo o coração de Deus (At 13:22), descansa na tumba e ainda não está com Deus (At 2:29, 34). Jesus informa aos discípulos que no lugar onde Ele estará, eles não podem estar imediatamente (Jo 7:33, 34; 13:33). Eles não terão acesso à glória celestial por segui-Lo em Sua morte. "Jesus diz para Pedro que, embora ele não O pudesse seguir agora, um dia ele O seguirá (v. 36); ao grupo de discípulos é assegurado que a partida de Jesus tem em vista o objetivo de que eles estejam para sempre com Cristo na casa do Pai (Jo 14:2, 3)." [7] A imagem do sono é utilizada para descrever a morte. Por exemplo, Lázaro dorme em sua morte por quatro dias antes de ser ressuscitado por Jesus (Jo 11:11-15, 17; ver também Mt 27:52; 1Co 15:6, 18, 20; 1Ts 4:13-15). [8] O Antigo e o Novo Testamento, bem como a própria experiência de Jesus, sugerem que a morte é um estado de inconsciência chamado de sono.

Após a morte

Porém, a morte não é o fim. Haverá a ressurreição (1Co 15:42-44).
Os salvos receberão um novo corpo, que ainda terá alguma relação com o corpo atual. Embora não tenhamos informações detalhadas acerca desse novo corpo, alguém comparou o corpo humano atual ao carvão, e o novo corpo, ao maravilhoso diamante. Ambos consistem de carbono. No entanto, são diferentes. Um filho de Deus tem a esperança da ressurreição (1Co 15:22, 23). Além disso,

Jesus disse que Ele estava preparando lugares para que Seu povo pudesse habitar após Sua segunda vinda (Jo 14:1-3). A morte será finalmente banida (Ap 21:4).

A imortalidade da alma e as Escrituras

As Escrituras e a imortalidade

Somente duas passagens bíblicas usam a palavra “imortalidade” (*athanasia*), literalmente “ausência da morte”. Em 1 Timóteo 6:14-16, Paulo diz claramente que somente Deus possui a imortalidade. Em 1 Coríntios 15:53, a imortalidade é algo que os humanos adquirem apenas na Segunda Vinda. Os crentes que morreram serão ressuscitados, e os salvos que estiverem vivos por ocasião da volta de Jesus serão transformados. Receberão um corpo novo e imortal. Portanto, a afirmação
de que “a imortalidade é uma dádiva para todos os homens em virtude de sua criação e, em sua totalidade, o homem é imortal” é absurda. [9] O Novo Testamento enfatiza que a vida eterna é sempre dependente de Jesus. Sem uma relação salvífica com Ele, não existe vida eterna na Terra nem no Céu e, muito menos, no inferno (Rm 6:23; Jo 3:36; 5:24; 1Jo 5:11, 12). “O destino final do não redimido não é a imortalidade no inferno, mas ser-lhes negada a imortalidade.” [10]

Outra palavra, *aphtarsia*, descreve aquilo que imperecível e incorruptível. O resultado que aparece é o mesmo: Deus, as qualidades divinas e a herança eterna que Ele oferece são incorruptíveis (por exemplo, Rm 1:23; 1Tm 1:17; 1Pe 1:4, 23; 3:4). A incorruptibilidade é uma dádiva futura a ser recebida pelos crentes por ocasião da ressurreição (1Co 15:42, 50, 52-54). Com isso, pode-se afirmar com segurança que a imortalidade não é inerente aos seres humanos. [11]

As Escrituras e a alma

Os termos em hebraico e grego que são traduzidos como “alma” podem ter diferentes significados em português. Eles querem dizer “vida” (Gn 9:4; Mt 2:20), “coração” (“fazendo de coração a vontade de Deus” [Ef 6:6]), “emoções” (a alma ama ou se entristece [Ct 1:7; Mc 14:34]) e, com frequência, “a pessoa inteira”, como mostram os seguintes exemplos: (1) os humanos não têm uma alma, mas são uma alma (1Co 15:45; Gn 2:7); (2) até os animais são almas, isto é, seres viventes (Gn 1:20; 9:10; Ap 16:3); (3) a alma pode chorar (Jr 13:17); (4) a alma pode ser levada ao cativeiro (Jr 52:28-30); (5) a alma pode ser batizada

(At 2:41); e, muito importante, (6) a alma pode morrer (Ez 18:4; Tg 5:20; Ap 20:4; Sl 89:48; Jó 36:14; Lv 19:8; 21:1, 11). A partir dessa perspectiva, é difícil entender como M. E. Osterhaven, depois de dar uma definição correta de alma, pôde escrever que, nas Escrituras, a alma "é concebida para ser um princípio imaterial criado por Deus, o qual é normalmente unido ao corpo, dando-lhe vida. A alma, entretanto, continua a existir depois da morte nos seres humanos". [12] Embora ele forneça alguns textos bíblicos, muitos deles são os que estão relacionados acima, os quais indicam direta ou indiretamente que a alma pode morrer.

Muito frequentemente, o termo "alma" designa o ser humano inteiro: a alma que chora é a pessoa que chora. Onde a alma está distinguida do corpo, ela não descreve a parte que pode ser separada e viver independentemente. Além disso, o termo não é usado em conexão com a imortalidade. "Nem *nephesh* [termo hebraico para 'alma'] nem *psychē* [termo grego para 'alma'] têm a conotação de uma entidade imaterial, imortal ou de uma parte do ser humano capaz de existir de maneira independente, consciente, separada do corpo." [13]

Consequências

A aceitação do conceito não bíblico da imortalidade da alma tem levado a sérias consequências, a saber, doutrinas e práticas errôneas e a distorções da mensagem bíblica.

Outros ensinamentos e práticas. Doutrinas e práticas não bíblicas derivadas do conceito de imortalidade incluem: (1) um presente purgatório e/ou inferno ardentes; (2) indulgências; (3) rezas, esmolas e missas para os mortos; (4) a veneração de Maria e dos santos (cf. 1Tm 2:5; Êx 20:4); (5) o ensinamento da reencarnação; e (6) a prática do espiritualismo (Dt 18:10-12; 2Co 11; 14).

Os ensinamentos bíblicos ficam obscuros. Ao longo dos séculos, a segunda vinda de Jesus perdeu a importância em muitas igrejas. Com o declínio da esperança na segunda vinda, o ensinamento sobre a ressurreição dos mortos ficou parcialmente perdido. Também o ensinamento sobre um juízo no fim da história deste mundo se tornou supérfluo por causa da crença de que as almas já estariam no Céu, no purgatório ou no inferno.

O caráter de Deus fica manchado. Se o conceito da imortalidade natural fosse verdade, Deus seria um mentiroso em quem não se poderia confiar (cf. Gn 2:17). Deus também seria incompassivo por permitir que as pessoas que estivessem no Céu vissem a dor e o sofrimento de seus entes queridos na Terra. Deus seria um tirano injusto que castiga as pessoas no inferno para sempre, quando eles

pecaram por um período limitado de tempo. A doutrina da imortalidade natural da alma cria uma imagem cruel de Deus e distorce as Escrituras, que ensinam que Deus é amor e que Ele cuida de nós (1Jo 4:8, 9; Ml 1:2).

Temos que decidir em quem confiar.

A Declaração de Deus	A Declaração de Satanás
Você certamente morrerá.	Você certamente não vai morrer.
Jesus é a porta para a vida eterna.	A morte é a porta para a vida eterna.

Passagens difíceis

Várias passagens parecem conflitar com o que dissemos. Um estudo cuidadoso dessas passagens resulta em uma doutrina bíblica integrada. Duas delas serão examinadas.

A parábola do homem rico e Lázaro. Lucas 16:19-31 registra a parábola do homem rico e Lázaro contada por Jesus. Após sua morte, o pobre Lázaro é levado para junto de Abraão, enquanto o homem rico é atormentado em um lugar separado por um abismo do outro local em que há felicidade e paz. Lázaro é capaz de falar com Abraão, a quem ele pode ver – um conceito irreconciliável com o ensinamento bíblico sobre a nova Terra. Sustenta-se, com frequência, que essa parábola ensina a imortalidade da alma e um tipo de inferno já existente. O contexto e a
própria passagem indicam que a mensagem de Jesus não era sobre o estado dos mortos, mas destacava como viver e a necessidade de aceitar as Escrituras: “Eles têm Moisés e os Profetas; que os ouçam. [...] Se não ouvem a Moisés e aos Profetas, tampouco se deixarão convencer, ainda que ressuscite alguém dentre os mortos” (Lc 16:29, 31). Jesus simplesmente usou uma história muito conhecida para ilustrar importantes verdades, sem que tivesse endossado a história. Nas parábolas, alguns detalhes não devem ser interpretados, a menos que as Escrituras o façam. Uma ilustração do Antigo Testamento sobre essa verdade é encontrada em Juízes 9:8-16, em que as árvores andam e elegem um rei. Aqui, a conclusão é que a pessoa mais indigna usurpou o reino. Eruditos cuidadosos não baseiam doutrinas bíblicas em parábolas ou similares porque elas são, muitas vezes, figurativas (como as árvores aplaudindo, em Is 55:12).

Acesso ao Paraíso. Uma vez que os manuscritos antigos eram unciais (escritos somente com letras maiúsculas), sem pontuação e sem espaços entre as palavras, Lucas 23:43 pode ser assim traduzido: “Eu lhe garanto: Hoje você estará comigo no paraíso” ou “Em verdade te digo hoje, estarás comigo no paraíso”. De acordo com João 20:17, Jesus ainda não havia ascendido ao Pai no domingo da ressurreição. Sendo assim, na sexta-feira, Ele não poderia estar no

Paraíso, pois descansava na tumba. Por isso, a opção da segunda tradução é a preferível.

Conclusão

Embora os adventistas do sétimo dia estejam entre a minoria dos grupos cristãos que sustentam esse ponto de vista sobre o que acontece após a morte, vários eruditos protestantes têm afirmado a imortalidade condicional, o sono da morte e a ressurreição. Entre eles estão Oscar Cullmann, Emil Brunner, Reinhold Niebuhr e, mais recentemente,
J. W. Wenham, J. R. Stott e Clark H. Pinnock. [14]

Uma vez que a morte atinge todos os seres humanos, devemos nos preparar para ela estabelecendo nossas prioridades. Na antiga Tessalônica, foram encontradas duas inscrições obituárias, obviamente do mesmo período. Uma diz: "Sem esperança." Na outra, se lê: "Cristo é a minha vida." Duas inscrições e duas diferentes filosofias de vida: resignação e certeza. Qual dessas opções representa sua vida?

Leitura adicional:

Andreasen, Niels-Erik. "Death: Origin, Nature and Final Eradication", em *Handbook of Seventh-day Adventist Theology*. Editado por Raoul Dederen, p. 314-346. Hagerstown, MD: Review and Herald, 2000.

Bacchiocchi, Samuele. *Immortality or Resurrection? A Biblical Study on Human Nature and Destiny.* Berrien Springs, MI: Biblical Perspectives, 1997.

Mueller, Ekkehardt. "Punishment of the Wicked", Biblical Research Institute. Disponível em <http:/www.adventistbiblicalresearch.org/Biblequestions/punishment.htm>.

. "Watch Out for Hell", Biblical Research Institute. Disponível em <http:/www.adventistbiblicalresearch.org/Bible%20Study/Watch%20Out%20f

Rodríguez, Ángel Manuel. "Body Check", Biblical Research Institute. Disponível em <http:/www.adventistbiblicalresearch.org/Biblequestions/bodycheck.htm>.

. "From Life to Life", Biblical Research Institute. Disponível em <http:/www.adventistbiblicalresearch.org/Biblequestions/fromlifetolife.htm>.

. "Soul Talk", Biblical Research Institute. Disponível em <http:/www.adventistbiblicalresearch.org/Biblequestions/soultalk.htm>.

. "What Tales Do the Dead Tell?" Biblical Research Institute. Disponível

em <http:/www.adventistbiblicalresearch.org/Biblequestions/talesdeadtell.htm>.

Seventh-day Adventists Believe: A Biblical Exposition of Fundamental Doctrines. 2ª ed. Silver Spring, MD: Departamento Ministerial da Associação Geral, 2005.

Ekkehardt Mueller nasceu na Alemanha e obteve os títulos de ThD e DMin na Universidade Andrews, mostrando interesse tanto na teoria como na prática. Serviu como pastor na Bavária, Alemanha, de 1972 a 1993, quando se tornou diretor de educação e secretário ministerial da União do Sul da Alemanha. Em 1995, foi eleito secretário ministerial da Divisão Euro-Africana. Por mais de uma década, trabalhou no Instituto de Pesquisa Bíblica da Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia, onde atualmente serve como diretor associado. Ele escreveu vários livros e mais de 200 artigos. É pai de dois filhos. Um deles está fazendo o doutorado em teologia e o outro trabalha na Associação do Sudeste da Califórnia. Sua esposa leciona na Universidade Adventista de Washington, DC.

1 Ver “Phaedo”. Disponível em <http://en.wikepedia.org/wiki/Phaedo>. Acessado em 4 de março de 2010.

2 Por exemplo, Malcolm David Eckel, *Buddhism* (Nova York: Oxford University Press, 2002), p. 87-95.

3 Gordon Rattray Taylor, *Die biologische Zeitbombe: Revolution der modernen Biologie* (Frankfurt: Fischer Taschenbush Verlag, 1971), p. 11, 12, 95-130.

4 Uma das primeiras pesquisas nessa área foi a da psiquiatra suíça Elisabeth Kübler-Ross. Ela publicou numerosos livros, primeiro sobre o processo da morte e, mais tarde, sobre experiências de quase morte. Ela passou a ter interesse no espiritualismo e tentou fazer contato com os mortos (ver “Elisabeth Kübler-Ross”, disponível em <http://en.wikepedia.org/wiki/Elisabeth_K%C3%BCbler-Ross>).

5 Oscar Cullmann, *Immortality of the Soul or Resurrection of the Dead?* (Nova York: Macmillan, 1958), p. 6. Cullmann rejeita a doutrina da imortalidade da alma e a define como uma crença grega.

6 Harrison descreve o que ele chama de “sono da alma”, mas se opõe a essa ideia, afirmando que a palavra “sono” “se aplica ao corpo”, separando obviamente o corpo da alma. “Corpo” também é usado para a pessoa inteira, e.g., Ap 18:14. E. F. Harrison, “Soul Sleep”, *Evangelical Dictionary of Theology*, ed. Walter A. Elwell (Grand Rapids: Baker, 1984), p. 1037, 1038.

7 George R. Beasley-Murray, *John*, Word Biblical Commentary, v. 36 (Dallas, TX: Word, 2002), p. 246.

8 “A revelação a Marta [Jo 11:25, 26] é, assim, uma certeza da ressurreição para o reino de Deus em sua consumação por meio dEle, que é a ressurreição, e da vida no reino de Deus no tempo presente por meio dEle, que é a vida” (ibid., p. 191).

9 A. E. Johnson, “Conditional Immortality”, *Evangelical Dictionary*, p. 261.

10 *Seventh-day Adventist Bible Dictionary* (Washington, DC: Review and Herald, 1960), s.v. “Immortality”. Ver também Ekkehardt Mueller, “Watch Out for Hell”, Biblical Research Institute. Disponível em <http:/www.adventistbiblicalresearch.org/Bible%20Study/Watch%20Out%20for%20Hell.pdf>.

11 Cf. D. W. Kerr, “Immortality”, em *Evangelical Dictionary of Theology*, p. 551, 552. Kerr faz algumas declarações corretas, mas, tendo como base 2 Coríntios 5:8, conclui que “os crentes que morreram estão presentes diante do Senhor ao se ausentarem do seu corpo”, o que seria antes da ressurreição. Todavia, para uma discussão do texto, ver Ángel Manuel Rodríguez, “From Life to Life”, Biblical Research Institute. Disponível em <http:/www.adventistbiblicalresearch.org/Biblequestions/fromlifetolife.htm>.

12 M. E. Osterhaven, “Soul”, em *Evangelical Dictionary of Theology*, p. 1037.

13 *Seventh-day Adventist Encyclopedia*, 2ª ed. rev. (Hagerstown, MD: Review and Herald, 1996) 2:629, s.v. “Soul”.

14 Aecio Cairus, “The Doctrine of Man”, em *Handbook of SDA Theology,* ed. Raoul Dederem, Commentary Reference Series, v. 12 (Hagerstown, MD: Review and Herald, 2000), p. 225.

RANKO STEFANOVIC

Capítulo 15

Deus Conhece o Futuro?

Não seria bom conhecer o futuro? Se as pessoas tivessem algum conhecimento sobre o futuro, quantas decisões seriam tomadas de modo diferente, quantos problemas seriam evitados e quantos desastres seriam prevenidos!

Desde os tempos mais remotos, os seres humanos têm ficado intrigados com a pergunta sobre o que vai acontecer no futuro – para eles, pessoalmente, para seu país ou para a humanidade em geral. Muitas nações antigas desenvolveram sistemas inteiros para prever o futuro. Agora, neste novo milênio, o fascínio pelo futuro ativa mais do que nunca a mente das pessoas. Como no passado, as pessoas, hoje, estão intrigadas pelas perguntas acerca do que o futuro lhes trará.

O fim do mundo é assunto comum nos dias de hoje. Não faz muito, esse era um tema sobre o qual somente as pessoas religiosas conversavam, mas hoje "é a preocupação de cada pessoa que pensa". [1] A razão para isso é a atual situação do mundo, caracterizada por problemas como a mudança do clima, o crescimento da população, um sistema financeiro fracassado, a ameaça de ataques terroristas e o declínio moral.

A situação atual do mundo afirma a relevância do ponto de vista cristão sobre o fim do mundo. As profecias bíblicas passaram a ter significado e se tornaram atraentes. O retrato bíblico sobre o tempo do fim parece "tão atual como um jornal matutino ou o noticiário de hora em hora". [2]

A esta altura, uma pergunta pode estar lhe intrigando: É, de fato, possível saber aonde a história nos está levando? Ou qual é o futuro deste mundo?

Deus conhece o futuro?

Sim, Ele conhece. Um dos mais importantes princípios da Bíblia é que Deus pode saber de antemão o que acontecerá no futuro. Aqui estão algumas das afirmações feitas por Deus: "Eu sou Deus, e não há nenhum [...] como Eu. Desde o início faço conhecido o fim, desde tempos remotos, o que ainda virá"

(Is 46:9, 10). “Eu predisse há muito as coisas passadas, Minha boca as anunciou” (Is 48:3; cf. Dn 2:28). Semelhantemente, Jesus declarou: “Estou lhes dizendo antes que aconteça, a fim de que, quando acontecer, vocês creiam que Eu Sou” (Jo 13:19; cf. 14:29). A Bíblia está repleta de declarações semelhantes com referência à presciência divina.

Alguém poderá perguntar: Quão confiáveis são essas afirmações bíblicas? Ao tentarmos encontrar a resposta para essa pergunta, é essencial entender primeiramente qual é a experiência de Deus com o tempo, uma vez que nossas perguntas a respeito de Deus conhecer ou não o futuro são oriundas de nossa experiência humana com o tempo.

Nenhuma analogia humana pode explicar adequadamente o mistério de Deus. Entretanto, algumas ilustrações podem ajudar a explicar a relação de Deus com o tempo. O conceito bíblico de tempo é mais bem explicado por uma linha que se move para adiante, do passado para o futuro e na direção de sua meta final. Os seres humanos se encontram confinados a essa linha do tempo, viajando de um ponto para o seguinte. Tudo o que eles experimentam é o presente, à medida que ele acontece. Eles não podem ver o futuro.

Esse conceito bíblico contrasta com o conceito circular de tempo dos gregos. Os antigos gregos viam o tempo como um círculo recorrente no qual a história se repete. Nesse conceito, a história não vai a lugar nenhum. É o passado, na verdade, que define o futuro. Assim, o futuro não tem significado porque o futuro é apenas uma recorrência do passado.

Com encaixar Deus nessa imagem? Tem sido sugerido que, se o tempo é uma linha ao longo da qual viajamos do presente para o futuro, Deus pode ser adequadamente retratado como a página inteira onde a linha é traçada. Deus está fora da linha do tempo. Ele está acima do tempo. O Seu domínio é a eternidade, e Ele pode ver o futuro assim como vemos o presente.

Dessa maneira, Deus não antevê nem antecipa as coisas que acontecem no futuro. Ele simplesmente as vê acontecendo. Para Ele, o futuro é tão real quanto o presente. Enquanto nós experimentamos apenas o presente na linha do tempo, Ele experimenta eventos futuros como se eles já tivessem ocorrido. [3]

Uma vez que Deus pode ver o que acontecerá no futuro, Ele acha bom que um pouco desse futuro seja revelado para nós. Essa revelação da história futura da humanidade, apresentada na Bíblia, é referida como profecia.

A confiabilidade da profecia bíblica

A profecia compreende uma grande parte da Bíblia. Embora a maior porção

do conteúdo da Bíblia consista exclusivamente de mensagens de Deus tratando da presente situação do povo, as seções proféticas, na maioria dos casos, se estendem para além da situação presente e do local. Essas importantes partes da mensagem de Deus fornecem uma revelação do futuro.

Centenas de profecias preditivas são confirmações evidentes da divina inspiração da Bíblia. A profecia bíblica não pertence à categoria de livros religiosos como o *Alcorão*, os *Analectos* (ou Diálogos) de Confúcio, as alegadas predições de Nostradamus, entre outras obras. Somente a Bíblia manifesta evidências de muitas profecias cumpridas, o que confirma sua origem divina.

Muitas profecias bíblicas foram cumpridas bem depois de o escritor profético ter morrido. Por exemplo, o profeta Jeremias predisse que os judeus passariam setenta anos no cativeiro babilônico, após o que o rei persa lhes daria autoridade para reconstruir Jerusalém e o templo, que estavam prestes a ser destruídos (2Cr 36:22, 23; cf. Jr 29:10). Quase um século antes que ele aparecesse em cena, Isaías predisse que o nome daquele rei persa seria Ciro (Is 44:28).

Em 603 a.C., Daniel predisse que quatro impérios mundiais se levantariam sucessivamente no cenário mundial: Babilônia, Medo-Pérsia, Grécia e Roma (Dn 2; 7), abrangendo um período de mais de mil anos na história. Daniel também profetizou que o Império Romano seria seguido de nações divididas (Dn 2:41-43), dominadas por um opressivo poder religioso-político ao longo da era medieval, até o estabelecimento do reino de Deus (Dn 7:23-25).

Essas profecias foram cumpridas literalmente séculos mais tarde. Apesar dos esforços consistentes de alguns no sentido de minar a
confiabilidade dessas profecias, as evidências esmagadoras de sua autenticidade, bem como seu cumprimento preciso, continuam a deixar maravilhados muitos pensadores céticos.

Além disso, muitas profecias messiânicas foram cumpridas com a primeira vinda de Cristo. Séculos antes de Jesus nascer, os profetas haviam predito, por exemplo, que Ele viria da tribo de Judá (Gn 49:10), nasceria em Belém (Mq 5:2), levaria sobre Si os pecados da humanidade (Is 53:4, 11, 12), morreria uma morte substitutiva (Is 53:5, 12), seria vitorioso sobre Satanás com Sua morte (Gn 3:15), ressuscitaria (Sl 16:10) e seria exaltado no trono celestial (Sl 110:1). Daniel também profetizou que o Messias viria 483 anos depois que o rei da Pérsia expedisse o decreto permitindo que os judeus reconstruíssem Jerusalém (Dn 9:24-27), que, nessa época, estava em ruínas.

A Bíblia também contém profecias que ainda aguardam cumprimento. A certeza de que tudo irá se cumprir é garantida em primeiro lugar pela afirmação

bíblica de que Deus conhece o futuro e, em segundo lugar, pelas profecias já cumpridas no passado. É por isso que podemos dizer que “temos mais confiança ainda na mensagem anunciada pelos profetas” (2Pe 1:19; NTLH).

Por que precisamos da profecia bíblica?

A Bíblia tem a melhor resposta para essa pergunta. Nela encontramos duas analogias da profecia bíblica.

A profecia é identificada como uma lâmpada brilhando durante as horas escuras, até o alvorecer do dia (2Pe 1:19). Assim como uma lâmpada, a profecia nos mostra onde estamos agora e também para onde vamos. Ela ainda nos diz para onde vai o mundo e qual será a conclusão de sua história. Precisaremos da orientação profética até o surgimento da “Estrela da Manhã”, o próprio Jesus Cristo (Ap 22:16). Só então não teremos mais necessidade da palavra profética como lâmpada (1Co 13:8-10).

A profecia também é comparada a um espelho por meio do qual podemos ver o futuro, ainda que ofuscado (1Co 13:12). No tempo de Paulo, os espelhos eram feitos de um bronze altamente polido, que dava um reflexo imperfeito da imagem. Semelhantemente, a profecia bíblica dá uma pálida apresentação do futuro, que é descrito em uma linguagem humana imperfeita. Mas, quando vier a realidade, veremos com clareza. “Agora conheço em parte; então, conhecerei plenamente”, afirma o apóstolo Paulo (1Co 13:12).

Esse aspecto opaco da profecia bíblica está expresso em uma linguagem bastante peculiar, nem sempre muito fácil de interpretar. Os eventos reais do tempo do fim em Apocalipse não estão retratados em uma linguagem de fácil compreensão, mas com símbolos. A compreensão do significado desses símbolos nos dará a chave para decodificar seu significado de acordo com a intenção de Deus.

O que a profecia nos diz sobre o tempo do fim

As profecias sobre o tempo do fim, particularmente as que estão registradas em Apocalipse, nos informam sobre o que acontecerá no mundo no tempo do fim. A Bíblia declara que Deus “não faz coisa alguma sem revelar o Seu plano aos Seus servos, os profetas” (Am 3:7). A profecia revela as coisas que acontecerão no fim do tempo, as quais são proveitosas para a nossa salvação e entrada no reino de Deus. Seu propósito é nos dizer, a partir da perspectiva celestial, por que e como os eventos do tempo do fim acontecerão. Por meio da

palavra profética, Deus revelou todos os eventos futuros importantes para que os conhecêssemos. Por essa razão, devemos manter duas coisas em mente.

Em primeiro lugar, as profecias preditivas, sejam as que já foram cumpridas, sejam as que ainda vão acontecer, não são, por si próprias, a meta principal. Elas parecem ter um propósito mais profundo. A maneira vívida como são retratadas, por mais bizarra e assustadora que possa parecer, não é usada para nos intimidar, mas para nos ajudar a estar prontos para o fim. As profecias nos foram dadas não apenas com a intenção de fazer de nós melhores cristãos, mas também para nos ajudar a levar a vida mais a sério e nos inspirar para alcançar as pessoas ao nosso redor com a mensagem do evangelho.

Em segundo lugar, as profecias do tempo do fim não estão registradas para fazer da Bíblia uma espécie de horóscopo divino ou um livro de adivinhações. Elas não são dadas para satisfazer nossa curiosidade obsessiva sobre o futuro. Em vez disso, seu propósito é nos assegurar de que Deus tem o futuro em Suas mãos. Ele sabe o que o futuro trará e sempre estará com Seu povo fiel, “até o fim dos tempos” (Mt 28:20). “Quando começarem a acontecer estas coisas, levantem-se e ergam a cabeça, porque estará próxima a redenção de vocês” (Lc 21:28).

O que a profecia não nos diz acerca do tempo do fim

Aqui, é necessário um alerta. Embora a profecia nos diga o que acontecerá no tempo do fim, há, claramente, duas coisas que a profecia não revela quanto aos eventos do tempo do fim.

Primeiramente, ela não nos diz *quando* os eventos do tempo do fim acontecerão ou *quando* o fim virá. Jesus deixou muito claro que o tempo exato do fim é conhecido apenas para Deus (Mt 24:36). Repetidas vezes, Ele enfatizou que o dia de Sua vinda não foi revelado para ninguém na Terra. [4] A ninguém foi dada a habilidade de “saber os tempos ou as datas que o Pai estabeleceu pela Sua própria autoridade” (At 1:7). O Novo Testamento está repleto de afirmações de que o tempo exato do fim não nos é dado a conhecer. [5] O cumprimento exato dos eventos do tempo do fim será para nós a clara indicação de que o fim chegou e que Cristo está “às portas” (Mt 24:33).

Além disso, a profecia não nos diz exatamente como os eventos do tempo do fim ocorrerão. A maneira como os eventos finais se manifestarão é um segredo que Deus reservou para Si mesmo. “As coisas encobertas pertencem ao Senhor,

o nosso Deus, mas as reveladas pertencem a nós e aos nossos filhos para sempre, para que sigamos todas as palavras desta lei" (Dt 29:29).

Livros têm sido escritos e páginas da internet são criadas na tentativa diligente de explicar como os eventos do tempo do fim ocorrerão. Entretanto, a maioria das ideias expressadas é enganosa, pois elas são extraídas não da Bíblia, mas de especulações humanas baseadas em imaginações alegóricas e artigos de jornais. [6]

Quando e *como* exatamente os eventos finais ocorrerão somente ficará claro no tempo de seu cumprimento, não antes (cf. Jo 14:29; 16:4).

Como saber que o fim chegou

O cumprimento final da profecia bíblica será efetivo com a segunda vinda de Cristo. A segunda vinda é o evento que marca a conclusão da história deste mundo e, ao mesmo tempo, o começo do reino eterno de Deus, longe de todo mal e injustiça que causam dor e morte.

Embora Cristo tenha prometido voltar, Ele não indicou o dia exato de Sua volta. Não devemos, portanto, estar envolvidos com especulações sobre o dia de Sua volta ou a sequência de eventos precedentes àquele dia.

Embora a profecia não revele o dia exato da vinda de Cristo, Jesus declarou que sinais demonstrarão que esse dia está próximo (cf. Mt 24:4-14). Os sinais estarão evidentes em todas as esferas: natural, político/social, moral e religiosa. Porém, nada disso será entendido como indicação de que o fim chegou.

A intensificação desses sinais no mundo político/social e a deterioração das condições morais e religiosas logo chegarão a um ponto sem precedentes na história da Terra. Ao mesmo tempo, haverá eventos específicos, como está retratado em Apocalipse 13-16. "Esses eventos – com a decadência das condições do mundo e a proclamação do evangelho por todo o globo – serão a clara indicação da iminência da vinda de Cristo." [7]

Enquanto esperamos por esse dia, é importante manter um equilíbrio entre o futuro e o presente. Embora a profecia nos informe sobre o que o futuro nos trará, ela também nos relembra constantemente sobre o fato de que ainda estamos aqui, nos induzindo a estarmos prontos em ativa espera.

Até aquele dia, devemos prestar atenção às profecias que, como lâmpadas, iluminam este tempo escuro da história enquanto esperamos confiantes pelo raiar do dia, sabendo que o próprio Jesus prometeu estar conosco para sempre (Mt 28:19). Quando a Estrela da Manhã, que é próprio Jesus, aparecer, nós O veremos face a face (2Pe 1:19).

Leitura adicional:

Doukhan, Jacques B. *Secrets of Daniel*. Hagerstown, MD: Review and Herald, 2000.

Paulien, Jon. *What the Bible Says About the End-Time*. Hagerstown, MD: Review and Herald, 1994.

Stefanovic, Ranko. *Revelation of Jesus Christ*. 2ª ed. Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 2009.

.*Daniel: Wisdom to Wise*. Nampa, ID: Pacific Press, 2007.

Ranko Stefanovic é professor de Novo Testamento no Seminário Adventista Teológico na Universidade Andrews. Ele obteve seu PhD em Novo Testamento na Universidade Andrews em 1995, com ênfase no livro de Apocalipse. Antes dos seus estudos de pós-graduação, ele serviu por 18 anos como ministro ordenado da Igreja Adventista do Sétimo Dia em seu país natal, a então Iugoslávia. Depois de completar seus estudos doutorais, foi o diretor do Departamento de Estudos Religiosos no Canadian University College, de 1996 a 1999. De 1999 a 2009, lecionou na faculdade de teologia da Universidade Andrews. Ele é o autor do livro Revelation of Jesus Christ, um conhecido comentário sobre o livro de Apocalipse, que é o livro-texto em muitos colégios e universidades adventistas. Ele e a esposa, Estera, têm dois filhos já adultos.

1 Richard Rice, *The Reign of God*, 2ª ed. (Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 2005), p. 320.

2 Ibid., p. 320, 321.

3 C. S. Lewis, *Cristianismo Puro e Simples* (São Paulo: Martins Fontes, 2005), p. 221-227.

4 Mt 24:36-44; 2Pe 3:3-7, 10; Ap 16:15.

5 1Ts 5:2-4; 2Pe 3:3-7; Ap 16:15.

6 Ver Ranko Stefanovic, *Revelation of Jesus Christ*, 2ª ed. (Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 2009), p. 1.

7 Ranko Stefanovic, “The Second Coming of Christ”, *Ministry*, 8 de dezembro de 2004. Esta seção do capítulo é um resumo desse artigo.

Bruce L. Bauer

Capítulo 16

Não São Todas as Religiões Basicamente a Mesma Coisa?

Esta é uma época em que o politicamente correto é viver a própria vida, deixando que os outros vivam a deles, é não forçar nossos pontos de vista sobre os outros e ser tolerantes e receptíveis. Essas mesmas atitudes têm respingado na área religiosa da vida, com muitos expressando a opinião de que todas as religiões são, a rigor, a mesma coisa, não importa em que você crê. Mas seriam todas as religiões realmente a mesma coisa? Examinemos as crenças das religiões mundiais com o maior número de seguidores.

O movimento da Nova Era

O movimento da Nova Era apresenta uma grande diversidade, mas o básico, para muitos de seus seguidores, é a ideia de que cada pessoa é divina. Esse movimento tem dois conceitos diferentes de Deus. Muitos creem em uma visão monística de Deus e veem a essência divina e a essência do mundo como uma coisa só e a mesma coisa – Deus é uma unicidade impessoal. O segundo ponto de vista, o panteísmo, vê Deus não como uma personalidade, mas tudo no Universo como parte do Divino. Tudo está conectado e emana da unicidade divina.

Os seguidores da Nova Era creem que o problema da humanidade está na percepção, não no pecado. De acordo com eles, as pessoas se esqueceram de que são conectadas a Deus e emanam dEle, que é uma mente universal. Eles creem não haver nada que as pessoas possam fazer para se separar da unicidade divina. O problema humano não é a rebeldia, mas a ignorância sobre o que é o verdadeiro “eu”. Assim, os adeptos da Nova Era promovem o conceito da autoajuda e da autorrealização por meio da meditação, da ioga e da ênfase na saúde.

Os ensinamentos da Nova Era enfatizam que os seres humanos, em sua

verdadeira natureza, são incondicionalmente conectados ao Divino. A ignorância sobre a divindade da pessoa e as consequências que resultam dessa ignorância seriam a causa dos problemas para os indivíduos. O pecado não é um problema humano, pois todos seriam moralmente inocentes, perfeitos e divinos em sua verdadeira natureza.

Os seguidores da Nova Era são incentivados a buscar avatares, gurus, mestres iluminados ou guias espirituais para ajudá-los em sua transformação espiritual. Jesus é visto, muitas vezes, apenas como um entre muitos avatares ou uma manifestação de alguém que percebeu Sua natureza divina, resultado de Sua iluminação.

O objetivo supremo para cada pessoa é deixar de lado tudo o que esteja ligado ao ego e se mesclar com a realidade última, ou seja, a unicidade universal.

Hinduísmo

O hinduísmo se desenvolveu até chegar a ser uma rica religião pluralística com uma grande variedade de formas de culto, costumes, deuses e deusas, teologias e filosofias. O hinduísmo é uma cultura religiosa com muitas maneiras de expressar o sagrado.

Os hindus acreditam na essência impessoal de Deus e, embora possam adorar muitos deuses, os hindus acreditam que todos os deuses são essencialmente um.

Enquanto o judaísmo, o cristianismo e o islamismo salientam a diferença entre a natureza divina e humana, o hinduísmo vê a humanidade como parte integral da essência divina – todos são parte de uma essência, e qualquer diferença perceptível é resultado da ignorância.

Os hindus consideram que a natureza da humanidade é divina em sua essência. Eles sugerem que os seres humanos passam por numerosas reencarnações em um mundo ilusório por causa de seu carma negativo e da ignorância, pois as pessoas esqueceram que são uma extensão do Brâmane e se apegaram aos desejos de seu ego. De acordo com essa filosofia, as pessoas sofrem com as doenças, fome ou desastres por causa de suas más ações e do carma negativo de uma vida prévia.

A salvação é descrita como o livramento de ciclos quase intermináveis de reencarnações, e isso pode ser alcançado por meio do *jnana* (conhecimento, revelação e sabedoria), *carma* (ação ou obras) ou *bhakti* (devoção extática). O estado ou meta final da pessoa é a libertação desses ciclos de nascimentos e renascimentos e a fusão com a realidade final ou a alegria eterna na presença dos deuses.

O hinduísmo é muito diferente das demais religiões porque não apresenta um sistema unificado de crenças, uma doutrina de salvação, nem conta com nenhuma autoridade centralizada.

Budismo

A doutrina budista original não abarca nenhum conceito de Deus, embora seitas mais recentes tenham introduzido algumas figuras divinais. Os budistas tampouco adoram o Buda (Siddhartha Gautama). Acredita-se que o Buda descobriu sua direção enquanto meditava para obter iluminação espiritual e para escapar dos intermináveis ciclos de nascimentos e renascimentos. Por isso, ele é chamado de "o iluminado".

O budismo atribui o sofrimento à ignorância sobre as quatro verdades nobres, que declaram o seguinte: (1) a vida consiste de sofrimento, (2) tudo é passageiro, (3) a maneira de escapar do sofrimento é eliminar qualquer desejo e (4) o desejo pode ser eliminado por meio do caminho óctuplo, um conjunto de práticas com base na moderação e harmonia. Os budistas não acreditam que as pessoas sejam pecadoras, nem que tenham ofendido um Deus santo e perfeito, tampouco as consideram rebeldes contra Deus.

Eu estava dando estudos bíblicos para uma turma de universitários japoneses. Já vínhamos estudando por várias semanas e, naquela noite, eu estava ensinando sobre o pecado. Quase no fim da palestra, fiz uma declaração: "Somos todos pecadores, certo?" Como resposta, recebi uma grande quantidade de olhares surpresos. Sentindo que talvez eles não tivessem entendido minha pergunta, refiz a questão em japonês. "*Watakushi takushi wa minna sumibito desu, ne?*" Mas, em vez de obter o consentimento que eu esperava, todos menearam a cabeça, querendo dizer que "não". Cantamos uma canção e fizemos uma curta oração de encerramento. Comecei, então, a pesquisar o que o budista japonês compreende pela palavra *sumi* (pecado) em sua língua. O que descobri foi fascinante.

O budista japonês típico acha que um pecador é alguém que cometeu alguma ofensa terrível como um assassinato, foi apanhado e agora está sendo levado, algemado, para a prisão. Essa era a visão deles de pecado. Quando eu disse que somos todos pecadores, eles ficaram totalmente confusos. Assim que entendi a definição budista de pecado, passei a preencher aquela palavra com o significado cristão e bíblico de pecado. Ensinei-lhes que o conceito bíblico incluía tudo aquilo que o conceito japonês de *sumi* abarcava, mais o egoís-
mo, mais a ideia de não ser absolutamente perfeito e mais a ofensa contra o Deus Criador. O resultado foi um subgrupo de pessoas que passou a entender *sumi*, de

maneira diferente do sentido japonês tradicional. Eles tinham acrescentado um conteúdo bíblico à palavra e agora a viam num sentido mais amplo, com significados cristãos colados a ela.

No budismo, os seres humanos são vistos como uma coleção não permanente de agregados que são governados pela lei férrea do carma, a qual determina que você colhe o que semeou. Se você faz o bem, vai receber o bem; se você faz o mal, vai receber o mal. Eles também acreditam que o carma determina o destino de uma pessoa na vida seguinte por meio da reencarnação.

O objetivo supremo do budismo é entrar no estado de *nirvana*, em que o ego se extingue e o ser é capaz de vencer as inclinações pelos desejos sensuais.

Islamismo

Os muçulmanos creem em um Deus único, Alá. Eles sustentam uma ideia fortemente monoteísta, a qual não permite que Deus tenha um parceiro nem que dualidade alguma seja a Ele associada. Eles são críticos ferrenhos da visão cristã da Trindade. Para alguns deles, os cristãos acreditam que Deus o Pai teve relações sexuais com Maria, resultando em um filho, Jesus Cristo.

Os muçulmanos creem que tudo o que acontece é porque Alá assim quer – nada acontece fora da vontade e propósito de Alá. Essa visão está fundamentada em uma alta consideração da soberania de Alá, quem mantém controle absoluto sobre tudo o que ocorre.

Os muçulmanos acreditam que o problema dos seres humanos é que eles rejeitaram as orientações certas. O pecado pode ser perdoado por meio do arrependimento, mas a expiação não é necessária. Para ser um bom muçulmano, é dever da pessoa (1) repetir o credo que declara que há um Deus e que Maomé é o Seu profeta, (2) recitar orações em árabe cinco vezes por dia, (3) dar esmolas aos pobres, (4) abster-se de alimentos, bebidas, sexo e tabaco durante os meses do Ramadã e (5) fazer uma peregrinação a Meca pelo menos uma vez na vida.

Os muçulmanos honram a Jesus como um dos maiores profetas, mas não creem que Ele seja Deus. Eles também não acreditam que Ele morreu na cruz, mas que Judas tomou Seu lugar ao Jesus ser arrebatado para o Céu, sem passar pela morte. Os muçulmanos têm um forte sentimento de que Alá nunca teria permitido que um honorável profeta sofresse morte tão horrível. Os muçulmanos também creem que Jesus virá à Terra uma segunda vez para julgar o mundo.

A base para esse juízo final depende, em grande medida, das boas ações de uma pessoa e da fidelidade religiosa aos deveres requeridos de um seguidor de Alá. Contudo, Alá, em Sua misericórdia, pode perdoar quem quer que Ele

escolha. O Alcorão começa com muitas suratas (capítulos) enfatizando que Alá é muito misericordioso. Os muçulmanos se esforçam para que suas boas ações pesem mais que as más ações que praticam, mas a salvação final é uma dádiva de Alá, e é obtida por meio de uma vida reta e da misericórdia de Alá por ocasião do Dia do Juízo. A salvação significa entrar no Paraíso, enquanto aqueles que não se ajustarem enfrentarão a eternidade no inferno.

Cristianismo

Os cristãos creem em um Deus pessoal que deseja ser conhecido. Desde o início do relacionamento de Deus com os seres humanos, palavras como família, comunidade, adoção, filhos e filhas e amigos têm sido usadas na Bíblia para descrever o desejo que Deus tem de estabelecer comunhão e um relacionamento com as pessoas. O foco do cristianismo não está em fazer boas obras ou seguir rituais religiosos a fim de obter salvação, mas em viver em amoroso relacionamento com Jesus Cristo e confiar em Sua morte como um sacrifício expiatório pelos pecados de cada indivíduo.

O cristianismo leva o pecado muito mais a sério do que qualquer outra religião. O pecado, conforme a Bíblia, é muito mais do que ignorância humana, desejos errôneos ou rejeição da orientação certa.

O pecado, mesmo o menor, é muito mais mortífero. Separa eternamente as pessoas de Deus, sem que haja qualquer possibilidade de uma solução humana. Os cristãos acreditam que o pecado resulta em morte, tanto aquela que vemos ao nosso redor como também a morte que a Bíblia chama de segunda morte, que ocorrerá no fim da história do mundo, quando todas as pessoas enfrentarão o juízo de Deus. Os que rejeitaram a morte de Jesus Cristo em substituição de sua segunda morte serão eternamente destruídos.

É aí que o significado de Jesus Cristo toma a maior importância. O foco está no próprio Jesus Cristo, não apenas em Seus ensinamentos. Nenhum outro líder religioso jamais clamou nunca ter pecado – o Buda disse que o problema humano está no carma negativo que, para ser superado, requer intermináveis ciclos de reencarnações, enquanto que Maomé admite seus próprios fracassos. Em contraste, Jesus disse que Ele é o caminho, o único meio de voltar para Deus. Alguns têm considerado essa declaração (Jo 14:6) arrogante e por demais estreita para a mentalidade moderna da inclusão. Mas se o pecado é tão mortal como a Bíblia diz, sendo mais do que ignorância, desejos errôneos ou cuidadosa obediência, então é necessário que haja uma solução muito mais radical do que apenas uma compreensão mais completa, desejos certos ou cuidadosa

obediência. O caminho que Jesus providenciou para vencer o problema do pecado é suficientemente amplo para o mundo inteiro. Sua morte pagou a pena do pecado – não Seu próprio pecado, pois Ele viveu uma vida impecável, mas o pecado de todo aquele que crê e confia em Sua morte vicária. Em vez de lutar para fazer boas obras ou se esforçar para alcançar um carma positivo, os cristãos vivem uma relação de fé com Deus, confiando que aquilo que Cristo fez na cruz provê o perdão e a possibilidade de viver por toda a eternidade com um Deus amoroso e bondoso.

Grande variedade nas religiões do mundo

Voltemos para a pergunta que fizemos no começo do capítulo – não são todas as religiões basicamente a mesma coisa? Como vimos, as várias religiões têm visões diferentes do problema humano e de como resolvê-lo. Os seguidores da Nova Era dizem que o problema está na ignorância, o islamismo considera que ele está no fracasso de seguir obedientemente a orientação divina, o budismo diz que o problema está nos desejos errados, o hinduísmo culpa o carma negativo nas vidas anteriores e o cristianismo vê que o problema está no pecado, que nos separa eternamente de Deus.

As diferentes religiões também divergem grandemente quando se trata da crença em Deus. “É realmente bisonho supor que todas as religiões levam para Deus, quando o budismo não crê em absoluto que haja Deus algum, quando o islamismo O mantém tão distante, quando o hinduísmo oferece a extinção após muitas encarnações e, ao mesmo tempo, ratifica a idolatria em larga escala. Como podem todas as religiões levar a Deus quando todas elas têm crenças tão diferentes acerca de Deus, da vida após a morte e de como a pessoa pode alcançá-la?” [1]

As soluções oferecidas pelas várias religiões também são diferentes. A Nova Era sugere que o pensamento correto que permite as pessoas entender sua divindade é tudo o que elas necessitam. O hinduísmo permite pelo menos três caminhos para as pessoas alcançarem a luz: o caminho da ação e do ritual, o caminho do conhecimento e da meditação e o caminho da devoção. Os budistas acreditam que a maneira de vencer o desejo é seguir o caminho intermediário entre a extrema abundância e o extremo asceticismo, obtendo méritos cármicos. Os muçulmanos acreditam que tanto a fidelidade nos deveres religiosos e na obediência quanto o perdão e a misericórdia de Alá são a solução para o problema do pecado, enquanto os cristãos creem que o pecado só pode ser perdoado pelo derramamento do sangue de Jesus Cristo.

Embora seja possível achar muitas semelhanças entre as religiões do mundo, uma olhada mais de perto vai revelar diferenças irreconciliáveis entre seus ensinamentos mais básicos. Muitas pessoas acreditam que as religiões diferem na superfície, mas que, em um nível mais aprofundado, elas são a mesma coisa. De fato, o oposto é verdade: as religiões são semelhantes em sua superfície, mas em um nível mais profundo – o nível de suas crenças e ensinamentos fundamentais – elas são muito diferentes. [2]

Todas as religiões suprem alguns dos anelos básicos do coração humano. Todas as religiões respondem a muitas das perguntas que as pessoas fazem. Mas elas não são a mesma coisa. Elas sequer têm visões semelhantes de Deus, do pecado, do destino final ou do caminho para alcançar esse destino. Quando as pessoas sugerem que todas as religiões são, a rigor, a mesma coisa, pode ser que elas nunca tenham levado em consideração as diferenças citadas anteriormente e estejam apenas tentando ser politicamente corretas. Esse é um critério bastante inadequado para que alguém deposite nele a confiança sobre seu destino final.

O elemento básico que falta a todas as demais religiões é a compreensão clara e correta da pessoa de Jesus. Somente por meio dEle é que os seres humanos podem ordenar sua vida de modo a caminhar com Ele de glória em glória até a eternidade.

Leitura adicional:

Adamson, Marilyn. “Connecting With the Divine: Descriptions of the World’s Major Religions: Hinduism, Buddhism, Islam, Christianity, and New Age”. Disponível em <http://www.everystudent.com/features/connecting.html>. Acessado em 1º de fevereiro de 2010.

Green, Michael. *“But Don’t All Religions Lead to God?”: Navigating the Multi-Faith Maze.* Grand Rapids: Baker, 2002.

Halverson, Dean C., ed. *The Compact Guide to World Religions*. Minneapolis, MN: Bethany House, 1996.

Witmer, Daryl E. “Aren’t All Religions Basically the Same?” Disponível em <http://christiananswers.net/q-aiia/religionssame.html>. Acessado em 1º de fevereiro de 2010.

Bruce L. Bauer. Depois de terminar seu bacharelado em teologia, em 1969, Bruce e sua esposa, Linda, viajaram para Osaka, Japão, onde trabalharam em um projeto de escolas de inglês da Igreja Adventista do Sétimo Dia, coordenando as atividades de centenas de estudantes missionários. Quinze anos depois, os

Bauers se mudaram para Guam, onde Bruce foi presidente da Missão Guam-Micronésia por cinco anos. Durante os períodos de férias, Bruce cursou um mestrado em religião na Universidade Andrews (1975) e outro mestrado em missiologia no Seminário Teológico Fuller (1981), onde também obteve seu doutorado em missiologia (1983). De 1989 até 1997, Bauer lecionou no Seminário Teológico Adventista do Sétimo Dia e, depois, passou três anos e meio como presidente da Missão Adventista do Camboja. Em janeiro de 2001, voltou para a Universidade Andrews, onde é o diretor do Departamento de Missão Mundial e editor do Journal of Adventist Mission Studies.

1 Michael Green, *"But Don't All Religions Lead to God?": Navigating the Multi-Faith Maze* (Grand Rapids: Baker, 2002), p. 22.

2 Dean C. Halverson, ed., *The Compact Guide to World Religions* (Minneapolis, MN: Bethany House, 1996), p. 241, 242.

PAUL DYBDAHL

Capítulo 17

Realmente Importa o que Creio, Contanto que Eu Seja Sincero?

No mundo de hoje, existem dúvidas sobre a importância de acreditar em doutrinas específicas. As pessoas buscam o que é certo para elas, por aquilo que as fazem “sentir-se bem”. Por isso, os valores diferem.

Os tempos e lugares em que nascemos têm efeitos profundos nos valores que adotamos. Em algumas culturas, a hospitalidade e a lealdade são valores cruciais. Em outros lugares, a coragem e a pureza podem ser vistos com grande admiração. Em um cenário diferente, as qualidades do dever, da perseverança ou do patriotismo podem ser as mais estimadas.

O valor da sinceridade

Do meu ponto de vista como professor em uma universidade cristã, um dos valores que vem ganhando popularidade tanto local como global é o da sinceridade. De acordo com o dicionário, uma pessoa sincera é alguém “marcado pela genuinidade” e pela “ausência de hipocrisia”. [1] Entre os jovens com quem trabalho, existe um crescente consenso de que pessoas inteligentes, que têm consideração para com os outros, não devem se envolver em debates desnecessários a respeito de diferentes crenças e pontos de vista sobre a verdade. “Afinal, já que nunca vamos estar de acordo, por que se importar com tudo isso?”, diriam muitos. “O que realmente importa é que sejamos sinceros e honestos sobre aquilo em que cremos.”

Recentemente, essa perspectiva foi reforçada por alguns de meus alunos de religião. Quando lhes pedi para listar as qualidades que Deus mais quer ver em nós, os estudantes universitários, de modo surpreendente, disseram que Deus valorizava mais nossa sinceridade do que desejava a pureza e a ortodoxia. Seria esse o caso, realmente?

Eu concordaria que existe algo de confortador na noção de que aquilo em que alguém crê ou a pureza de sua vida não têm a menor importância, desde que aquela pessoa seja sincera. Um ponto de vista como esse parece aberto, inclusivo

e sensível (que também são valores com crescente popularidade hoje em dia). Também é verdade que alguém até poderá recorrer à Bíblia para demonstrar o valor da sinceridade.

Em 1 Crônicas, Davi instou com Salomão, seu filho, que ele conhecesse o Deus de seu pai e O servisse "de todo o coração e espontaneamente" (1Cr 28:9). Dos primeiros crentes em Jesus foi dito que se reuniam e comiam juntos "com alegria e sinceridade de coração" (At 2:46). Em 1 Timóteo, a sinceridade é um dos requerimentos necessários para os líderes da igreja (1Tm 3:8). Finalmente, em Tiago, a sabedoria do Céu é descrita como "imparcial e sincera" (Tg 3:17). Além dessas referências explícitas, a Bíblia está cheia de histórias que demonstram o valor da sinceridade e genuinidade perante Deus. Uma das maiores críticas de Jesus aos líderes religiosos de Seu tempo era sobre a hipocrisia e falta de sinceridade deles (ver, por exemplo, Mt 23:13, 15, 23, 25, 27, 28).

Fica claro, então, que a sinceridade é, de fato, uma qualidade admirável que Deus deseja que todos nós tenhamos. Também é verdade que a salvação não depende de nosso consentimento mental para todas as crenças corretas. Deus pode salvar pessoas sinceras que sejam ignorantes ou estejam confusas sobre o que seja certo e verdadeiro. Mas isso significa que aquilo que uma pessoa acredita não tem importância, contanto que ela seja sincera? Seria razoável dar tanto valor à sinceridade a ponto de considerar que aquilo que acreditamos *não tem importância, contanto que sejamos sinceros*?

Algumas limitações da sinceridade

Na minha perspectiva, esse excesso de valorização da sinceridade muitas vezes passa por alto dois aspectos da sinceridade. Primeiramente, ser sincero de verdade é muito mais difícil do que se possa imaginar. Colocar a sinceridade em lugar da crença correta não significa distanciar-se da ambiguidade e acercar-se da serena confiança. Em vez de tornar as coisas mais simples e mais tranquilas, o chamado à sinceridade, por seu padrão incrivelmente alto, acaba nos impondo um problema.

Nosso coração enganoso

De acordo com Jeremias 17:9, "o coração é mais enganoso que qualquer outra coisa e sua doença é incurável. Quem é capaz de compreendê-lo?". Se o coração pecaminoso é tão enganador, talvez nossa fuga de debates sobre "crenças" e

“verdades” para nos refugiar no conforto da sinceridade não seja segura. Mesmo se tudo o que importasse fosse a sinceridade, como poderíamos saber se somos ou não totalmente sinceros? Ela parece ser uma espécie de virtude escorregadia, a qual se torna difícil possuir de maneira plena e consistente, inclusive de definir.

Quantas vezes pensamos que fomos sinceros acerca de alguma coisa, só para perceber, mais tarde, que enganamos a nós mesmos e que nossos motivos não eram tão puros como havíamos imaginado? Por exemplo, os casamentos geralmente começam com duas pessoas que honestamente sentem que encontraram sua “alma gêmea”. Voluntariamente, eles fazem os votos de fidelidade e amor e assumem o compromisso de serem fiéis um ao outro pelo resto da vida. Eles estão sendo sinceros. Contudo, se fôssemos visitar esses casais alguns anos mais tarde, encontraríamos alguns desses casamentos já desfeitos. Um pouco mais de conversa traria à tona a confissão de que só agora eles reconhecem que se casaram em parte, pelo menos, para agradar os pais, abrandar a solidão, satisfazer seu desejo de intimidade física, evitar problemas em casa, ou até, talvez, desfrutar de uma vida financeira melhor. Se alguém lhes tivesse sugerido isso no dia do casamento, eles teriam negado veementemente – e sinceramente – que fosse esse o caso. Ainda que subconscientemente, suas motivações estavam presentes, e assim, na ocasião, eles sequer podiam ver que suas decisões e seus votos estavam longe de ser totalmente sinceros. Claramente, os julgamentos humanos sobre a sinceridade não são muito confiáveis.

A sinceridade pode sobreviver sozinha?

Voltemos à pergunta: “O que creio realmente tem importância, contanto que eu seja sincero?” Essa questão pode emergir da suposição de que a sinceridade é uma qualidade capaz de existir sozinha, mesmo que separada da crença. Na verdade, não é esse, em absoluto, o caso.

A sinceridade pressupõe uma crença *em* ou *acerca de* algo. Essa realidade é demonstrada em várias passagens bíblicas que utilizam a palavra “sincero”. O apóstolo Paulo, escrevendo para os crentes em Corinto, confessa temer que “a mente de vocês seja corrompida e se desvie da sua sincera e pura devoção a *Cristo*” (2Co 11:3). [2] Note que a sinceridade tem um propósito: conduzir a Cristo. Em 2 Timóteo 1:5, ela é uma “fé não fingida”; em 1 Pedro 1:22, ela é “amor fraternal e sincero”.

Muitas pessoas dizem: “Eu sou sincero.” Nesses casos, é correto perguntar: “Sincero sobre o quê?” Essa pessoa pode ser sincera na crença de que a sinceridade não tem importância. Alguém pode até ser sincero em sua crença de

que não é sincero! A sinceridade deve estar anexada a algo para que ela signifique alguma coisa. É impossível ser sincero sem ser sincero sobre alguma coisa. Isso quer dizer que a sinceridade e a crença não podem ser separadas.

A importância da crença

Isso nos leva para o que me parece ser o problema mais evidente com a declaração de que aquilo que a pessoa crê não tem importância, contanto que ela seja sincera. O problema é simplesmente esse: *a crença tem, sim, importância, pois aquilo em que cremos é o que guia nosso comportamento.* A ligação entre crença e comportamento – e a importância dessa ligação – pode ser ilustrada por um número de exemplos quase ilimitado.

Em 26 de abril de 1986, o reator nuclear de Chernobyl, na extinta União Soviética, liberou radiação que matou mais de quatro mil pessoas e deixou outros setenta mil incapacitados. A causa do desastre não foi falta de sinceridade por parte dos especialistas nucleares soviéticos. Longe disso. Eles estavam testando um dos quatro reatores de Chernobyl e, sinceramente e de todo o coração, criam que seriam capazes de controlar os níveis de fissão. Eles estavam errados. Houve uma reação em cadeia sem controle, e o reator explodiu. Os especialistas não eram pessoas más. Eles não estavam tentando envenenar o ambiente, matar seus familiares nem as pessoas que moravam naquela vizinhança. Eles eram sinceros. Mas a sinceridade deles não os protegeu das drásticas consequências de sua crença infeliz de que aquelas oito varetas de boro seriam suficientes para controlar a cadeia de reação nuclear. [3]

Os que conhecem um pouco da história da medicina sabem que já na primeira metade do século 19, médicos bem-intencionados examinavam e tratavam cada um de seus pacientes sem lavar as mãos. Eles usavam instrumentos que não haviam sido esterilizados e vestiam o mesmo robe cirúrgico durante todo o dia, apesar do acúmulo de sangue e pus de procedimentos prévios. Aqueles médicos eram sinceros no desejo que tinham de ajudar os pacientes, mas não entendiam como as infecções eram transmitidas. Não é de surpreender, portanto, que infecções letais se espalhassem entre os que passavam por cirurgias. As amputações tinham um nível de mortalidade entre 40 e 45%. A febre puerperal (infecção do útero ocorrida no período logo após o parto) matava quase uma em cinco parturientes em alguns hospitais. [4]

Quantos de nós, hoje, desejaríamos que um daqueles cirurgiões nos operasse? Alguém poderia dizer: “Bem, contanto que os médicos sejam sinceros, pouco me importa o que eles creiam a respeito da transmissão de infecções ou mesmo

sobre a anatomia humana. O que eles creem não tem a menor importância!” Será que diríamos o mesmo sobre um piloto: “Não me importa se ele crê no controlador de voo, contanto que queira, sinceramente, me levar de volta para casa nesse avião”? E quanto ao professor ou pregador? Certamente queremos que eles sejam sinceros, mas também queremos algo mais.

Em todas as áreas de nossa vida, esperamos que as pessoas sejam conscientes do conhecimento que está disponível para elas. Queremos que elas estejam informadas de maneira que possam se comportar de acordo com o conhecimento adquirido. Em resumo, esperamos que elas conheçam aquilo que é razoável e creiam nisso, vivendo sinceramente em harmonia com esses conhecimentos. Fazer diferente é ser irresponsável e até tolo.

O mesmo é verdade no domínio da religião e da fé. O missiólogo K. P. Yohannon conta a história de um negociante que aportou pela primeira vez em uma das ilhas do Pacífico Sul. Quando esse comerciante foi conversar com o chefe da ilha, ele percebeu que, em sua casa, havia uma Bíblia, o que o fez concluir que missionários já haviam visitado o local. Com desgosto, o comerciante zombou do chefe dizendo: “É uma vergonha [...] que o senhor tenha dado ouvidos a essas tolices sem sentido dos missionários.” O chefe olhou para o comerciante e disse: “O senhor está vendo aquela grande pedra branca ali? Até poucos anos atrás, aquela pedra era usada para rachar a cabeça de nossas vítimas para retirar o cérebro. E está vendo aquele enorme forno ali? Aquele é o forno onde, até poucos anos atrás, nós assávamos o corpo de nossas vítimas antes de nos regalarmos com eles. Se não déssemos ouvidos ao que o senhor chama de “tolice sem sentido dos missionários”, pode estar certo de que sua cabeça já teria sido rachada por aquela pedra e seu corpo estaria sendo assado naquele forno.” [5]

O que fez a diferença para aquele chefe? Acho que podemos concordar que houve uma modificação positiva na vida dele, mas essa mudança não envolveu sair da hipocrisia para a sinceridade. Ele pode ter rachado crânios e cozinhado cérebros com enorme sinceridade! A diferença ocorreu quando suas crenças mudaram, e essas novas crenças levaram a uma transformação profunda e positiva em seu comportamento.

Não é preciso ir muito longe para encontrar pessoas que são fervente e sinceramente devotas a uma ideologia religiosa. A sinceridade delas é algo admirável, mas suas crenças podem levá-las a atos como amarrar explosivos ao corpo e detoná-los no meio de multidões inocentes. O próprio Jesus exortou contra as cegas paixões religiosas ao dizer para os discípulos que viria o dia “quando quem os matar pensará que está prestando culto a Deus” (Jo 16:2).

Certamente, a sinceridade não é tudo. Aquilo em que acreditamos tem importância para nós, para os outros e para Deus.

Em toda a Bíblia, vemos o esforço de Deus para instruir cuidadosamente Seus seguidores quanto à melhor maneira de viver. Como disse o salmista: “Jamais me esquecerei dos Teus preceitos, pois é por meio deles que preservas a minha vida” e “A Tua palavra é lâmpada que ilumina os meus passos e luz que clareia o meu caminho” (Sl 119:93, 105). Pode ser que nem sempre seja fácil entender as orientações de Deus. Os crentes nem sempre concordam em cada ponto das doutrinas, mas se espera que
pesquisemos com oração e espírito de humildade as Escrituras para
que possamos nos apresentar como alguém “aprovado, como obreiro que
não tem do que se envergonhar e que maneja corretamente a palavra da verdade” (2Tm 2:15). A luta para entender corretamente a orientação divina trará recompensas. Quanto mais compreendermos a vontade de Deus para nós, melhor será a vida.

A vida de crença e sinceridade

Em 1 Pedro 1:21, 22, a importância da crença, obediência e sinceridade é colocada em bela unidade. Ali, o apóstolo Pedro escreve para a igreja, relembrando que, por meio de Cristo, “creem em Deus”. Pedro, então, continua: “Agora que vocês purificaram a sua vida pela obediência à verdade, visando ao amor fraternal e sincero, amem sinceramente uns aos outros e de todo o coração.”

Acredito que Pedro faria o mesmo apelo para nós, hoje. Que nossa crença em Deus possa nos levar à obediência, a qual será, então, expressa em amor sincero pelos outros, sem fingimento. Se vivermos assim, seremos pessoas melhores e mais felizes. E o mundo também será um lugar melhor e mais feliz.

Leitura adicional:

Briscoe, Pete. *Belief Matters.* Eugene, OR: Harvest House, 2009.

Keller, Timothy. “There Can’t Be Just One True Religion”, em *The Reason for God*. Nova York: Dutton, 2008, p. 3-21.

Sire, James W. *Why Should Anyone Believe Anything at All?* Downers Grove, IL: InterVarsity, 1994.

Stott, John R. W. *Your Mind Matters*. Downers Grove, IL: InterVarsity, 1972.

White, Ellen G. “O Deus que Eu Conheço”, em *Caminho a Cristo.* Tatuí, SP:

Casa Publicadora Brasileira, 2001 (CD-ROM), p. 89-96.

Paul Dybdahl se formou em teologia pela Universidade de Walla Walla em 1992 e aceitou um chamado para ser pastor na Associação do Oregon, onde serviu por quase cinco anos. Durante esse tempo, obteve seu mestrado em divindade pela Universidade Andrews, para onde retornou para cursar estudos doutorais, obtendo um PhD em missiologia em 2004. Atualmente, atua como professor na Faculdade de Teologia da Universidade de Walla Walla, onde vem lecionando desde 2001. Grande parte de sua pesquisa, como também de suas palestras e publicações, focaliza como os cristãos podem, efetivamente, comunicar o evangelho diante das barreiras culturais. Ele e a esposa, Kristyn, têm três filhos: Noah, Alyssa e Sarah.

1 *Merriam-Webster Online*, s.v. "Sincere". Disponível em <http://ww.merrian-webster.com/dictionary/sincere>. Acessado em 25 de março de 2010.

2 Em todos os casos, os itálicos são adicionados para dar ênfase.

3 Judith Newman, "20 of the Greatest Blunders in Science in the Last 20 Years", *Discover*, 1º de outubro de 2000. Disponível em <http://discoverymagazine.com/2000/0ct/featblunders>. Acessado em 9 de abril de 2010.

4 "Antisepsis", Discoveries in Medicine. Disponível em <http://www.discoversinmedicine.com/A-AN/Antisepsis.html>. Acessado em 23 de março de 2010.

5 K. P. Yohannan, *Revolution in World Missions* (Carrollton, TX: GFA Books, 2003), p. 111, 112.

Woodrow W. Whidden

Capítulo 18

Como Posso Encontrar a Salvação e a Vida Eterna?

Essa pode ser a pergunta errada, embora seja feita com frequência pelos que se tornam sensíveis à necessidade de Deus e têm anelo por algum tipo de esperança de vida eterna em um mundo ameaçado pela realidade da morte iminente. De maneira geral, a pergunta que parece refletir melhor a narrativa bíblica tem que ver não tanto com a maneira segundo a qual os homens encontram a salvação, mas com a graça salvadora de Deus, que nos encontra perdidos e alienados em pecado.

Tradicionalmente, no mundo ocidental, as perguntas sobre a salvação têm sido feitas em termos de libertação da culpa e do poder do pecado. Mesmo que os jovens do século 21 possam não estar fazendo perguntas sobre a culpa causada pelo pecado, a questão da culpa ainda é um fato sério da existência humana. Isso acontece porque o Espírito está sempre nos impressionando para que tenhamos convicção do pecado.

Para mim, a chave para uma existência humana expressiva está na definição das palavras bíblicas “pecado” e “amor”. É no significado dessas palavras que os cristãos afirmam ter descoberto a essência do que significa a salvação. Começaremos com o que é positivo: o amor.

Amor divino versus pecado

O tema central das Escrituras revela não somente que Deus é um ser de amor no âmago de Sua natureza (1Jo 4:8), mas que Seu amor é criador e flui exteriormente para estabelecer mundos onde seres inteligentes e com capacidade de se relacionar (feitos à imagem de Deus) podem compartilhar Seu relacionamento de amor. Mas o trágico subenredo da narrativa é que o amor de Deus tem sido severamente testado pela aberta rebelião de seres angélicos e humanos que caíram em pecado. A boa-nova, no entanto, é que o amor que

inspirou a criação do Universo com seres capazes de amar está à altura da missão de, livremente e mediante o autossacrifício, restaurar essas criaturas a seu destino original. Além disso, o coração de toda essa metanarrativa é que Deus doou Seu Filho amado para que tomasse surpreendentes providências para a plena restauração e recuperação da humanidade perdida. Isso é mostrado no belo texto de João 3:16: “Porque Deus tanto amou o mundo que deu o Seu Filho Unigênito, para que todo o que nEle crer não pereça, mas tenha a vida eterna.”

Nisso tudo, a grande mensagem é que o amor de Deus não somente O levou a tomar providências para a salvação da humanidade, como também levou o Deus Triúno a realmente tomar a misericordiosa iniciativa de comunicar essas providências de Cristo para seres humanos perdidos e pecadores – e tudo isso tem sido firmemente realizado, apesar da persistente resistência humana a essas manifestações de Seu amor. Assim, com esses pensamentos misericordiosos sobre as iniciativas de Deus em mãos, estamos, agora, preparados para voltar nossa atenção para aquela palavra problemática: *pecado.*

Normalmente, essa palavra está intimamente associada com dois terríveis subprodutos – a culpa e a possibilidade da morte eterna, alegadamente causadas por más ações! Ainda assim, a questão mais fundamental que o ensinamento bíblico sobre o pecado e a salvação procura confrontar relaciona-se com as ramificações mais sutis e até radicais do pecado.

A definição tradicional de pecado é oriunda de certa interpretação de 1 João 3:4. Essa interpretação afirma que pecado deve ser definido como um ato de transgressão claramente contrário às exigências da santa lei de Deus – os Dez Mandamentos. Embora essa linha de interpretação de fato aponte com precisão para uma faceta importante do pecado (ações más), a Bíblia sugere veementemente que uma definição mais visceral do pecado tem que ver com a malignidade da própria natureza humana e não apenas com suas ações más. A tradição cristã chama isso de “total depravação”. Ellen White se refere aos efeitos do pecado como uma desfiguração e quase uma obliteração da “imagem de Deus” nos seres humanos. [1]

Essencialmente, essa definição mais aprofundada de pecado alude a uma visão da natureza humana que salienta o persistente e infeccioso egoísmo humano. Essa preocupação insana com o “eu” tem criado um caldeirão fervente do qual tem emanado os sulfurosos e sufocantes vapores que têm gerado uma escuridão interior e exterior. Além disso, é dessa espessa escuridão do egoísmo que outras facetas do pecado têm emergido.

Tão implacável e envolvente névoa tem deixado a humanidade enredada nas

presas aniquiladoras de um poder deformador que leva inexoravelmente à morte. Com efeito, cada aspecto definitivo do que significa ser humano tem sido pervertido – especialmente nossos instintos e aspirações espirituais, morais e sociais. E quando essa realidade atinge o ponto mais baixo, degenera-se no inferno da não existência final e eterna.

O apóstolo Paulo falou de maneira explícita e clara sobre a vida dos efésios antes de aceitarem o cristianismo: “Ele vos deu vida, estando vós mortos nos vossos delitos e pecados, nos quais andastes outrora, segundo o curso deste mundo, segundo o príncipe da potestade do ar, do espírito que agora atua nos filhos da desobediência; entre os quais também todos nós andamos outrora, segundo as inclinações da nossa carne, fazendo a vontade da carne e dos pensamentos; e éramos, por natureza, filhos da ira, como também os demais” (Ef 2:1-3, ARA). Essa é uma descrição das mais desagradáveis e decepcionantes que se pode fazer. No entanto, seu brutal testemunho evoca uma análise honesta e muito necessária da condição humana à medida que ela se suja no pecado.

Note que a chocante impressão transmitida pela passagem acima apresenta letalidade em todos os tipos de maus comportamentos motivados pelo “príncipe da potestade do ar”, quem está constantemente inflamando “a vontade da carne e dos pensamentos”. Haverá alguma surpresa na descrição da humanidade como “por natureza, filhos da ira”? A única resposta apropriada é o doloroso lamento: “Miserável homem que eu sou! Quem me libertará do corpo sujeito a esta morte?” (Rm 7:24; cf. Is 6:5). Assim, o que significa, de maneira prática, ser salvo de toda essa corrupção da natureza, das atitudes más e das ações depravadas?

A libertação do ego(ísmo): a chave para a novidade de vida

O significado central irredutível de todas essas más notícias sobre a natureza humana revela uma profunda relação entre a natureza pecadora inata (especialmente seu egoísmo inerente) e a ausência de significado para a vida. De maneira simples, o pecado tem que ver principalmente com o egoísmo, e não existe verdadeira alegria ou profundo contentamento em fazer da autossatisfação (especialmente os desejos lascivos da carne) o principal negócio da vida! De um modo maravilhosamente contrastante, há uma verdade prática profunda a ser descoberta acerca da salvação que Deus oferece à humanidade pecadora: Ele promete nos libertar das promessas vazias do egoísmo oferecendo para cada

pessoa a possibilidade de responder à descoberta maravilhosa e libertadora de que as maiores satisfações e as mais profundas alegrias da vida vêm do servir e ser uma bênção para os outros. Nada disso vem do mortificante serviço do ego!

Assim, quando dizemos que Deus nos salva do pecado por meio de Sua graça, queremos dizer que Ele tem realmente Se empenhado para nos arrancar das garras do egoísmo, nos colocando no caminho para a nossa realização à medida que aprendemos a viver orientados pelo serviço aos outros. Esse abrangente esforço inclui a libertação da totalidade dos enganos ilusórios do pecado, da culpa, do seu poder e, em última análise, até da sua presença no centro da nossa natureza. Assim, o que apresentamos a seguir é uma descrição sucinta da maneira com que a graça de Deus desperta, perdoa, transforma o caráter e, finalmente, destrói até as propensões e inclinações mais empedernidas de nossa natureza depravada.

O caminho divino para o livramento do ego e do pecado

A primeira fase da tentativa que Deus faz para nos afastar dos enganos do pecado e do egoísmo é descrita como graça convidadora ou despertadora. A imagem da morte no pecado em Efésios 2:1 vigorosamente sugere que a graça de Deus é oferecida aos pecadores, queiram eles ou não recebê-la. Essa é a primeira manifestação da graça regeneradora ou renovadora de Deus. O que Deus faz graciosamente é despertar as pessoas para os terríveis malefícios do pecado e para a profundidade de Seu misericordioso amor pelos pecadores. De nossa parte, simplesmente não percebemos quão terrível é o pecado, mas quando começamos a ter alguns vislumbres de seus efeitos deletérios sobre nós, é natural pensar que Deus não poderia amar pecadores tão degradados. É aí que a graça despertadora de Deus provoca em nós um senso de Seu amor imerecido, mas persistente.

Essa dádiva da “bondade” de Deus (Rm 2:4) permite que pecadores como eu não somente tenham desprezo pelo pecado, como também se sintam genuinamente entristecidos por ele. Além disso, uma das maiores evidências de que o exercício de arrependimento do crente é genuíno revela-se quando já não há mais as desculpas para as práticas pecaminosas. Elas são reconhecidas e renunciadas com sinceridade de coração. A essa altura, as fronteiras do novo reino de amor já podem ser avistadas, especialmente quando o dom do

arrependimento entra em ação!

Quando nos arrependemos, podemos saber que, por meio de Cristo, somos aceitos por Deus mediante Sua graça perdoadora. Todo esse processo de regeneração leva, então, ao novo nascimento, o que é comumente chamado de conversão. Pedro o apresentou de maneira sucinta: “Arrependam-se, pois, e voltem-se para Deus, para que os seus pecados sejam cancelados” (At 3:19). Paulo, em um de seus comentários mais abrangentes sobre todo esse processo da regeneração e conversão, disse: “Todavia, Deus, que é rico em misericórdia, pelo grande amor com que nos amou, deu-nos vida com Cristo, quando ainda estávamos mortos em transgressões – pela graça vocês são salvos. Deus nos ressuscitou com Cristo e com Ele nos fez assentar nos lugares celestiais em Cristo Jesus” (Ef 2:4-6).

Como um crente em Cristo, tornei-me o beneficiário de todas as Suas bênçãos redentoras. Portanto, a obra regeneradora do Espírito Santo não somente leva a uma percepção da pecaminosidade e do grande amor de Deus (apesar de nossos pecados), mas também alerta os crentes para o fato de que, em Cristo, todas as dádivas vêm num pacote de salvação totalmente embrulhado. A referência a Deus como “rico em misericórdia” aponta para o perdão de pecados, a justificação somente pela fé.

O que a graça de Deus está procurando realizar na vida de cada crente arrependido? Primeiramente, Ele me salva do engano do pecado e da mentira de que Deus não ama os pecadores. Isso é feito nos primeiros estágios da regeneração mediante Sua graça despertadora, a qual me atrai para uma íntima união com Cristo, por meio da fé. E um dos frutos imediatos da conversão é a dádiva do perdão. Assim, o perdão me liberta da culpa e do poder condenador do pecado. A justificação e o perdão libertam da culpa do pecado qualquer pecador que, pela fé, esteja unido a Cristo. E quando sou libertado da culpa do pecado, esse é o primeiro e fundamental momento quando, como crente, eu começo a sentir verdadeiramente meu novo estado, a saber, de estar livre do poder do pecado em minha vida.

O perdão gratuito dos pecados ou a justificação *somente* pela fé nos liberta do fardo de tentar conseguir a reconciliação com Deus por meio de boas obras, o que é frequentemente chamado de legalismo. Em outras palavras, o crente sincero, mas mal orientado, pode estar sob a ilusão de que atos de obediência a qualquer dos requerimentos da vontade de Deus geram méritos em seu favor. Essa é, simplesmente, a ilusão da qual Paulo falou em termos muito claros: “Pois vocês são salvos pela graça, por meio da fé, e isto não vem de vocês, é dom de

Deus; não por obras, para que ninguém se glorie. Porque somos criação de Deus realizada em Cristo Jesus para fazermos boas obras, as quais Deus preparou antes para nós as praticarmos" (Ef 2:8-10).

Nessa passagem, Paulo estabelece facilmente uma transição de fé convertedora e justificadora para fé transformadora ou santificadora. A graça convertedora e justificadora nos livra da condenação do pecado e do egoísmo, que nos faz pensar que, pelos próprios esforços, poderemos chegar ao Céu. Mas, embora Paulo ensine a salvação da culpa do pecado apenas mediante a fé, ele também deixou claro que essa fé nunca estará só! Estar unido com Cristo me levará a uma mudança.

Graça transformadora ou santificação

Esse poderoso aspecto da graça salvadora é a obra interior do poder de Deus, a qual promove um caráter transformado e uma natureza cada vez mais harmonizada com o caráter de Cristo. Essa graça maravilhosa nos liberta gradualmente do poder dominador do pecado; é a constante obra de Cristo que passo a passo nos leva a uma nova vida. Mas isso não é tudo! A graça também libera a mente de ideias impróprias sobre o pecado e a justificação. Assim, ela traz maior clareza quanto ao horror do pecado e da preciosidade da graça de Deus recebida por meio da fé em Cristo. Com essas mudanças, a vida se torna totalmente diferente!

Graça glorificadora

O grandioso fim da transformação pela graça é a experiência da glorificação, que acontece por ocasião da segunda vinda de Jesus, quando todo verdadeiro seguidor de Cristo será transformado de corpo e mente, libertado de qualquer tendência pecaminosa que ainda possa molestá-lo. Será esse o toque final da libertação do pecado. Nesse ponto, a minha salvação será completada!

Conclusão

E então, como pode alguém encontrar a salvação? A resposta é muito simples: estando alerta à graciosa obra do Espírito de Deus, a qual está constantemente sendo comunicada para cada pecador. Essa atitude pode ser caracterizada como uma disposição de responder à graça convidadora, despertadora e convertedora que chega à medida que o Espírito busca conduzir cada pessoa de um maravilhoso estágio de regeneração para o seguinte. E, quando eu respondo ao

constante derramamento da amorosa graça de Deus, havendo sido encontrado por Deus, encontrarei a salvação em todas as suas benditas e completas facetas. Esteja seguro de que Deus está buscando você. Tudo o que você precisa dizer é: “Aqui estou! Toma-me e opera Tua graça em mim.”

Leitura adicional:

Knight, George. *Sin and Salvation: God’s Work for and in Us.* Hagerstown, MD: Review and Herald, 2008.

Whidden, Woodrow W. *The Judgment and Assurance: The Dynamics of Personal Salvation.* Hagerstown, MD: Review and Herald, 2011.

White, Ellen G. *Caminho a Cristo.* Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2008.

Woodrow W. Whidden obteve seu PhD na Universidade Drew em 1989 e serviu como pastor e professor de religião para estudantes universitários. Ele recentemente se aposentou depois de servir como professor do seminário do Instituto Internacional Adventista de Estudos Avançados (AIIAS, sigla em inglês), nas Filipinas. Suas publicações incluem o livro A Trindade, impresso pela Casa Publicadora Brasileira. Ele é casado com Peggy Gibbs Whidden. O casal tem três filhos e quatro netos.

1 Entre as várias referências sobre o tópico, ver Ellen G. White, *O Grande Conflito* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2002) p. 645.

Nancy J. Vyhmeister

Capítulo 19

Por que Sou Adventista do Sétimo Dia?

Sou adventista do sétimo dia por causa de Jesus Cristo. Aceitei o adventismo porque ele se harmoniza com o entendimento bíblico de quem Jesus é, o que Ele fez por mim, o que Ele me pede para fazer e o que Ele fará por mim no futuro. Tendo aceitado a mensagem bíblica sobre Jesus, não tenho opção senão ser adventista. Deixe-me explicar, começando com as crenças relacionadas ao nome da minha igreja. Depois mostrarei as diferentes maneiras que fazem um membro da Igreja Adventista do Sétimo Dia estar em perfeita harmonia com sua crença em Cristo.

"Adventista do Sétimo Dia"

Jesus identificou-Se como o Senhor do sábado (Mc 2:28). Em toda a Bíblia, a observância do sábado aponta para Jesus. No quarto mandamento (Êx 20), a razão dada para guardar esse dia é nos lembrarmos da
criação; de acordo com Colossenses 1:16, "nEle foram criadas todas as coisas". Na versão de Deuteronômio 5 sobre a guarda do sábado, o sétimo dia é uma lembrança da libertação da escravidão (v. 15); João 8:32 diz que Cristo me liberta. O sábado é o símbolo de descanso desde a primeira vez que é mencionado, em Gênesis 2, em que Deus descansa ou cessa Sua obra criadora, até Hebreus 4:9, 10, em que o sábado é uma antecipação do eterno descanso dos salvos. E, naturalmente, Jesus é o grande provedor do descanso: "Venham a Mim, todos os que estão cansados e sobrecarregados, e Eu lhes darei descanso" (Mt 11:28).

Um adventista é alguém que acredita e espera na segunda vinda de Jesus e aguarda esse dia. Antes mesmo de Sua morte e ressurreição, Jesus prometeu para os discípulos: "E se eu for e lhes preparar lugar, voltarei" (Jo 14:3). Enquanto os discípulos, estupefatos, olhavam o Senhor subindo ao Céu, dois mensageiros

celestiais lhes deram a renovadora promessa: “Este mesmo Jesus, que dentre vocês foi elevado aos Céus, voltará da mesma forma como O viram subir” (At 1:11).

A pessoa e a obra de Jesus

As crenças fundamentais adventistas, [1] em concordância com João 1:1, apontam para Cristo como Deus, não somente o Verbo “com Deus”. Ele é um Membro do “Trio Celestial”, como diz Ellen White se referindo à Trindade. [2] Como Deus em carne humana, Jesus disse para Felipe: “Quem Me vê, vê o Pai” (Jo 14:9).

Os quatro evangelhos narram o nascimento, vida, ministério e morte de Jesus. Essa história é vital para minha crença porque ela culmina com a crucifixão e ressurreição do Senhor. A tumba não foi capaz de detê-Lo. No terceiro dia, glorioso e vitorioso, Jesus Se levantou da sepultura (Mt 28:2, 3).

Jesus é o meu Salvador. Os apóstolos pregaram: “Não há salvação em nenhum outro, pois, debaixo do Céu não há nenhum outro nome dado aos homens pelo qual devamos ser salvos” (At 4:12). Paulo escreveu para os efésios: “NEle temos a redenção por meio de Seu sangue, o perdão dos pecados, de acordo com as riquezas da graça de Deus” (Ef 1:7). Além disso, por causa do que foi efetuado na cruz, “agora já não há condenação para os que estão em Cristo Jesus” (Rm 8:1). Esses ensinamentos bíblicos sobre Jesus, que são básicos para o adventismo, levam-me a ser uma adventista.

De acordo com o livro de Hebreus (ver especialmente Hb 4:14-16; 8:1-5; 9:11-27; 10:19-22), enquanto Jesus espera para voltar a Se reunir com Seu povo, Ele é o Sumo Sacerdote no santuário celestial. Ali, Ele é o meu Mediador, meu Advogado. Embora alguns possam considerar o juízo celestial como uma ameaça para a sua felicidade, eu não tenho nada a temer quanto ao juízo, pois Jesus está a meu lado. Alegro-me por ter Jesus como meu Sumo Sacerdote, Advogado e Juiz (2Tm 4:1).

Uma vida de obediência

Jesus claramente comissionou Seus seguidores a obedecer aos mandamentos: “Se vocês me amam, obedecerão aos meus mandamentos” (Jo 14:15). Ele afirmou que não veio para mudar as leis: “De forma alguma desaparecerá da lei a menor letra ou o menor traço” (Mt 5:18). Em harmonia com o adventismo, eu não guardo os mandamentos para obter algum tipo de mérito ou favor. Considero ser um privilégio guardar os mandamentos de Deus porque eu O amo e sei que

Ele designou Sua lei de amor para meu benefício.

A resposta de Jesus para o "perito da lei" que perguntara qual seria o grande mandamento mostra como deve ser nossa obediência: '"Ame o Senhor, o seu Deus de todo o seu coração, de toda a sua alma e de todo o seu entendimento.' Este é o primeiro e maior mandamento. E o segundo é semelhante a ele: 'Ame o seu próximo como a si mesmo.' Destes dois mandamentos dependem toda a Lei e os Profetas" (Mt 22:37-40).

Embora seja básico amar e obedecer a Deus, os mandamentos que Jesus enfatizou, especialmente no Sermão da Montanha, são os que se encontram na segunda tábua da lei – aqueles que se relacionam com minha conduta diante das outras pessoas. Jesus falou especificamente sobre as questões da ira, da lascívia, do divórcio, dos juramentos e da vingança (Mt 5:21-42). No clímax do sermão, Ele mostrou a necessidade de amparar os necessitados e amar os inimigos (Mt 5:43-6:4). Ao ver minha igreja seguindo essas instruções ao prestar serviço ao desafortunado, tanto na vizinhança como no além-mar, curando os enfermos em clínicas e hospitais e educando jovens em todos os níveis acadêmicos, fico feliz por ser uma adventista.

O povo de Deus é descrito em Apocalipse 14:12 (ARA) como os que guardam os "mandamentos de Deus" e têm a "fé em Jesus". Os dois elementos vêm juntos: a lei e Jesus. O primeiro faz parte de um estilo de vida de obediência. O segundo é a fonte da minha salvação.

A vida abundante

Jesus explicou o propósito de Sua vinda: "Eu vim para que tenham vida, e a tenham plenamente" (Jo 10:10). Essa vida abundante começa com a paz que Ele dá (Jo 14:27), uma paz que não é apenas uma simples ausência de hostilidade, mas um descanso que significa compartilhar um jugo com Jesus. O convite que Ele faz é simples: "Tomem sobre vocês o Meu jugo e aprendam de Mim, pois sou manso e humilde de coração, e vocês encontrarão descanso para as suas almas" (Mt 11:29).

Para mim, a doutrina bíblica do sono da morte, como ensinada por Jesus e pela Igreja Adventista do Sétimo Dia, só me traz paz. Na história da ressurreição de Lázaro, Jesus disse para os discípulos que Lázaro adormecera (Jo 11:11). Como os discípulos entenderam mal aquela figura de linguagem, Jesus teve de lhes dizer claramente: "Lázaro morreu" (v. 14). Posso confiar meus entes queridos ao sono da morte, pois Jesus deixou claro que isso é possível.

No entanto, a vida abundante inclui viver saudavelmente, lembrando que o

corpo é o templo do Espírito Santo. Ele não me pertence; eu fui comprada por um preço (1Co 6:19, 20). Para mim, isso significa que seguirei as instruções bíblicas acerca da alimentação (Lv 7:23, 26; 11). Em realidade, a dieta edênica – sementes e frutas (Gn 1:29) – é a que me atrai. Portanto, fico entusiasmada por pertencer a uma igreja que segue princípios de saúde a ponto de o mundo reconhecer os benefícios do estilo de vida adventista e acompanhá-los por meio de cuidadosa pesquisa. [3]

Seguindo Jesus

Ser um adventista equivale a seguir Jesus. Para iniciar minha vida cristã como membro da Igreja Adventista do Sétimo Dia, fui batizada por imersão, como Ele foi, para, assim, "cumprir toda a justiça" (Mt 3:15, 16). Como escreveu Paulo em Romanos 6:4: "Fomos sepultados com Ele na morte por meio do batismo, a fim de que, assim como Cristo foi ressuscitado dos mortos mediante a glória do Pai, também nós vivamos uma vida nova."

Quando os discípulos se reuniram no salão superior para celebrar a Páscoa, Jesus lavou seus pés poeirentos. Ele fez isso como um símbolo de humildade e purificação, e pediu para Seus seguidores fazerem o mesmo: "Eu lhes dei o exemplo, para que vocês façam como lhes fiz" (Jo 13:15). Gosto de saber que, ao participar na cerimônia de lava-pés, estou imitando o modelo de Jesus.

Como seguidora de Jesus, sou uma testemunha de Sua vida, Seu poder e Seu amor. Posso contar para os outros quem Ele é e o que fez por mim (At 1:8). Uno-me aos discípulos ao receber e cumprir a comissão evangélica: "Jesus aproximou-Se deles e disse: 'Foi-Me dada toda a autoridade nos Céus e na Terra. Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a obedecer a tudo o que Eu lhes ordenei. E Eu estarei sempre com vocês, até o fim dos tempos'" (Mt 28:18-20). Sou grata por fazer parte de uma igreja que tenta cumprir essa missão ao redor do mundo por meio da proclamação, do serviço e da comunhão entre seus membros.

Profecia

Jesus cria na profecia; os adventistas também creem. As Escrituras dão testemunho dEle (Jo 5:39). Mais especificamente, Ele indicou que os escritos de Moisés falavam dEle (Jo 5:46). Quando a multidão se aproximou com os soldados para prendê-Lo, Jesus observou que "tudo isso aconteceu para que se

cumprissem as Escrituras dos profetas” (Mt 26:56). O próprio Jesus profetizou. Mateus 24 e 25 registram Suas falas proféticas sobre a destruição de Jerusalém e o tempo do fim.

Jesus prometeu a vinda do Conselheiro: “O Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome.” O propósito desse Ajudador celestial, disse Ele para os discípulos, seria o seguinte: “[Ensinar] todas as coisas e lhes [fazer] lembrar tudo o que Eu lhes disse” (Jo 14:26). A profecia foi um dos dons que o Espírito trouxe para aquela igreja ainda jovem (Rm 12:6; 1Co 12:10). No livro de Apocalipse, os filhos da mulher, simbolizando a igreja, são “os que obedecem aos mandamentos de Deus e se mantêm fiéis ao testemunho de Jesus” (Ap 12:17). Poucos capítulos depois, esse “testemunho de Jesus” é definido como o “espírito de profecia” (Ap 19:10). Obviamente, a profecia é uma marca dos que seguem a Cristo no tempo do fim.

Assim, a importância conferida ao estudo dos livros proféticos de Daniel e Apocalipse dentro da Igreja Adventista do Sétimo Dia, como também o ministério de Ellen White, está em harmonia com a postura de Jesus quanto à profecia.

Jesus no livro de Apocalipse

Desde o capítulo 1 até o capítulo 22, Jesus está no centro do livro de Apocalipse. Sua presença ali me dá confiança quanto ao futuro. Ele será o Grande Vencedor. E eu posso ser vencedora com Ele. Minha igreja enfatiza essa vitória final em Cristo.

O livro é anunciado como a “revelação de Jesus Cristo” (Ap 1:1). Com temor e admiração, João viu Jesus Se apresentar em ofuscante brilho, caminhando entre os candeeiros, preocupando-se com as igrejas (Ap 1:12-17). As mensagens de louvor e exortação para as igrejas da Ásia Menor e, por meio delas, para as igrejas de todos os tempos, são mensagens de amor e esperança.

Jesus, então, aparece como o Cordeiro que foi imolado, na cena do capítulo 5. Por ter sido imolado e, com Seu sangue, ter pagado o resgate por Seu povo, Ele é digno de abrir o livro. Em Apocalipse 12, Jesus luta com o dragão e o vence!

Sim, há vários animais em Apocalipse – animais assustadores e poderosos. Todavia, por causa de Jesus, não há medo entre Seus seguidores. No capítulo 14, o Cordeiro se apresenta vitorioso com Seu povo no monte Sião. No capítulo 15, os remidos cantam o cântico de Moisés e do Cordeiro. Todas as nações vêm para adorar Jesus, dizendo:“Os Teus atos de justiça se tornaram manifestos” (v. 4). Uma sucessão de cenas dramáticas finalmente prepara o caminho para o

aparecimento de um Cavaleiro montado em um cavalo branco (Ap 19:11). As Suas vestes foram tingidas com sangue, mas o Seu nome é “o Senhor, o nosso Deus, o Todo-Poderoso” (Ap 19:16). Satanás é derrotado. O mal chega ao fim. O juízo final ocorre diante do grande trono branco. João vê um novo céu e uma nova Terra (Ap 21). Tudo é renovado. Extasiado, João ouve Jesus reiterar o anúncio: “Eis que venho em breve” (Ap 22:12).

Assim como João, os fiéis de todas as épocas e os meus irmãos adventistas, espero, ansiosa, a consumação de todas as coisas. Naquele dia, estarei feliz por ter andado com Jesus e com os que compartilham o meu amor pelo Senhor. Por causa desse Jesus de Apocalipse, minha confiança é total.

Leitura adicional:

Dederen, Raoul, ed. *Handbook of Seventh-day Adventist Theology.* Commentary Reference Series, v. 12. Hagerstown, MD: Review and Herald, 2000.

Seventh-day Adventists Believe: A Biblical Exposition of Fundamental Doctrines. 2ª ed. Nampa, ID: Pacific Press, 2005.

Questões Sobre Doutrina. Edição Anotada. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2008.

Nancy J. Vyhmeister *está jubilada e mora em Loma Linda, California, depois de lecionar para pastores por cerca de cinquenta anos no Chile, Argentina, Filipinas e Estados Unidos. Ela também apresentou palestras e deu cursos em outros doze países. Suas áreas de especialidade têm sido pesquisas bíblicas, missões e métodos de pesquisa. Ela obteve o seu doutorado em educação religiosa na Universidade Andrews em 1978. Suas publicações incluem artigos e livros em espanhol e inglês, dos quais os mais conhecidos são:* Gramática Griega *(edições de 1968 a 2010),* Quality Research Papers *(Zondervan, 2001 e 2008) e* Manual de Investigación Teológica *(edições de 1980 a 2009). Ela foi editora de* Women in Ministry *(Universidade Andrews, 1998). Esposa, mãe e avó, ela participa ativamente na vida de sua igreja local.*

1 “Há um só Deus: Pai, Filho e Espírito Santo, uma unidade de três Pessoas coeternas.” Igreja Adventista do Sétimo Dia, Crenças Fundamentais. Disponível em <http://www.portaladventista.org/portal/quem-somos/5-crencas-fundamentais>. Acessado em 9 de maio de 2013.

2 Ellen G. White, “The Father, Son, and Holy Ghost”, *Bible Training School*, 1º de março de 1906.

3 Dan Buettner, “The Secret of Long Life”, *National Geographic*, novembro de 2005, p. 22-26; *The*

Adventists, direção de Martin Doblmeier (Alexandria, Virginia: Journey Films, 2010), DVD.

Merlin D. Burt

Capítulo 20

Quem Foi Ellen White?

Ellen White foi uma jovem senhora cristã que, com seu esposo, Tiago White, e com José Bates, fundou a Igreja Adventista do Sétimo Dia. Também foi uma pessoa que recebeu comunicações especiais vindas de Deus em forma de visões e sonhos por mais de setenta anos, até sua morte em 1915. Ela veio a ser uma eficaz escritora, cujas dezenas de livros, espiritualmente orientados, ainda são uma bênção para milhões de pessoas ao redor do mundo, em mais de cem línguas. Seu ministério teve influência na experiência de indivíduos e de pastores da igreja. Ela ajudou muitas pessoas a novamente fixar os olhos em Cristo e a evitar padrões pecaminosos e práticas destrutivas ou delas se recuperarem. Suas visões e conselhos proféticos levaram ao estabelecimento e crescimento das publicações, instituições de saúde, ministérios educacionais e da estrutura organizacional da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Mas, sem dúvida alguma, o mais importante sobre Ellen White é que ela amava profundamente Jesus e estudava a Bíblia com profundidade. Isso está muito claro em seus escritos. É essa orientação que tem ajudado tantas pessoas a conhecer a Deus e a aceitar Jesus como salvador.

Também é importante saber o que Ellen White não era. Ela e outros líderes adventistas não criam que seu dom profético lhe conferia autoridade acima ou igual à das Escrituras. Ela sempre considerou que seus escritos levavam à Bíblia. A Bíblia era a base para sua fé e seu dom profético. Consistente e energicamente, ela apontava para a Bíblia como a única base para a fé e a prática cristã. Os escritos de Ellen White tampouco são requeridos para estabelecer qualquer das doutrinas da igreja. A história do desenvolvimento da Igreja Adventista do Sétimo Dia mostra que, embora suas visões enriquecessem o entendimento e corrigissem algumas ideias à medida que elas eram desenvolvidas, não eram elas que originavam a compreensão doutrinária. Ellen White não era perfeita, nem estava livre das lutas e tentações. O estresse algumas vezes a deixava sobrecarregada, o que lhe causava enfermidades. Ela tinha desafios conjugais e lutas com os filhos, especialmente com o segundo, Edson. Por vezes, as pessoas

veem alguns dos escritos de Ellen White como duros e críticos. É importante entender que Ellen White não viveu em um mundo pós-moderno onde a linguagem quase sempre é hesitante. Os dedicados cristãos de seus dias falavam de maneira franca e direta. E uma coisa mais: embora ela fosse uma líder-chave para os adventistas do sétimo dia, sua autoridade era espiritual em vez de oficial/denominacional. Ela nunca teve cargos formais na igreja. Sua experiência profética e pessoal, assim como seu ministério, conferia autoridade a seus ensinamentos e conselhos.

O restante deste capítulo se focalizará nas duas forças motivadoras mais importantes da vida de Ellen White e na melhor resposta sobre quem foi ela.

Ellen White e o amor de Deus

Nascida em 1827, Ellen White cresceu em um lar metodista muito religioso. Seu pai era um líder na igreja e chegou a dar início a uma congregação filial no sul de Portland, estado de Maine, durante a primeira metade da década de 1840. Ellen, tanto em sua infância quanto na adolescência, mostrou uma personalidade introvertida e intensa. Ela teve uma vida com altas expectativas pessoais. Teve, também, alguns equívocos religiosos herdados de suas origens religiosas. Sua crença em um inferno ardente fez-lhe ver Deus como um irado "tirano que se deleitava nas agonias do condenado". [1] Suas leituras sobre as histórias pietistas que descreviam pessoas de vidas santificadas, livres de dúvidas, pecados ou fraquezas emocionais faziam com que ela duvidasse da possibilidade de ser uma cristã. Mais tarde, ela descreveu esse sentimento: "Em meu coração, havia um sentimento de que eu nunca seria digna de ser chamada uma filha de Deus. [...] Em meu coração, havia uma terrível tristeza." [2]

A conversão de Ellen White ocorreu na juventude. Aos nove anos, um sério acidente deixou o nariz e talvez outros ossos faciais fraturados. A medicação afetava seu equilíbrio e, além disso, ela desenvolveu complicações respiratórias. Sua duradoura incapacidade física deu fim a qualquer esperança de que ela obtivesse qualquer tipo de educação formal. Esse processo de perda levou, naturalmente, à raiva e ao ressentimento, o que ela projetou em Deus. "Eu estava inconformada com a minha sorte", ela lembra, "e, às vezes, murmurava contra a providência divina, que me afligia daquela maneira." [3]

Duas experiências fundamentais em sua conversão foram: perceber que Jesus podia salvar os pecadores, o que lhe ocorreu em 1841 em uma reunião campal metodista em Buxton, Maine; e descobrir que Deus é um Pai de amor, o que ocorreu em uma sessão de aconselhamento com Levi Stockman, provavelmente

em 1843. Quase na mesma ocasião, ela também rejeitou a ideia de um inferno que ardia eternamente. “As maneiras com que eu via o Pai mudaram”, ela lembra, “e agora eu O via como um pai bondoso e terno, em vez de um tirano implacável forçando os homens a obedecer-Lhe cegamente. Meu coração se abriu para Ele em um profundo e fervoroso amor.” [4] Anos mais tarde, o amor de Deus se tornaria o tema favorito de Ellen White. [5] Ela ensinava que esse também é o tema favorito de Jesus. [6] Seu cântico favorito era “Meu Divino Protetor”, de Charles Wesley. [7]

A obra mais importante e extensa de Ellen White é *O Grande Conflito*, uma série com cinco volumes que, com base na Bíblia e na história, mostra a luta entre o bem e o mal desde o princípio até a futura nova Terra, quando todo vestígio do mal será removido. Ela chamou essa luta cósmica de o grande conflito e emoldurou esses cinco livros com o amor de Deus. O primeiro livro, *Patriarcas e Profetas*, começa com as palavras: “‘Deus é amor’ (1Jo 4:8). Sua natureza, Sua lei, são amor. Assim sempre foi; assim sempre será.” [8] O último livro, *O Grande Conflito*, termina com as seguintes palavras: “Uma única palpitação de harmonioso júbilo vibra por toda a vasta criação. [...] Desde o minúsculo átomo até ao maior dos mundos, todas as coisas, animadas e inanimadas, em sua serena beleza e perfeito gozo, declaram que Deus é amor.” [9] Seu livro mais traduzido e mais lido é *Caminho a Cristo*. O primeiro capítulo desse livro é sobre o amor de Deus.

Ellen White e a Bíblia

Por causa das visões proféticas de Ellen White, os adventistas do sétimo dia têm se referido a seus escritos como o Espírito de Profecia. Isso tem sido por vezes desafiado, mas, uma vez entendido corretamente, não sendo limitado exclusivamente ao ministério e aos escritos de Ellen White, é essencialmente correto. Apocalipse 19:10 se refere à revelação profética como o “testemunho de Jesus” ou o “espírito de profecia”. Há algo de profundo nas palavras “*testemunho de Jesus*”. Em Apocalipse, é dado a João o testemunho de Jesus para as igrejas. As palavras literalmente passam o significado de que o próprio Jesus está Se comunicando com Seu povo por meio da mensagem profética. Ellen White entendia que suas revelações proféticas tinham essa caraterística. Era Jesus que estava procurando compartilhar testemunhos ou conselhos com Seu povo. Todo o processo profético era e é intrinsecamente centralizado em Cristo.

Quando alguém começa a ler os escritos de Ellen White, fica muito claro que

eles apontam para a Bíblia. Ellen White escreveu extensivamente sobre a relação de seus escritos com a Bíblia e o papel da Bíblia na fé e prática cristãs. “A nossa regra de fé é a Bíblia, e a Bíblia só”, [10] ela escreveu. A conclusão de sua primeira brochura – publicada em 1851 – deu o tom quanto à sua posição concernente à Bíblia e a seus escritos: “Recomendo-lhe, caro leitor, que a Palavra de Deus seja a sua regra de fé e prática. Por essa Palavra seremos julgados. Nela Deus prometeu dar visões nos ‘últimos dias’; não para uma nova regra de fé, mas para conforto de Seu povo e para corrigir os que se desviam da verdade bíblica.” [11]

Em 1845, durante os primeiros meses de sua experiência profética, um proeminente ministro a influenciou a pensar que suas visões eram resultado de mesmerismo ou hipnotismo. Uma vez, ao receber o Espírito de Deus, ela resistiu a Ele. Como resultado, ficou temporariamente muda. Um cartão dourado com cinquenta textos bíblicos lhe foi mostrado. Esses textos ficaram gravados em sua mente, e ela os estudou cuidadosamente. Deus usou a Bíblia para validar sua experiência. [12] Em pelo menos quatro ocasiões durante os primeiros anos de seu ministério profético, Ellen White segurou uma Bíblia em visão. [13] Em sua última mensagem para a Associação Geral, na assembleia de 1909, ela levantou sua Bíblia diante de todos e disse: “Irmãos e irmãs, recomendo-lhes esse Livro.” [14]

Os escritos de Ellen White estão intimamente ligados à Bíblia. A série *O Grande Conflito*, já mencionada, é um amplo comentário cronológico sobre a Bíblia. Outros livros, como *Parábolas de Jesus* e *O Maior Discurso de Cristo* são comentários sobre as parábolas e sermões de Jesus encontrados nos evangelhos. Outros livros de maior importância, como *Educação* e *A Ciência do Bom Viver*, embora sejam sobre tópicos específicos, estão firmemente enraizados nas Escrituras. Mesmo os livros de aconselhamento, como *Testemunhos Para a Igreja*, têm uma firme orientação bíblica. [15] Embora Ellen White recebesse revelações proféticas autorizadas, seu principal objetivo era levar as pessoas para a Bíblia. “Pouca atenção é dada à Bíblia”, escreveu ela, “e o Senhor deu uma luz menor para guiar homens e mulheres à luz maior.” [16] Ao compartilhar o conselho que lhe dera o Senhor, ela escreveu: “Meu primeiro dever é apresentar os princípios bíblicos. Então, a menos que tenha sido efetuada decidida e conscienciosa reforma por aqueles cujos casos me foram apresentados, preciso apelar pessoalmente para eles.” [17]

Ellen White cria na autoridade final das Escrituras mesmo acreditando que Deus lhe falava de maneira sobrenatural e profética para que a igreja recebesse a mensagem. A qualidade da inspiração em seus escritos é a mesma dos profetas bíblicos, mas o propósito é diferente. Uma parte vital de seu papel especial como

uma profetisa moderna era dar testemunho quanto à centralidade e primazia da Bíblia. Ela foi uma profetisa que mostrava a Bíblia para os adventistas do sétimo dia e para o mundo. “Tenho uma obra de grande responsabilidade para fazer”, ela escreveu, “comunicar pela pena e de viva voz as instruções a mim concedidas, não somente para os adventistas do sétimo dia, mas para o mundo. [...] Esta é a minha obra – revelar para outras pessoas as Escrituras assim com Deus a mim as revelou.” [18] A prova definitiva, entretanto, é realmente ler seus escritos e conectá-los com as Escrituras em um processo vivo e dinâmico de fé e ação.

Conclusão

Gostaria de encerrar focalizando Ellen White e sua relação com Jesus. Em uma conversa com a secretária, já em seu último ano de vida, ela disse: “Meus olhos se enchem de lágrimas quando penso no que o Senhor significa para Seus filhos e quando contemplo Sua bondade, Sua misericórdia e Sua terna compaixão.” [19]

Os adventistas dos dias de hoje, especialmente os jovens, precisam ver Ellen White como uma pessoa que manifestava profundo amor por Jesus. Talvez a melhor conclusão seja mais uma ilustração. É uma memória da neta mais velha de Ellen White, Ella Robinson, que tinha pouco mais de 30 anos quando Ellen White faleceu. Ao lhe perguntarem sobre sua lembrança favorita da avó, ela disse:

> Vejo a vovó em pé, atrás do púlpito, vestida com uma jaqueta preta e folgada que deixa ver os punhos e colarinho brancos da blusa, abotoada na altura da garganta por um pequeno broche. Ela fala sobre o incomparável amor de Cristo que O levou a sofrer a ignomínia e a morte, chegando a correr o risco de eterna separação do Pai celeste ao tomar sobre Si os pecados do mundo. Ela faz uma pausa, olha para cima e, com uma mão repousando sobre o púlpito e a outra erguida para o alto, exclama em alto e bom som: “Oh, Jesus, como eu Te amo, como eu Te amo, como eu Te amo.” Há uma profunda quietude. O Céu está
> muito perto. [20]

Quem era, pois, Ellen White? Uma mulher que amava profundamente a Jesus e mantinha o foco na Bíblia. Ela foi chamada por Deus para ser Sua mensageira profética a fim de conduzir os adventistas do sétimo dia e o mundo para a Bíblia.

Ela também foi uma líder espiritual que ajudou a estabelecer importantes ministérios da Igreja Adventista do Sétimo Dia, e seus escritos continuam sendo conselhos inspirados. Não seria oportuno abrir um de seus livros e começar a lê-lo?

Leitura adicional:

Burt, Merlin D. “My Burden Left Me”. *Adventist Review*, 25 de abril de 2001, p. 8-12.

_____, “Ellen G. White and *Sola Scriptura*”. Disponível em <http://www.adventistbiblicalresearch.org/conversation%20with%20presbyteri

Douglass, Herbert E. *Mensageira do Senhor: O Ministério Profético de Ellen G. White*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2001.

Knight, George R. *Reading Ellen White: How to Understand and Apply Her Writings*. Hagerstown, MD: Review and Herald, 1997.

Meet Ellen White: A Fascinating Look at Her Personal Life, Prophetic Gift, and Lasting Legacy. DVD. Hagerstown, MD: Review and Herald. Uma seleção de *Keepers of the Flame*. Sydney, Austrália: Adventist Media Centre Production, 1996.

White, Arthur L.; *Ellen G. White*. 6 volumes. Washington, DC: Review and Herald, 1981-1986.

Merlin D. Burt é o diretor-fundador do *Centro Integrado de Pesquisa Adventista* na Universidade Andrews. É também diretor do escritório central do El*len G. White Estate na Andrews, onde trabalha há 17 anos e leciona na área de estudos sobre “Os Adventistas e Ellen White”, no Seminário Teológico Adventista da Andrews. Obteve seu PhD em Religião na área de estudos sobre o adventismo em 2003. Sua tese abordou o desenvolvimento e a integração do sábado, do santuário e o papel de Ellen White no adventismo de 1844 a 1849. Natural de Santa Helena, Califórnia, EUA, serviu também como diretor do White Estate em Loma Linda e como pastor na Califórnia e em Ohio. Ele e a esposa têm três filhos e um neto. Seus hobbies incluem carpintaria e colecionar materiais relacionados ao adventismo.*

1 Ellen G. White, “Life Sketches Original Manuscript” (Silver Spring, MD: Ellen G. White Estate), p. 32.

2 Ibid., p. 14, 15.

3 James White e Ellen White, *Life Sketches: Ancestry, Early Life, Christian Experience, and Extensive*

Labor, of Elder James White, and His Wife Mrs. Ellen G. White (Battle Creek, MI: Steam Press of the Seventh-day Adventist Publishing Association, 1880), p. 135.

4 Ellen G. White, "Life Sketches Original Manuscript", p. 43.

5 Ellen G. White, "The New Zealand Camp Meeting", *Review and Herald*, 6 de junho de 1893, p. 2, 3.

6 Ellen G. White, *Parábolas de Jesus* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2001 [CD-ROM]), p. 40.

7 Ellen G. White para a irmã Sisley, 23 de outubro de 1906, Carta 324, 1906; "The Work in Oakland and San Francisco, nº 3", *Review and Herald*, 13 de dezembro de 1906, p. 10; "The New Zealand Camp Meeting", *Review and Herald*, 6 de junho de 1893.

8 Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2001 [CD-ROM]) p. 84.

9 Ellen G. White, *O Grande Conflito* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2001 [CD-ROM), p. 678.

10 Ellen G. White, *Conselhos Sobre a Escola Sabatina* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2001 [CD-ROM]), p. 84.

11 Ellen G. White, *Primeiros Escritos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2001 [CD-ROM]), p. 78.

12 Ibid., p. 22, 23.

13 W. C. White para Sarah Peck, 2 de abril de 1919, Center for Adventist Research, Universidade Andrews, Berrien Springs, Michigan (CAR); J. N. Loughborough, *The Great Second Advent Movement, Its Rise and Progress* (Washington, DC: Review and Herald, 1905), p. 236, 237; Otis Nichol, "Statement by Otis Nicho", s.d., CAR; Ellen G. White, "My Christian Experience: Views and Labors in Connection With the Rise and Progress of the Third Angel's Message", *Spiritual Gifts*, (Battle Creek, MI: James White, 1860), v. 2, p. 75-79; James White para Leonard e Elvira Hastings, 26 de agosto de 2848; Sra. S. Howland, Rebecca Howland Winslow, Frances Howland Lunt, "Signed Statement", Manuscrito liberado, nº 1148.

14 Citado em W. A. Spicer, *The Spirit of Prophecy in the Adventist Movement* (Washington, DC: Review and Herald, 1937), p. 30.

15 Ellen G. White, *Testemunhos Para a Igreja*, 9 volumes (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2002).

16 Ellen G. White, O *Colportor Evangelista* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2001 [CD-ROM]) p. 125.

17 Ellen White, Carta 69, 1896, citado em *Mensagens Escolhidas* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2001 [CD-ROM]), v. 3, p. 30.

18 Ellen G. White, *Testemunhos Para a Igreja* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2006) v. 8, p. 236.

19 Entrevista com Ellen G. White e C. C. Crisler, 21 de julho de 1914.

20 Entrevista com James R. Nix e Ella Mae Robinson, 12 de outubro de 1979.

CPB NA INTERNET

FAÇA SUAS COMPRAS COM COMODIDADE

APROVEITE PROMOÇÕES EXCLUSIVAS



LIVROS, REVISTAS, AUDIOLIVROS, CDS E DVDS

CONECTE-SE ATRAVÉS DAS NOSSAS REDES SOCIAIS COM MILHARES DE SEGUIDORES

ACESSE AGORA

www.cpb.com.br